



Toda Menina na Escola:

pelo direito à educação na Maré

Toda me
na Escol
menina
cola

Toda me
na Escol

Este livro é dedicado a todas as mulheres: aquelas que com suas lutas abriram caminhos para outras que, ao seguirem seus passos, continuam lutando para garantir os direitos das populações nas 16 favelas da Maré.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Toda menina na escola : pelo direito à educação na Maré / coordenação editorial Adriana Pavlova, Alessandra Pinheiro, Andréia Martins. -- Rio de Janeiro : Redes da Maré : Associação Redes de Desenvolvimento da Maré, 2023.

Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-85-61382-12-4

1. Direito à educação 2. Favelas - Aspectos sociais - Brasil 3. Igualdade de gênero 4. Mulheres - Educação 5. Políticas públicas I. Pavlova, Adriana. II. Pinheiro, Alessandra. III. Martins, Andréia.

23-159688

CDD-320.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Direitos : Políticas públicas 320.6

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

- 8 **Abertura**

- 12 **A Redes da Maré**

- 14 **O Fundo Malala**

- 16 **O Conjunto de Favelas da Maré**

- 20 **O contexto educacional na Maré**

- 32 **Covid-19 e a educação na Maré**

- 40 **Conectividade e pandemia**

- 44 **Estratégias metodológicas para a garantia do direito à educação**

- 118 **Resultados: Toda Menina na Escola em números**

- 126 **Um passeio pelas favelas da Maré guiado pelas articuladoras locais**

- 170 **Próximos Passos**

Prefácio

Num país que historicamente tem dificuldades de encarar seus problemas de frente, o livro **Toda Menina na Escola: pelo direito à educação na Maré** é um feixe de luz nessa realidade. A obra esmiúça os três anos de trabalho do projeto, realizado no Rio de Janeiro através de uma parceria da Redes da Maré com o Fundo Malala, a fim de incidir na garantia da educação formal de crianças e adolescentes da região.

A publicação chama atenção especificamente para os desafios em relação às dificuldades enfrentadas por meninas para acessar a escola e se manter nela. Apresenta, ainda, estratégias e propostas de soluções práticas para mudanças estruturantes a curto, médio e longo prazos, tendo como referência a pandemia da covid-19 e os prejuízos ao aprendizado decorrentes desse período.

Um trabalho construído com muita coerência a partir de uma metodologia de campo, que valorizou as trocas diárias e intensas com as crianças e adolescentes, suas famílias, os profissionais das escolas e os gestores responsáveis pela implementação da política pública de educação. Uma iniciativa que coletou dados e informações aprofundadas sobre a realidade de meninas das favelas da Maré, que se transformou em produção de conhecimento para a tão necessária incidência política junto ao poder público.

O **Toda Menina na Escola** é mais um passo da inserção histórica da Redes da Maré num território onde as políticas públicas deixam muito (e desde sempre) a desejar. Nossas ações, há mais de duas décadas, começaram justamente pela busca de uma educação mais igualitária.

No final dos anos 1990, nos demos conta de que menos de 0,5% da população que vivia as 16 favelas da Maré tinha acessado a universidade, um número ínfimo. Então, mesmo antes de qualquer tipo de reflexão sobre sistema de cotas nas universidades públicas, um grupo de moradores das favelas da Maré que tinha chegado à universidade se reuniu para preparar outros moradores para o acesso à graduação.

Achávamos e continuamos a achar que as soluções estão aqui, na favela. Somos uma organização que tem como missão fomentar projetos estruturantes que criem um ambiente em que os direitos da população se estabeleçam de maneira plena. Infelizmente, a histórica falta de políticas públicas nas favelas e periferias faz com que a ausência de direitos básicos da população seja naturalizada.

Ao longo da última década, foi possível, a partir da luta da sociedade civil organizada, ampliar o número de escolas nas favelas da Maré. Hoje são 50 unidades públicas (46 municipais e quatro estaduais), mas precisamos garantir a qualidade do ensino, fazendo com que o direito à educação se efetive plenamente, aumentando a autonomia de cada sujeito, de cada morador. A educação é fundamental em nossas trajetórias e em nossas vidas, porque permite autonomias e mobilidades de tempos e espaços.

Precisamos pensar nos desafios que temos nas favelas quando constatamos que as escolas não funcionam como deveriam e a justificativa mais comum para isso é a negação de um outro direito, o direito à segurança pública. As informações reunidas nesta publicação evidenciam a necessidade do Estado assumir suas responsabilidades. Precisamos usar este aprendizado para pautar as políticas públicas cada vez mais.

Nosso sonho é que o projeto **Toda Menina na Escola** inspire e contagie gente no Rio de Janeiro, no Brasil e pelo mundo afora. É chegada a hora.

Eliana Sousa Silva

Diretora e Fundadora da Redes da Maré

Abertura

Esta publicação apresenta a experiência do projeto **Toda Menina na Escola**, iniciativa realizada pela Redes da Maré, com apoio do Fundo Malala, no período de abril de 2020 a maio de 2023.

O projeto teve como objetivo contribuir para a garantia do acesso e permanência de meninas entre 5 e 20 anos, moradoras do Conjunto de Favelas da Maré, Zona Norte do Rio de Janeiro, na educação formal. A iniciativa também teve como proposta colaborar para que as escolas ofereçam uma educação com igualdade de gênero e antirracista.

A metodologia utilizada foi pautada em seis estratégias, desdobradas em ações: **i.** busca ativa; **ii.** realização de atividades formativas com equipes pedagógicas e estudantes sobre gênero, raça e identidade; **iii.** articulação com instituições locais e equipamentos públicos das áreas de educação, saúde, assistência social e cultura; **iv.** ações de mobilização comunitária para sensibilização do direito à educação; **v.** incidência política para garantir vagas para estudantes nas escolas públicas da Maré; e **vi.** produção e sistematização de dados sobre crianças e adolescentes infrequentes ou fora da escola na Maré.

Cada uma dessas estratégias, que serão detalhadas ao longo desta publicação, foram construídas a partir de experiências anteriores voltadas para crianças e adolescentes fora da escola ou infrequentes, como a primeira edição do projeto Nenhum a Menos: Programa Integrado de Políticas Sociais para Crianças e Adolescentes Vulneráveis da Maré, realizada entre os anos de 2004 e 2007 (Redes da Maré, 2008)¹.

¹ REDES DA MARÉ. Nenhum a Menos... e muitos esforços a mais! Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2008. Disponível em: <<https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/-Nenhum-a-menos5dc-62d17076c3.pdf>>.

Apesar da ampliação significativa do número de unidades escolares públicas no Conjunto de Favelas da Maré, de 19 para 50², nos últimos 20 anos, e do atendimento de mais de 20 mil estudantes, ainda há crianças e adolescentes em idade de frequência obrigatória à educação formal fora das escolas ou infrequentes. De abril de 2020 a maio de 2023, período do **Toda Menina na Escola**, foram identificadas **860** meninas fora da escola ou infrequentes, a partir das ações de busca ativa, com 4.131 acompanhamentos³. Reforçando nosso compromisso com a educação de toda a população da Maré, a equipe se inseriu em um programa de busca ativa institucional que contabilizou também meninos. E assim foram realizados 1.722 cadastros totais: 775 meninos, entre 5 e 20 anos; além de 87 adultos com interesse em voltar à escola, sendo 77 mulheres e 10 homens, a partir de 21 anos.

Nossa leitura começa com a contextualização do Conjunto de Favelas da Maré, em seus aspectos sociodemográficos seguidos de seu contexto educacional, considerando que, durante o período de realização do projeto, foram 20 meses sem atividades pedagógicas presenciais, consequência da pandemia da covid-19. O planejamento do trabalho, especialmente no primeiro ano, precisou ser ajustado ao contexto da pandemia, quando realizamos a pesquisa Covid-19 e educação de meninas no Conjunto de Favelas da Maré (Redes da Maré, 2021)⁴, que constatou que os impactos da educação mediada por tecnologia para uma população que tem pouco acesso a equipamentos eletrônicos e à internet foram imensuráveis. Feita a contextualização, apresentamos as estratégias metodológicas nos seus diferentes níveis, apontando os limites e as possibilidades na realização de uma iniciativa que busca incidir em políticas públicas educacionais, em um conjunto de favelas.

² No início dos anos 2000, havia 19 escolas públicas na Maré, 16 da rede municipal e três da rede estadual. Atualmente, em 2023, o conjunto de escolas públicas soma 50 unidades, 46 municipais e quatro estaduais.

³ Na metodologia do *Toda Menina na Escola*, é considerado acompanhamento cada contato ou ação referente às meninas identificadas, incluindo visitas domiciliares, telefonemas com a família, diálogo direto com a gestão das escolas e com a 4ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE), responsável pelas matrículas na Maré.

⁴ REDES DA MARÉ. Educação de Meninas e covid-19 no Conjunto de Favelas da Maré. Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2021. Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/pesq_covid_mare_PORT_web60369a328ca93.pdf>.

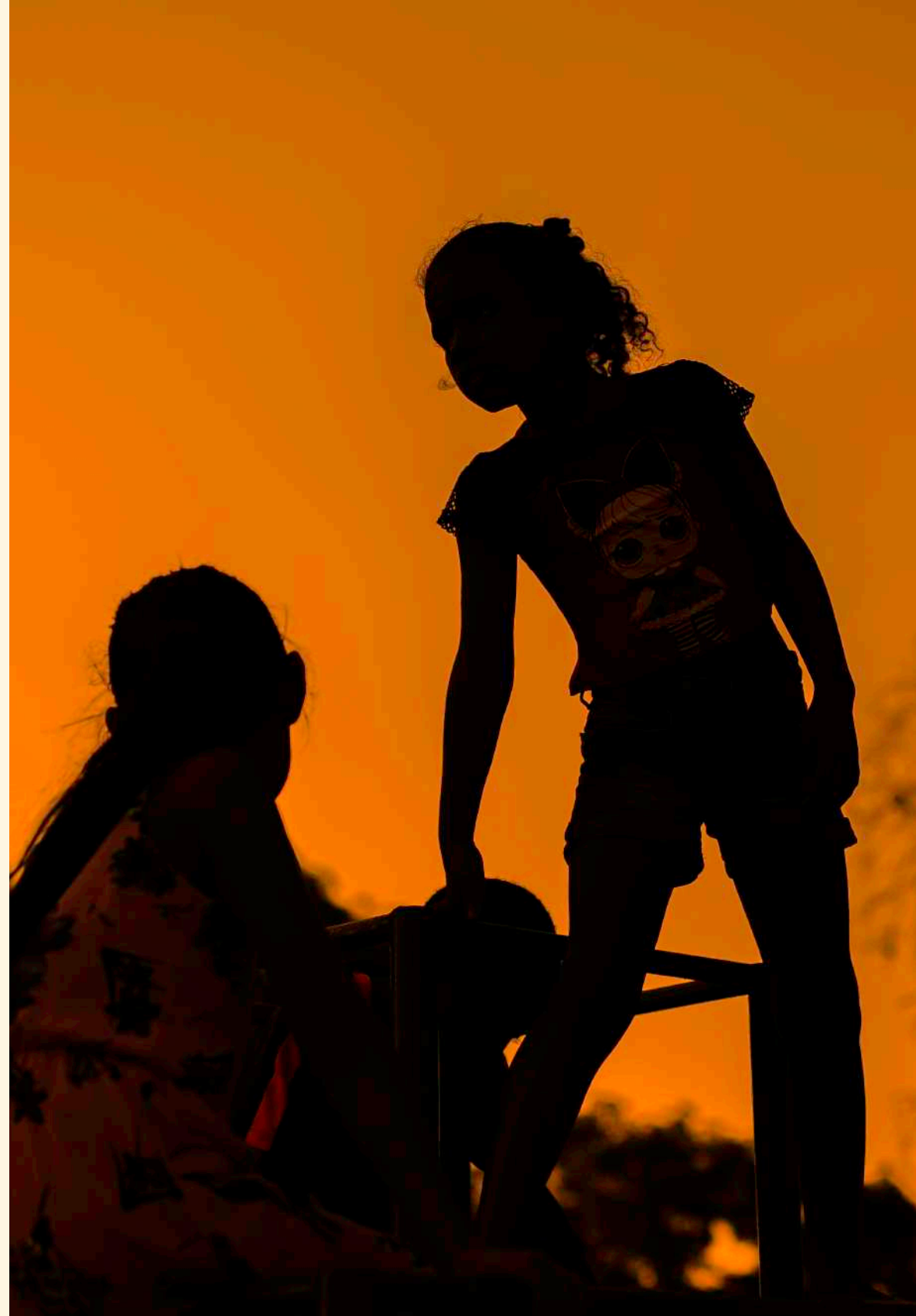
A Maré é marcada por violações de direitos e muitas especificidades, que exigem um olhar mais cuidadoso das diferentes instâncias do poder público na tomada de decisões em relação à adequação de políticas públicas que possam atender às demandas efetivas dos quase 140 mil moradores (Redes da Maré, 2019)⁵, distribuídos nas 16 favelas. Ao longo da metodologia, apresentamos histórias vivas, casos concretos, acompanhados pela equipe do projeto, que evidenciam o descompasso entre estudantes, suas famílias e as escolas.

Para trazer o leitor para o cotidiano da Maré, optamos por mostrar cada um dos 16 territórios em suas singularidades, através do olhar da equipe de campo, as articuladoras locais, que, durante dois anos, caminharam por becos, ruas e ruelas das 16 favelas. A publicação também é ilustrada por imagens de fotógrafos mareenses, como uma segunda maneira de apresentar a Maré, agora com a linguagem visual.

Esperamos que o trabalho sistematizado de produção de conhecimento, inserção e acompanhamento de crianças e adolescentes infrequentes ou fora da escola impulse a construção de novas e tão necessárias políticas para a educação não só na Maré, mas em outras favelas e periferias que vivem realidades similares.

Boa leitura!

Equipe Toda Menina na Escola/Redes da Maré



⁵ REDES DA MARÉ. *Censo Populacional da Maré. Rio de Janeiro: Redes da Maré., 2019. Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/CensoMare_WEB_04MAI.pdf>.*

A Redes da Maré

A Redes da Maré⁶ é uma organização de sociedade civil que tem como missão criar conexões dentro e fora da Maré, para implementar ações estruturantes nas 16 favelas da região e assim garantir os direitos dos seus 140 mil moradores. Mobiliza e incentiva o protagonismo da população local, fortalecendo as potencialidades socioculturais, educacionais e econômicas das moradoras e dos moradores. O intenso trabalho de articulação territorial, a partir de metodologias vivas e engajamento, tem como objetivo pressionar diferentes instâncias governamentais por políticas públicas mais eficazes, que garantam aos moradores da Maré os mesmos direitos e oportunidades de quem vive em outras regiões da cidade.

A Redes da Maré conta hoje com 11 equipamentos (entre prédios e espaços) e divide-se em cinco eixos de atuação: Arte, Cultura, Memórias e Identidade; Direito à Saúde; Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça; Direitos Urbanos e Socioambientais; e Educação. Os cinco eixos, por sua vez, desenvolvem projetos, com apoio de dezenas de parceiros e doadores nacionais e internacionais, entre universidades, instituições da sociedade civil e representantes do poder público. Em 2022, os 45 projetos realizados atenderam 7.952 pessoas de forma direta. As ações estruturantes buscam ampliar o tempo de escolarização da população da Maré, oferecendo mais acesso à formação qualificada, à geração de renda e aos direitos das mulheres. Outra ação importante é a produção de conhecimento, compreendendo, analisando e divulgando o cotidiano dos moradores através de pesquisas e dados, que oferecem novos imaginários e narrativas sobre a favela.

⁶ Para saber mais, acesse <<https://www.redesdamare.org.br/>>

O Fundo Malala

O Fundo Malala⁷ trabalha por um mundo onde todas as meninas possam aprender e liderar. Com mais de 130 milhões de meninas fora da escola, atuamos para quebrar as barreiras que impedem meninas de estudar.

Acreditamos que mudanças reais acontecem em nível local. Por meio da Rede de Ativistas pela Educação, apoiamos e investimos no trabalho de mais de 80 ativistas de dez países, incluindo o Brasil. No país, a Rede Malala é formada por 11 ativistas e suas organizações que lutam pelo direito à educação de meninas, com foco em meninas negras, quilombolas e indígenas.

⁷ Para saber mais, acesse <<https://malala.org/countries/brazil>>

O Conjunto de Favelas da Maré

O bairro Maré é uma expressão concreta dos limites das representações tradicionais sobre as favelas e da necessidade de se construir novas interpretações sobre esses complexos territórios, agora levando em conta sua pluralidade, bem como a riqueza da vida cotidiana e de sua estrutura material.

(Silva, 2012, p. 61)

O Conjunto de Favelas da Maré tem origem na década de 1940, tornando-se oficialmente bairro a partir da Lei Municipal nº 2.119, de 19 de janeiro de 1994. Nas 16 favelas da Maré vivem pessoas vindas de diferentes áreas da cidade e do país, principalmente das regiões Norte e Nordeste, trazendo consigo as marcas das mazelas da sociedade brasileira e sintetizando em suas histórias a desigualdade social que marca grande parcela dos brasileiros. Uma configuração populacional que merece ações governamentais que consigam ampliar as possibilidades existenciais e educacionais de crianças e adolescentes mareenses, como forma de reparação e justiça social.

A Maré é uma cidade dentro da cidade do Rio de Janeiro. São cerca de 4,5 km², margeados por três das principais vias da cidade, Linha Vermelha, Linha Amarela e Avenida Brasil, onde vivem mais pessoas do que em 96% dos 5.570 municípios brasileiros. Em relação ao estado do Rio de Janeiro, seria o 21º entre os 92 municípios fluminenses. E no conjunto dos 161 bairros da cidade do Rio de Janeiro, é o nono em número de habitantes. Há mais de três mil estabelecimentos comerciais, 11 equipamentos culturais e 11 unidades de saúde pública: uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA), quatro Clínicas da Família (CF), três Centros Municipais de Saúde (CMS) e um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil II (CAPSi II).

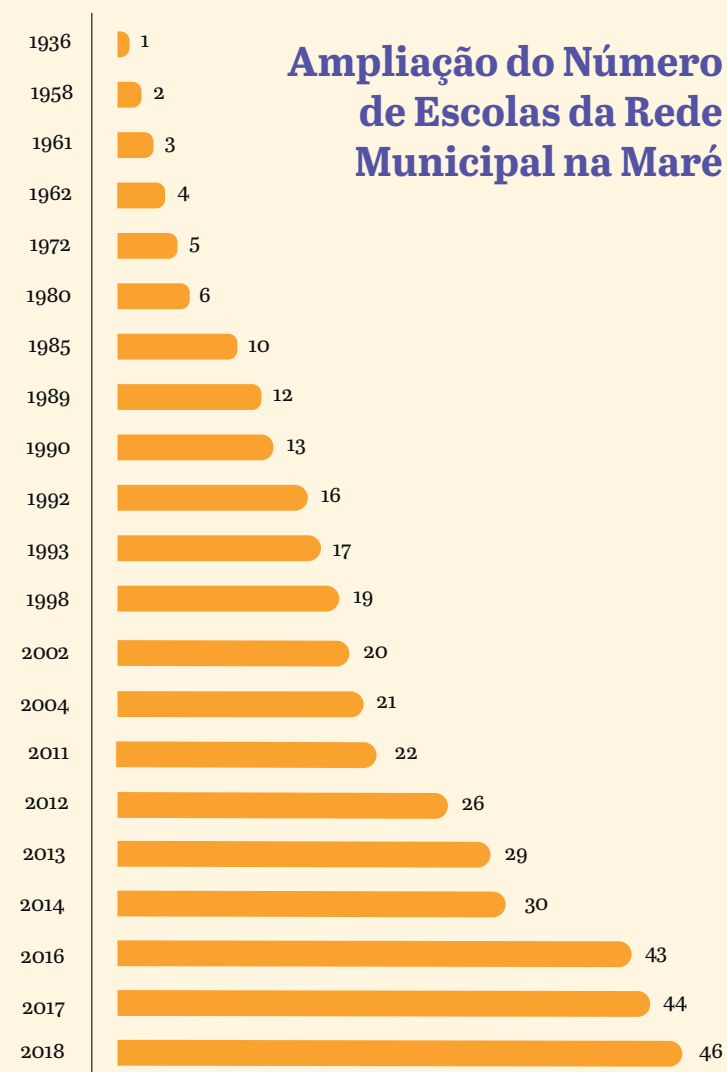
No entanto, historicamente, a prestação de serviço público para garantia de direitos básicos da população está muito aquém do necessário. Desde a década de 1940, quando foi iniciado o processo de ocupação da Maré – ligado historicamente à construção a Avenida Brasil, via de circulação que une o Centro às áreas da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro – coube aos moradores e às instituições de sociedade civil locais a mobilização pela luta por serviços essenciais, como saneamento básico, saúde, moradia e educação. O processo de consolidação da Maré como um território urbano da cidade do Rio de Janeiro foi marcado pela atuação estatal simultaneamente violenta e negligente, trazendo para a vida cotidiana local complexas injustiças sociais relacionadas, por um lado, à atuação bélico-militarizada de forças da segurança pública e, por outro, ao descaso em relação aos já insuficientes equipamentos sociais existentes.

Ao longo desses anos, muitas foram as conquistas, mas ainda há muito que se alcançar, principalmente para garantir o bom funcionamento e a qualidade dos serviços públicos oferecidos para a Maré.



O contexto educacional na Maré

O Conjunto de Favelas da Maré tem 50 escolas públicas: 46 municipais e quatro estaduais. Desde a primeira escola fundada na Maré, em 1936, foram construídas mais 45 da rede municipal, responsável pelo atendimento da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. Havia 22 escolas, em 2011, passando para 46 em 2018:



Fonte: Elaboração própria, a partir de dados da SME.

A ampliação do número de escolas municipais na Maré ocorreu, sobretudo, na década passada: 25 das atuais 46 escolas municipais foram inauguradas entre 2011 e 2018. Nada menos que 54% do total. O maior aumento se deu entre 2014 e 2016, com a criação dos dois campi de escolas: Campus Maré I, na favela Nova Holanda, e Campus Maré II, na Salsa e Merengue. Essa ampliação é resultado de políticas públicas educacionais, mas também da mobilização de moradores e instituições locais. Em 2010, o coletivo A Maré que Queremos entregou, para o então prefeito Eduardo Paes, um documento que sistematizava os resultados das discussões e reflexões do conjunto de dirigentes das Associações de Moradores da Maré que, naquele momento, já se reunia há quase um ano para discutir uma proposta conjunta de um projeto estrutural para a região. O documento apresentou propostas para várias áreas, inclusive para educação, cuja demanda era o aumento do número de unidades escolares para Educação Infantil e para Educação de Jovens e Adultos.

Criado em 2009, a partir de uma iniciativa da Redes da Maré para agregar as Associações de Moradores da Maré, o A Maré que Queremos mantém encontros regulares desde então. Em 2018, o grupo entregou um segundo documento com propostas atualizadas para os gestores estaduais e municipais. Em relação à educação, a demanda naquele momento para a rede municipal continuava sendo – e ainda é – a construção de escolas em algumas favelas não atendidas por determinados segmentos de ensino e a ampliação de atendimento para Educação Especial e Educação de Jovens e Adultos.

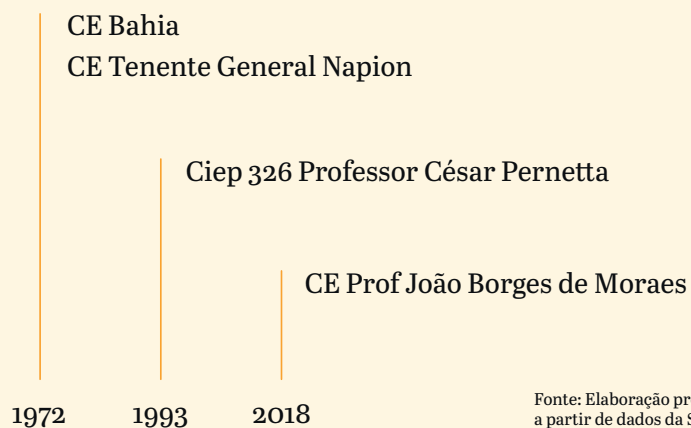
As 46 unidades escolares municipais contavam, em abril de 2023, com **17.483** estudantes, divididos por segmento de ensino. Na Educação Infantil, são seis creches, 15 Espaços de Desenvolvimento Infantil (EDI) e uma escola que atende turmas de Pré-Escolar II, apesar de não ter uma estrutura predial para educação infantil. O atendimento dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental é feito por 19 escolas. Dessas, 14 têm também o 6º ano, que é o primeiro dos Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano). Em relação a esses, além das 14 escolas que têm o 6º ano (atendem do 1º ao 6º), quatro vão do 6º ao 9º ano e uma escola oferece do 7º ao 9º ano. O atendimento da Educação de Jovens e Adultos de Ensino Fundamental é feito por quatro unidades, sendo uma delas exclusiva para essa modalidade, o Centro de Educação de Jovens e Adultos - CEJA Maré⁸.

Quanto à rede estadual, atualmente responsável pela oferta de Ensino Médio, Regular e Educação de Jovens e Adultos a **2.631** estudantes em 2023, são quatro escolas construídas de forma bem espaçada, ao longo dos anos. Em 1972, o Colégio Estadual Bahia iniciou suas atividades atendendo em horário noturno turmas de supletivo, enquanto, durante o dia, funcionava como a Escola Municipal Bahia. Nos anos de 1980, continuou dessa forma, mas oferecendo turmas do antigo ginásio, de 5ª a 8ª série. Em 2000, mudou o atendimento para Ensino Médio Regular. Também em 1972, foi inaugurado o Colégio Estadual Tenente General Napion, que, até 2000, contava apenas com o supletivo do Ensino Fundamental, quando passou a atender do 1º ao 3º ano do Ensino Médio Regular no horário noturno, dividindo o espaço físico com a Escola Municipal Tenente General Napion, que funciona em horário diurno. O CIEP 326 Professor César Pernetta, inaugurado em 1993, atende a jovens e adultos nos três turnos, nas modalidades Ensino Médio Regular e Educação de Jovens e Adultos. O colégio foi o primeiro prédio exclusivamente estadual da Maré e, no passado, já contou com turmas dos Anos Finais do Ensino Fundamental.

⁸ Dados de atendimento disponibilizados pela Gerência de Supervisão de Matrícula, da 4ª Coordenadoria Regional de Educação, órgão intermediário da estrutura da Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro, que acompanha as escolas localizadas na Maré, assim como as de outros bairros da Zona Norte da cidade.

Por último, foi inaugurado em 2018 o Colégio Estadual Professor João Borges de Moraes, resultado de articulação e mobilização entre a Secretaria Estadual de Educação, a Redes da Maré e a Associação de Moradores (Belford e Nóbrega, 2023). O prédio da escola foi finalizado em 2015 mas, por falta de manutenção regular, o local não tinha condições ideais e seguras para os alunos e professores. A ação conjunta dos diferentes atores foi fundamental não só para a revitalização do espaço como também para divulgação e mobilização dos moradores para a matrícula. A unidade escolar iniciou as atividades em 2018, apenas utilizando o primeiro andar do prédio. Em setembro de 2022, após um longo período de obras, passou a funcionar em melhores condições estruturais. O Colégio Estadual Professor João Borges de Moraes atende a estudantes do Ensino Médio Integrado com Ênfase em Empreendedorismo, em horário integral.

Expansão das escolas estaduais na Maré



Fonte: Elaboração própria, a partir de dados da SEEDUC.

Apesar de em 2023 a Maré contar com 50 escolas públicas, as vagas disponíveis não dão conta de todas as crianças e adolescentes que precisam de matrícula, principalmente, com uma carência comprovada de creches e falta de unidades escolares que atendam aos Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), em algumas áreas.

Para uma melhor visualização da presença de escolas públicas no bairro, considerando a proximidade das favelas e a possibilidade de circulação entre elas, dividimos o território em cinco áreas:

Área 1

Conjunto Esperança,
Salsa e Merengue,
Vila do João,
Vila dos Pinheiros e
Conjunto dos Pinheiros

Área 2

Bento Ribeiro Dantas,
Morro do Timbau,
Baixa do Sapateiro e
Nova Maré

Área 3

Nova Holanda,
Parque Maré,
Parque Rubens Vaz
e Parque União

Área 4

Roquete Pinto e
Praia de Ramos

Área 5

Marcílio Dias⁹

⁹ Marcílio Dias não faz parte oficialmente do bairro Maré, porém, na perspectiva das 15 Associações de Moradores da região e, também, da Redes da Maré, é considerado parte do Conjunto de Favelas da Maré pelo histórico de constituição da favela e pelas questões sociais enfrentados pelos moradores, que são muito similares às das outras favelas que compõem o bairro da Maré. É, portanto, uma escolha política incluir Marcílio Dias no trabalho desenvolvido na região.

Atendimento por área

Escolas públicas da Maré - 2023

Área 1	Área 2	Área 3	Área 4	Área 5
Berçário	Berçário	Berçário	Maternal II	1º ao 5º ano
Maternal I	Maternal I	Maternal I	Pré I	
Maternal II	Maternal II	Maternal II	Pré II	
Pré I	Pré I	Pré I	1º ao 5º ano	
Pré II	Pré II	Pré II	EJA - Ens. Fundamental	
1º ao 5º ano	1º ao 5º ano	1º ao 5º ano	Ensino Médio Regular	
6º ano	6º ano	6º ano		
7º ao 9º ano	7º ao 9º ano	7º ao 9º ano		
EJA - Ens. Fundamental	EJA - Ens. Fundamental	EJA - Ens. Fundamental		
	Ensino Médio Regular	Ensino Médio Regular		
		EJA - Ens. Médio		

Segundo dados da Gerência de Supervisão de Matrícula (GSM) da 4ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE), havia, em abril de 2023, **1.986** nomes nas listas de espera das unidades da favela Salsa e Merengue e **104** nas de Nova Holanda, todos de crianças entre 6 meses e 3 anos e 11 meses que não conseguiram vagas para as turmas de berçário, maternal I e maternal II. Com o número insuficiente de unidades públicas, a opção do governo municipal tem sido firmar convênios com unidades privadas, que passam a ser creches conveniadas – creches particulares filantrópicas que mantêm convênio com a Prefeitura –, mas que ainda assim não dão conta da alta demanda. Segundo dados da GSM, há sete creches conveniadas, sendo duas na área de Salsa e Merengue e sete em Nova Holanda.

Em relação aos Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), dados também fornecidos pela GSM indicam que havia **1.491** estudantes no 1º ano e **657** no 9º. Ou seja, há 56% a menos matrículas no 9º ano em relação ao 1º ano do Ensino Fundamental. Os motivos dessa diferença podem ser inúmeros, mas o mais objetivo e incontestável é a redução do número de escolas que oferecem essa etapa do ensino: são 14 que atendem ao 6º ano e cinco que contam com turmas do 7º ao 9º em apenas três áreas da Maré.

Segundo dados do Censo Maré:

A maior parte dos estudantes (67,7%) frequenta escolas localizadas na Maré. (...) os resultados também evidenciam que, quanto maior a faixa etária, maior o percentual de pessoas que estudam fora da Maré. Isso decorre, principalmente, da limitada oferta de cursos de Ensino Médio, assim como da Educação de Jovens e Adultos, e por não haver sequer uma instituição de Ensino Superior no território. Assim, para garantir a formação, as pessoas precisam se deslocar em busca de instituições de ensino. Com efeito, 52,0% dos estudantes entre 15 e 19 anos e 69,8% dos estudantes acima de 20 anos frequentam estabelecimentos fora da Maré. (Redes da Maré, 2019, p. 80)

A drástica redução do número de vagas oferecidas no primeiro e último anos do Ensino Fundamental é explicada de diferentes formas pelas famílias e pela gestão pública. Para as famílias, simplesmente não há vagas nas escolas próximas às suas residências ou, quando há vagas, são escolas que não atendem ao que os responsáveis esperam. Já para os gestores públicos, a maioria das famílias prefere que seus filhos estudem fora da favela por conta da violência que interfere no funcionamento dos prédios escolares, daí o enxugamento das vagas. Decerto, a dinâmica do território impede deslocamentos entre uma favela e outra, e a situação é agravada pela falta de transporte público no interior da Maré. Há também a ação de grupos civis armados, que comprometem o trânsito livre de moradores. Junte-se a esse quadro o processo de militarização das ações policiais no território, que afeta diretamente o funcionamento das escolas.

Dados sistematizados e analisados, desde 2016, pelas edições anuais do Boletim Direito à Segurança Pública na Maré (Redes da Maré, 2022)¹⁰, publicado pela Redes da Maré, comprovam os diferentes impactos das recorrentes violações de direitos da população que vive na região, e uma das áreas mais afetadas é, justamente, a da educação. Em 2016, foram 20 dias com aulas suspensas na Maré. Em 2017, foram 35 dias em que ao menos uma escola ficou sem aulas. Em 2018, foram 10 dias; em 2019, 24 dias; em 2020, 8 dias; e em 2021, 6 dias.

¹⁰ REDES DA MARÉ. Boletim Direito à Segurança Pública na Maré. Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2023. Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/RdM_Boletim_direito_SegPubli23.pdf>.

Destaca-se que as aulas presenciais foram suspensas em 13 de março de 2020 e que a maioria das escolas só voltou a funcionar em outubro de 2021. Em 2022, foram 15 dias inteiros do ano letivo sem aulas, com o agravante de que 62% das operações policiais aconteceram próximas a escolas e creches, e 67% aconteceram próximo a unidades de saúde; 60% das operações policiais tiveram invasão de domicílio (Redes da Maré, 2023).

Considerando que o ano letivo no Brasil tem 200 dias, os dados denunciam que, em média, nos últimos cinco anos, mais de 15% dos dias letivos podem ser considerados perdidos, já que não há uma política clara de reposição das aulas; ao menos, nada divulgado pelas Secretarias de Educação. Nem mesmo a conquista histórica da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental 635, conhecida como ADPF¹¹ das Favelas, em 2017, foi capaz de brevar as operações policiais próximas às escolas da Maré.

Esse contexto, certamente, traz impactos negativos na escolarização de moradores da Maré. De acordo com o Censo Maré, 53,47% de seus habitantes não completaram o Ensino Fundamental. Já a taxa de analfabetos entre pessoas a partir de 15 anos corresponde a 6% da população; das 6.302 pessoas que não sabem ler e escrever, mais da metade são mulheres. No território, 63% das pessoas pretas ou pardas são analfabetas (Redes da Maré, 2019).

¹¹ A Ação Civil Pública da Maré, que originou a ADPF das Favelas, foi fruto do trabalho do eixo Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça, da Redes da Maré, em articulação com a Defensoria Pública, Ministério Público, moradores e representantes de instituições e organizações locais, em busca de medidas para diminuir os riscos e os danos durante os recorrentes confrontos armados na Maré, incluindo operações policiais. Para saber mais, acesse <<https://www.redesdamare.org.br/artigo/185/adpf-das-favelas-e-a-garantia-do-direito-a-vida-na-mare>>.

No entanto, a violência que afeta o cotidiano dos moradores da Maré não pode servir de escudo para os problemas que atingem os estudantes das 16 favelas do território. Na prática, o que se vê são acúmulos de violações. De um lado, o Governo Estadual, responsável por uma política de segurança pública ineficiente para lidar com grupos civis armados e, ao mesmo tempo, por operações policiais baseadas na truculência. Do outro, o Governo Municipal, que, por conta das ações violentas na região, não consegue garantir o bom funcionamento de equipamentos de educação, saúde e assistência social. Urge, assim, que os governos estadual e municipal trabalhem de forma articulada para que a violação de direitos não leve à negligência de outros direitos.

Dessa forma,

(...) pensar a educação no Conjunto de Favelas da Maré exige do poder público um (re)conhecimento do território, das relações ali estabelecidas, das contradições, dos desafios e das particularidades das 16 favelas, que mesmo sendo elevadas, em 1994, à condição de bairro, nunca deixaram de ser marcadas pelas relações sociais de uma favela carioca. (Farage e Santo, 2023).



Covid-19 e a educação na Maré

O cenário complexo e desafiador da educação na Maré ganhou ainda mais camadas a partir de 2020, com a pandemia de covid-19. Durante os quase dois anos de aulas remotas, entre 2020 e 2021, boa parte dos estudantes da Maré sequer conseguiu conexão para dar continuidade aos seus estudos.

O isolamento social com a suspensão de aulas presenciais, no Rio de Janeiro, começou em 16 de março, duas semanas antes da data prevista pela parceria da Redes da Maré com o Fundo Malala, para o início das atividades do projeto **Toda Menina na Escola**. Imediatamente, a Redes da Maré lançou a Campanha Maré diz NÃO ao coronavírus¹², com o objetivo de contribuir para a mitigação dos efeitos do isolamento social, percebidos já nas primeiras semanas. A campanha foi iniciada no dia 28 de março, com a distribuição de cestas básicas e kits de higiene para famílias identificadas em situação de insegurança alimentar, e foi ampliada, ao longo de 2020, para outras cinco frentes de atuação: Atendimento à população em situação de rua; Geração de renda; Acesso a direitos, cuidados e prevenção em saúde; Produção e difusão de informações e conteúdos seguros; e Apoio a artistas e grupos culturais mareenses.

Quando a crise sanitária foi decretada, a maioria das atividades dos projetos do Eixo Educação da Redes da Maré já havia começado e, portanto, já tinha um público em atendimento. Naturalmente, as equipes da Redes trabalharam para a manutenção de vínculos com os estudantes, mesmo à distância. O projeto **Toda Menina na Escola**, por sua vez, era uma iniciativa que dependia integralmente do funcionamento das escolas.

¹² Em 2020, primeiro ano da campanha, a Redes da Maré cadastrou 19.617 famílias em seu banco de dados, das quais 17.648 receberam pelo menos uma cesta básica até dezembro. Em 2021, foram entregues 10.716 cestas de alimentos (Silva, 2021).

Como mãe e moradora de favela, foi difícil, muito difícil ver a minha filha tentar acompanhar esses estudos on-line. Ela, no começo, até acompanhou algumas matérias, mas ela não estava mais conseguindo dar conta porque a gente não tem uma internet boa nas favelas, né? E o telefone dela não aguenta, é um telefone antigo. Ela até falou para mim “mãe eu tento estudar, mas não estou conseguindo”. Aí ela forçando a vista porque o telefone ficava grudado no rosto dela. E a gente não achou correto ficar cobrando muito dela. Aí ela desistiu. Desistiu porque ficou difícil. Eu via o quanto ela ficava frustrada.

(...) como mãe a gente fica indignada, estarrecida porque é muito triste a minha filha querer acompanhar e não conseguir. Às vezes ela vai até a casa da prima, que tem um computador, mas a internet não ajuda.”

(Depoimento de mãe de menina de 10 anos e estudante de 5º ano do Ensino Fundamental, em agosto de 2021, para a pesquisa Educação de Meninas e covid-19 no Conjunto de Favelas da Maré)

Naquele momento, ninguém poderia imaginar que o retorno efetivo das atividades presenciais nas escolas públicas da cidade do Rio de Janeiro só aconteceria de fato em 2022¹³.

Mas, em maio de 2020, as perspectivas não eram de retorno em curto prazo, já que a curva de contaminação pelo coronavírus não regredia. Os dois primeiros meses de aulas remotas já desenhavam os grandes impactos da pandemia na educação, na Maré. Nas 50 escolas públicas, a organização foi bem diversa. Cada equipe pedagógica buscou alternativas dentro de suas possibilidades de adaptação a esse novo formato de ensino, seguindo o perfil de seus alunos. E foram vários os caminhos, já que a opção de utilização de aplicativos, oferecida pelas Secretarias de Educação de forma tardia, não era suficiente, porque a maioria dos estudantes não tinha condições objetivas para acesso às atividades oferecidas.

O convívio com os estudantes, suas famílias e equipes pedagógicas no território, durante as ações da Campanha Maré diz NÃO ao coronavírus, fez com que fossem identificadas situações que impossibilitavam ou dificultavam o acesso às atividades remotas oferecidas pelas escolas. Estudantes sem internet e sem equipamentos eletrônicos; casos de famílias que só tinham um equipamento eletrônico para ser dividido entre vários filhos em idade escolar; estudantes que só tinham acesso ao celular do responsável à noite, depois que ele chegava do trabalho; alunos mais velhos que, diante do agravamento da situação financeira da família por conta do isolamento, tiveram que ingressar precocemente no mercado de trabalho para complementar a renda.

¹³ O retorno na Rede Estadual de Ensino foi estabelecido para o dia 19 de novembro, apenas para o terceiro ano do Ensino Médio. Contudo, das quatro escolas estaduais na Maré, apenas uma retornou às atividades, mas com um percentual de adesão muito baixo. Menos de 20% dos estudantes optaram pelas aulas presenciais. Nas outras três escolas, não houve adesão da comunidade escolar. Na Rede Municipal de Ensino, ficou definido o retorno apenas para as séries terminais, 9º ano do Ensino Fundamental e etapas finais da Educação de Jovens e Adultos, no entanto, por diferentes motivos (falta de estrutura, casos de contaminação por covid-19 entre os estudantes os professores) as atividades não voltaram integralmente. Em ambas as redes de ensino, a presença do professor na escola foi obrigatória, mesmo sem os estudantes, exceto para aqueles considerados parte do grupo de risco para contaminação da covid-19.

Diante dessa situação, as equipes pedagógicas das escolas tiveram que experimentar diferentes estratégias para tentar manter o vínculo com seus alunos. Foram utilizadas plataformas digitais de ensino, aplicativos de reuniões e redes sociais, sendo o Whatsapp o principal aliado para a comunicação entre a escola, estudantes e famílias. Naquele momento, o principal objetivo das escolas e dos professores era manter o vínculo com o aluno, a fim de evitar evasão escolar no retorno das atividades presenciais.

Diante desse quadro, naturalmente, percebeu-se a necessidade de conhecer a fundo a situação educacional das meninas e mulheres da Maré, depois dos primeiros meses de pandemia. Foi assim que a ação inaugural do **Toda a Menina na Escola** foi a pesquisa Educação de meninas e covid-19 no Conjunto de Favelas Maré (Redes da Maré, 2021)¹⁴. Qual o percentual de meninas e mulheres que conseguem acompanhar as atividades remotas oferecidas pelas escolas? Antes disso: as escolas estavam em contato com seus estudantes? Se sim, de que forma? Qual seria o percentual de adesão às atividades propostas? Enfim, muitas perguntas indicando a necessidade de coletar dados que pudessem qualificar propostas de ações diretas que considerassem o contexto da pandemia na Maré. As informações poderiam contribuir para ações de incidência política da Redes da Maré, junto ao poder público.

A pesquisa Educação de meninas e covid-19 no conjunto de Favelas da Maré teve participação de 1009 meninas e mulheres estudantes, moradoras da Maré, de 6 anos a 17 anos. O levantamento foi realizado no segundo semestre de 2020 e lançado em março de 2021, revelando que apenas uma em cada quatro meninas tinha computador em casa, 34,7% tinham internet em suas residências e 61,2% tinham celular com acesso à internet.

¹⁴ REDES DA MARÉ. Educação de Meninas e covid-19 no Conjunto de Favelas da Maré. Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2021. Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/pesq_covid_mare_PORT_web60369a328ca93.pdf>.

Um dado fundamental para entender o impacto das aulas remotas na vida das estudantes da Maré é o fato de que o serviço de internet no território é precário e, muitas vezes, o pacote de dados contratado pelas famílias não consegue chegar até o fim do mês. Dessa forma, o processo de aprendizagem ficou bastante comprometido. Apenas 27,7% das meninas e mulheres entrevistadas conseguiram manter uma rotina de cinco dias de estudo em casa, como é previsto no ensino presencial.

Em 2021, outra pesquisa realizada pela Redes da Maré, desta vez com apoio do Instituto Unibanco, buscou dimensionar de forma ainda mais ampla os prejuízos da pandemia à comunidade escolar da Maré como um todo. Os números do estudo Covid-19 e o acesso à educação nas 16 favelas da Maré: impactos nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio (Redes da Maré, 2022)¹⁵ evidenciaram os efeitos dramáticos da pandemia na vida escolar de toda uma geração de estudantes mareenses, mas também dos seus professores e familiares. Entre os dados que mais chamaram a atenção estava a sensação de os estudantes terem perdido dois anos de aprendizagem. Quase três em cada quatro estudantes contaram que aprenderam pouco (48%) ou nada (26%), somando 74% do total. Mais da metade deles – 57% – afirmou que sua vontade de estudar na pandemia diminuiu (33%) ou diminuiu muito (24%). Entre os motivos apontados, estavam a dificuldade de adaptação ao ensino remoto (35%) e problemas de aprendizagem (28%) (Redes da Maré, 2022)¹⁵.

No caso da saúde mental, 41% dos estudantes afirmaram ter sido afetados com algum tipo de sofrimento psíquico. A pesquisa mostrou que 38% não acompanharam as atividades remotas. O motivo mais citado foi não ter entendido o que era para ser feito.

¹⁵ REDES DA MARÉ. Covid-19 e o acesso à educação nas 16 favelas da Maré: impactos nos Anos Finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2022. Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/Educacao_Pesquisa_Mare.pdf>.

De acordo com 87% dos profissionais de educação, menos da metade dos estudantes aderiram às atividades remotas. Um professor estimou que, “de uma turma de 30 estudantes, cinco, quatro acessavam, quando muito”. Muitos estudantes utilizam o celular dos pais, o que os obrigavam a esperar que o aparelho estivesse disponível, além de dividi-los com os irmãos. A má qualidade da internet na Maré também foi mencionada como um fator complicador. Por outro lado, pouco mais da metade (56%) dos profissionais de educação acreditava que seria possível reverter os efeitos negativos da pandemia na vida escolar de crianças e adolescentes. Para isso, eles sugeriram: aulas de reforço (55%); engajamento comunitário e parceria família-escola (48%); estratégias criativas e busca ativa (45%); e parcerias com instituições locais (43%).

A pesquisa revelou, também, a boa relação dos estudantes com a escola, confirmando a importância do retorno às aulas presenciais, que aconteceu somente no fim de 2021. O estudo mostrou que os estudantes se sentiam muito acolhidos em suas escolas: 53% disseram se sentir queridos; 71% negaram que se sentissem solitários; 57,5% se consideravam seguros na escola; e 63% achavam que faziam amigos com facilidade. Perguntados se frequentavam a escola por obrigação, 74% responderam que não. Sobre a aprendizagem, 84% afirmaram que aprendiam a raciocinar (78%) e a ler textos (79%) na escola.

O estudo teve início em março de 2021, estendendo-se até setembro daquele ano. Foram feitas 89 entrevistas aprofundadas, com gestores públicos de educação do município e do estado do Rio de Janeiro, profissionais de educação (diretores, coordenadores pedagógicos e professores), responsáveis e estudantes, de 18 escolas públicas da região. Em seguida, foram aplicados 832 questionários: 630 entre estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e dos 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio – a maioria (51%) do sexo masculino, autodeclarados pardos (45,7%) ou pretos (24,9%); 101 entre responsáveis; e 101 entre profissionais de educação.

Nesta fase, a pesquisa concentrou-se em 13 escolas públicas da Maré: nove municipais e quatro estaduais, incluindo unidades que atendem a modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA).

No Rio de Janeiro, em outubro de 2021, com a retomada das aulas presenciais na rede estadual e na rede municipal da capital, os números divulgados pelas Secretarias foram alarmantes. Estimativa da própria rede municipal indicava que 25 mil estudantes abandonaram as escolas no último bimestre. Dados da rede estadual, indicavam que cerca de 80 mil estudantes poderiam ter deixado a escola (G1/Globo, 2021)¹⁶.

Na prática, o que se percebeu na Maré foi que o já conhecido quadro de interrupção dos estudos por jovens, devido às injustiças sociais, ganhou novos elementos: o agravamento de dificuldades socioeconômicas, a necessidade de contribuir para os rendimentos da família, a dever de cuidar de familiares adoecidos, as dificuldades de acessar o modelo de ensino remoto, e o problema de conciliar rotinas familiares e rotinas escolares. Tudo isso só acirrou as desigualdades educacionais de estudantes mareenses em relação aos de outras áreas da cidade.

¹⁶ G1/GLOBO. Município do Rio contabiliza 25 mil alunos que abandonaram a escola; evasão na rede estadual pode chegar a 80 mil estudantes. Rio de Janeiro: G1/Globo, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/10/18/municipio-do-rio-contabiliza-25-mil-alunos-que-abandonaram-a-escola-evasao-na-rede-estadual-pode-chegar-a-80-mil-estudantes.ghtml>>.

Conectividade e pandemia

O aprendizado intenso com o primeiro ano da campanha Maré diz NÃO ao coronavírus desdobrou-se numa segunda fase, em 2021, com o projeto Impacto de Vida. Essa iniciativa teve como objetivo geral acompanhar um grupo formado por famílias mareenses em três frentes: entrega mensal de cesta alimentícia e quinzenal de frutas e legumes orgânicos; distribuição de tablets e pacotes de dados para que crianças e adolescentes tivessem acesso tanto às aulas remotas, como à comunicação com seus professores e às tarefas escolares; e atendimento psicossocial a mulheres que perderam familiares para a covid-19. Nesse momento, a equipe de busca ativa do **Toda Menina na Escola** se juntou para identificação de famílias das crianças infrequentes ou fora da escola, já cadastradas, que tinham dificuldade de acesso à internet e falta de equipamento eletrônico e, também, estavam em situação de insegurança alimentar.

De julho de 2021 a maio de 2022, 308 famílias receberam alimentos, 264 delas tiveram suporte para a conectividade e 66 contaram com apoio no luto. Deste número total de famílias, a grande maioria era chefiada por mulheres, mães solo. Na retaguarda, havia uma equipe multidisciplinar formada também por 19 mulheres, tecedoras - como os profissionais que trabalham na Redes são chamados internamente.

No início de 2021, a lista de pessoas em situação de insegurança alimentar cadastradas pela Redes da Maré havia chegado a 9.258 famílias, depois que muitas conseguiram se reorganizar financeiramente, outras se mudaram da Maré e outras não foram mais encontradas. Em maio de 2021, o Impacto de Vida teve início partindo desse número de quase dez mil famílias em situação de insegurança alimentar, primeiro critério para a participação no projeto. Em seguida, foram cruzados dados sobre falta de conectividade de crianças e adolescentes com a escola ou em abandono escolar e informações sobre famílias que perderam parentes para a covid-19, sobretudo mulheres.

As assistentes sociais da Redes da Maré começaram a fase de entrevistas presenciais para conhecer a situação de cada família, tanto social como econômica, para consolidar o grupo beneficiado pelo Impacto de Vida. A partir de julho de 2021, famílias em situação de insegurança alimentar começaram a receber mensalmente uma cesta básica de alimentos e, graças a outra parceria, também passaram a ser entregues frutas e legumes orgânicos quinzenalmente. Três assistentes sociais eram responsáveis pela organização das entregas, que incluía o planejamento das rotas, de motoristas e de distribuição. Nas entregas, havia pelo menos uma assistente social presente, para construir uma relação mais próxima com cada família, ouvir demandas e sugestões, trocar informações sobre projetos e equipamentos da Redes da Maré e de outras organizações do território, além de ajudar na ampliação da rede de proteção social das famílias, com encaminhamentos.

A partir do levantamento feito pela equipe de busca ativa, 264 famílias com crianças e adolescentes ausentes ou infrequentes na escola foram selecionadas para receber equipamentos e conexão para seguir o estudo no modo remoto, enquanto as aulas presenciais estavam suspensas. O grupo recebeu tablets em empréstimo com chips de conexão à internet, contando também com visitas regulares de acompanhamento feitas pelas articuladoras. A maioria das 264 famílias fazia parte também do cadastro da equipe de segurança alimentar. Desta forma, iniciava-se na prática o reencontro de crianças e adolescentes com seus professores e escolas, oferecendo, simultaneamente, a segurança alimentar tão necessária em tempos de pouco ou nenhum trabalho remunerado para muitas das famílias.



Estratégias metodológicas para a garantia do direito à educação

“O ser humano jamais para de educar-se. Numa certa prática educativa não necessariamente a de escolarização, decerto bastante recente na história, como a entendemos. Daí que se possa observar facilmente quão violenta é a política da Cidade, como Estado, que interdita ou limita ou minimiza o direito das gentes, restringindo-lhes a cidadania ao negar educação para todos.” (Freire, 2001)

O projeto **Toda Menina na Escola** foi elaborado para atuar na garantia do direito à educação de meninas entre 5 e 20 anos, moradoras do Conjunto de Favelas da Maré. Esse objetivo traz em si as missões institucionais dos parceiros da iniciativa: Redes da Maré e Fundo Malala. A Redes da Maré busca “tecer as redes necessárias para efetivar os direitos da população do Conjunto de Favelas da Maré, onde residem mais de 140 mil pessoas”¹⁷, com a Educação como um dos eixos prioritários do trabalho institucional. Já o Fundo Malala “trabalha por um mundo onde todas as meninas possam aprender e liderar”¹⁸, apoiando iniciativas que desafiem sistemas, políticas e práticas para que todas as meninas possam ter acesso a 12 anos de educação gratuita, segura e de qualidade.

As iniciativas realizadas pela Redes da Maré com crianças e adolescentes com dificuldades no processo de escolarização têm uma história que data do início dos anos 2000.

¹⁷ Para saber mais, acesse <<https://www.redesdamare.org.br/br/quemsomos/apresentacao>>

¹⁸ Para saber mais, acesse <<https://malala.org/about?sc=header>>

Naquela época, a Maré contava com cerca de 1.200 crianças e adolescentes, de 7 a 14 anos, que não estavam estudando, havia somente 16 unidades escolares para todo o território e aproximadamente 14 mil estudantes matriculados. Diante desses dados, foi criado o projeto Nenhum a menos: Programa Integrado de Políticas Sociais para Crianças e Adolescentes Vulneráveis na Maré, parceria da Redes da Maré com o Instituto Desiderata e contribuição do Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, que funcionou de 2004 a 2008. De acordo com Eliana Sousa Silva, diretora da Redes da Maré, no prefácio do livro Nenhum a menos...e muitos esforços a mais, “o projeto nasceu com o propósito de realizar um trabalho socioeducacional, tendo como prioridade a articulação de famílias de crianças e adolescentes que estão fora da escola com as diversas instituições: pública, não-governamentais e privadas.” Complementando: “o eixo central da estratégia do projeto foi a criação de novas referências metodológicas e técnicas no campo das políticas sociais, de forma a construir soluções integradas para proteção e atenção às crianças e adolescentes com histórico de desescolarização.” (Redes da Maré, 2008)¹⁹

Entre 2006 e 2007, por exemplo, foram atendidas 54 famílias em ações de acompanhamento escolar e social, num total de 339 pessoas, moradoras da Nova Maré e da Nova Holanda. De acordo com a metodologia do projeto, num primeiro momento, acontecia o atendimento social, com o objetivo de responsabilizar e sensibilizar as famílias para a educação, buscando organizar e mobilizar pais e responsáveis para a garantia de seus direitos. Na prática, o objetivo era promover o acesso a programas de efetivação de direitos sociais e de cidadania. Em seguida, era feito o acompanhamento escolar propriamente dito, primeiro facilitando o acesso e permanência na escola e, em seguida, buscando despertar nos estudantes o prazer de estudar, com jogos educativos e atividades lúdicas.

Já naquela época, havia uma interlocução direta com a 4ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) e reuniões regulares com as direções das escolas da Maré.

A partir de 2014, com alguns anos de interrupção, o Nenhum a Menos voltou a fazer parte dos projetos institucionais do Eixo de Educação da Redes da Maré. Além do trabalho de busca ativa de alunos fora da escola – que mantém diálogo estreito com a equipe do **Toda Menina na Escola** – há atendimento direto a cerca de 50 crianças, com oferta de oficinas de letramento, música e robótica. Há, ainda, o acompanhamento da frequência e das aprendizagens das crianças através do trabalho com as famílias e com as equipes das escolas, onde os estudantes estão matriculados.

Inspirado no Nenhum a Menos e na experiência acumulada, o **Toda Menina na Escola** nasceu ampliando as possibilidades de atuação, com foco no atendimento prioritário de meninas. Ao longo desses três anos de atuação, a metodologia foi se consolidando e se adaptando ao contexto decorrente de vinte meses sem aulas presenciais. Foram, praticamente, dois anos letivos sem a convivência escolar, que impactaram diretamente no planejamento do projeto.

No primeiro momento, como já foi dito, foi realizada a pesquisa Covid-19 e Educação de Meninas no Conjunto de Favelas da Maré. Além disso, ainda em meio aos momentos mais críticos da pandemia de covid-19, a equipe do projeto voltou seus esforços para a organização de encontros virtuais regulares com diretores de escola. A proposta foi proporcionar momentos de troca entre os profissionais da educação, incluindo reuniões de formação, tão necessários diante do ineditismo da pandemia e de seus impactos em todas as áreas da vida humana. A metodologia desses encontros será detalhada mais à frente, nesta publicação.

¹⁹ REDES DA MARÉ. Nenhum a Menos... e muitos esforços a mais! Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2008. Disponível em: <<https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/-Nenhum-a-menos5dc62d17076c3.pdf>>.

A partir de 2021, mesmo com a continuidade da pandemia e da suspensão das aulas presenciais, a equipe pôde, finalmente, começar a busca ativa de estudantes ainda infrequentes ou que não estavam acompanhando as atividades pedagógicas à distância, disponibilizadas pelas unidades escolares. Apesar da continuidade da pandemia²⁰, as demais estratégias de trabalho previstas pelo **Toda Menina na Escola** foram sendo estruturadas, quais sejam.

Busca ativa

Identificação, localização e visitas domiciliares às famílias de crianças fora da escola ou infrequentes, para mapeamento das razões para ausência ou evasão

Atividades formativas nas escolas

Oficinas ou palestras para estudantes e equipe pedagógica sobre questões de gênero, raça e identidade

Articulação intersetorial

Encaminhamentos para equipamentos públicos ou instituições locais, a partir das razões de não frequência escolar ou evasão

Mobilização comunitária

Ações de sensibilização dos moradores para a garantia do direito à educação

Incidência política

Encontros regulares com órgãos de gestão da educação para busca de estratégias para garantia do direito de acesso e permanência das crianças e adolescentes na escola

Produção de dados

Consolidação e sistematização do banco de dados com informações de crianças e adolescentes infrequentes ou fora da escola na Maré.

²⁰ Nesse momento, ainda havia risco de contaminação e, por isso, foram seguidos todos os protocolos para proteção individual: uso de máscara e álcool gel. A equipe era testada a cada quinze dias ou, imediatamente, quando se percebia a possibilidade de alguém estar infectado.

Os princípios conceituais que nortearam todo o trabalho estão expressos no desenvolvimento em cada uma das estratégias – apresentadas com detalhes mais à frente – e dialogam com a missão institucional da Redes da Maré de “tecer as redes necessárias para efetivar os direitos da população do Conjunto de 16 favelas da Maré.”²¹ Além disso, foi seguido o direcionamento estratégico institucional de desenvolver atividades que considerem: **mobilização de moradores e fortalecimento de atores locais**, como as 16 Associações de Moradores e diferentes lideranças que se fazem presentes nas lutas históricas da Maré; **articulação em rede** e parcerias com distintas organizações, públicas e privadas, que atuam na região; **incidência nas políticas públicas**, sistematização e difusão do saber produzido para que se alcance em médio e longo prazo a efetivação de direitos em todas as favelas da Maré; **diagnóstico e produção de conhecimento sobre a região**.

É importante ressaltar que, para a Redes da Maré, as instituições da sociedade civil não devem substituir o Estado em nenhuma de suas funções. Sendo assim, não devem perder de vista três características básicas, que as distinguem de empresas e órgãos públicos: orientação de suas ações no sentido de garantir e ampliar direitos a grupos sociais diversos; independência do Estado; desenvolvimento de projetos sociais sem fins lucrativos. Dessa forma, a atuação do Eixo Educação da Redes da Maré “busca, por meio de seus múltiplos projetos, contribuir para melhores condições estruturais de acesso à educação de qualidade aos moradores da Maré, incidir sobre o aumento dos índices de escolaridade em todos os níveis, articular e mobilizar instituições e moradores para a melhoria da qualidade de ensino e da estrutura das escolas públicas do Conjunto das 16 Favelas da Maré.”²²

²¹ Para saber mais, acesse < <https://www.redesdamare.org.br/br/quemsomos/apresentacao> >

²² Para saber mais, acesse < <https://www.redesdamare.org.br/br/eixos/4/educacao> >

Ou seja, todos os esforços são para contribuir para o acesso e permanência de moradores da Maré na educação formal, mas também para que as escolas pautem suas práticas pedagógicas na perspectiva de uma educação transformadora e emancipatória, como ensina Paulo Freire. A luta é para que a concepção de educação das escolas da Maré seja norteadada pela construção de um olhar crítico pelos estudantes e que esteja a serviço de transformações para a superação das desigualdades existentes na sociedade (Freire, 1975).





1 - Busca ativa: o desafio da inserção e recondução de meninas na escola

A busca ativa escolar é uma estratégia de identificação de crianças e adolescentes fora da escola ou em risco de abandono, baseada na aproximação da equipe responsável com os estudantes e suas famílias, para o levantamento das causas que os levaram a se afastarem das unidades escolares ou nem mesmo terem sido matriculados. O trabalho para reinserção de crianças e adolescentes nas escolas inclui a efetivação de serviços de proteção da família, num desenho intersetorial, começando no campo, a partir de diferentes caminhos possíveis para o primeiro contato e, conseqüentemente, para o cadastro no banco de dados do projeto:

1. Lista de estudantes evadidos ou infrequentes, disponibilizadas pelas escolas;
2. Identificação a partir de encaminhamentos de outras instituições locais, como associação de moradores;
3. Identificação de outros estudantes evadidos, durante visita domiciliar para acompanhamento de casos já indicados;
4. Mutirão;
5. Campanhas de pré-matrícula.

Um acordo de cooperação entre a Redes da Maré e a Secretaria Municipal de Educação, assinado em abril de 2021, foi decisivo para a consolidação da parceria oficial do **Toda Menina na Escola** com as unidades escolares municipais da Maré. A partir da assinatura deste documento, as direções das escolas foram autorizadas a disponibilizar dados das estudantes infrequentes ou que abandonaram as aulas, para que a equipe de articulação local, em ação no campo, fizesse a visita domiciliar e entendesse os motivos da ausência delas.

A equipe da busca ativa do projeto **Toda Menina na Escola** foi formada por uma coordenadora, seis articuladoras locais e uma assistente responsável pela organização de dados e planilhas. Semanalmente, o grupo fazia reuniões de avaliação e planejamento. Muitas delas aconteciam na sede da Redes da Maré, na Nova Holanda, local de referência para o trabalho. Para organizar melhor as ações, foi necessário dividir o território em áreas, ficando cada uma sob responsabilidade de uma ou mais articuladoras. A divisão levou em consideração o tamanho das favelas - em alguns casos foi necessário mais de uma articuladora num mesmo território - a proximidade e o número de profissionais, ficando dessa forma:

Articuladora 1: Vila do João, Conjunto Esperança, parte de Salsa e Merengue;

Articuladora 2: Vila dos Pinheiros, Conjunto Pinheiros e parte de Salsa e Merengue;

Articuladora 3: Parque Maré, Nova Maré, Conjunto Bento Ribeiro Dantas, Morro do Timbau e Baixa do Sapateiro;

Articuladora 4: parte de Nova Holanda e Parque Rubens Vaz;

Articuladora 5: parte de Nova Holanda;

Articuladora 6: Parque União, Praia de Ramos, Roquete Pinto e Marcílio Dias.

Para além da visita domiciliar às famílias com estudantes infrequentes ou fora da escola, a busca ativa previu outras ações que envolviam também as demais estratégias do projeto. Foram elas:

1. articulação institucional com a 4ª Coordenadoria Regional de Educação e com as escolas, para alinhamento do fluxo de recebimento de listas oficiais das estudantes infrequentes ou fora da escola;

2. mobilização comunitária para consolidação da parceria com as organizações locais, incluindo associações de moradores e equipamentos públicos que atuam nas 16 favelas da Maré, para indicação de casos;

3. localização e identificação dos casos para realização das visitas domiciliares das meninas fora da escola ou em risco de evasão;

4. identificação, junto às famílias, das causas e motivos da evasão ou infrequência escolar;

5. levantamento da rede de serviços e oportunidades do território para as famílias acompanhadas, incluindo os projetos e equipamentos da Redes da Maré;

6. encaminhamentos para atendimento e acompanhamento de diversos serviços, a partir da articulação intersetorial;

7. reinserção escolar, que é o encaminhamento da estudante para a escola de origem ou para matrícula em outra unidade onde haja vaga disponível;

8. acompanhamento da frequência e permanência escolar dos casos identificados, a partir de visitas domiciliares, telefonemas regulares e dados oficiais de consulta do Sistema de Gestão de Matrículas da Secretaria Municipal de Educação;

9. monitoramento das informações sobre vagas em visitas regulares às escolas, através de informações fornecidas pelas unidades escolares ou obtidas pela Gerência de Supervisão e Matrículas da 4ª Coordenadoria Regional de Educação;

10. elaboração e sistematização dos dados e informações dos casos identificados e acompanhados pela equipe do projeto;

11. realização de mutirões para comunicação e divulgação do projeto, e para identificação de casos espontâneos de meninas fora da escola;

12. realização de campanhas de incentivo e apoio à matrícula escolar acompanhando o calendário de matrícula das secretarias de educação;

13. reunião semanal para avaliação e planejamento das atividades e ações;

14. produção de documentos e elaboração de relatórios.

A equipe de campo percorria o território diariamente, munida de listas de estudantes desaparecidas ou infrequentes fornecidas pelas secretarias ou pelas direções das escolas, mas também contava com a fundamental troca de informação com a população da Maré nas andanças pelas ruas, além da parceria com as associações de moradores, para descobrir, inclusive, quem não tinha ou nunca teve matrícula no ensino público. Após o primeiro contato com as famílias, era iniciado o trabalho regular de acompanhamento das crianças e adolescentes com a busca de vagas junto às escolas da região e, simultaneamente, com a identificação dos problemas e questões que levaram estudantes a se afastarem da instituição de ensino.

Acontecia assim, de fato, o trabalho de articulação territorial para a utilização e a ampliação de redes de proteção e de apoio locais às famílias, com parcerias com equipamentos públicos e organizações civis de educação, saúde e assistência social.

Uma tarefa delicada e contínua de aproximação das famílias, a partir da construção de laços entre as articuladoras, crianças, adolescentes e seus responsáveis. A porta de entrada para o contexto de cada família era a educação, mas, a partir daí, surgiam muitas outras questões do cotidiano de uma camada da população vulnerabilizada, na qual, na maioria dos casos, as mães são as chefes e as únicas responsáveis em seus lares. Uma situação agravada pela pandemia de covid-19, que mexeu imensamente com a vida da população mundial, aprofundando, sobretudo, as desigualdades entre os mais pobres, como a maioria dos moradores da Maré, onde muita gente perdeu trabalho, renda ou adoeceu.

As articuladoras faziam o acompanhamento regular das estudantes em visitas às suas casas ou por telefone, para auxiliar nas diferentes demandas delas e das famílias, enquanto também mantinham um diálogo constante com diretores e coordenadores pedagógicos, nas escolas, para acompanhar o dia a dia de quem voltou às aulas. Nestes anos de trabalho em campo do **Toda Menina na Escola**, aconteceram 175 reuniões ou encontros com as direções, nas 50 escolas das 16 favelas da Maré.

Cada estudante identificada era cadastrada em um banco de dados, através de um formulário no celular da articuladora, e, a partir daí, o passo a passo de sua situação e de sua família ia sendo registrado a cada novo encontro (chamado na metodologia de acompanhamento) com a equipe, incluindo todas as informações junto às escolas e à 4ª CRE.

O **Toda Menina na Escola** cadastrou 860 meninas, com 4.131 acompanhamentos, durante os mais de dois anos de projeto.

Em alguns casos, bastavam dois encontros para que tudo fosse resolvido, já em outros foram necessários até oito encontros para que a situação escolar fosse regularizada. O banco de dados foi se transformando e se sofisticando ao longo do trabalho, de acordo com o número maior de informações de cada criança ou adolescente. Essas informações também foram a base para o trabalho de incidência junto às secretarias de Educação.

O principal diferencial do acompanhamento regular das estudantes e de suas famílias foi justamente a criação de vínculo com as articuladoras. O contato cotidiano das profissionais com crianças, adolescentes e responsáveis permitiu a criação de uma relação de confiança, que facilitava e ajudava na reaproximação da estudante da escola. As articuladoras se transformaram num canal de informação e de escuta. E, por isso mesmo, sofriam imensamente quando a luta pela matrícula não conseguia avançar, por falta de vaga ou pela grande distância física entre a escola almejada e a vaga oferecida. Muitas vezes, as reuniões semanais da coordenação com as articuladoras era um espaço para trocas de experiência e até mesmo de acolhimento:

A troca entre as articuladoras locais e as famílias acompanhadas é muito rica. Elas se tornaram referência para as responsáveis, que muitas vezes entram em contato para conversar, trocar ideias e falar de questões que ultrapassam a pauta da educação. Elas criaram vínculos muito fortes com as famílias.

(Elza Aleixo, Supervisora da equipe de busca ativa)





**Antônia Adriana entre as filhas
Isabela (à esquerda) e Camila**

Criando vínculos com as famílias

A lista oficial de estudantes ausentes ou infrequentes das escolas da Maré, disponibilizada pela 4ª CRE, foi a senha para o encontro feliz da articuladora Nívia Melo com a família da cearense Antônia Adriana Rodrigues da Silva. Em meados de 2021, quando Nívia bateu à porta da casa, na Vila do João, a indicação era que os dois filhos mais novos de Antônia Adriana, Isabela, hoje com 16 anos, e Matheus, de 8 anos - estavam sem qualquer tipo de comunicação com a escola. Àquela altura, o fantasma da covid-19 ainda rondava a todos e a situação naquele núcleo familiar não era nada boa.

Por conta da pandemia, a mãe solo havia perdido a única fonte de renda da família, o emprego num restaurante self-service, próximo de sua casa, enquanto Isabela, Matheus e a filha mais velha, Camila, hoje com 19 anos, cortaram todo o contato com suas escolas pela falta de internet em casa, já que naquele momento as aulas eram remotas. Para completar o quadro dramático, a dispensa estava vazia. A ligação com a articuladora foi estabelecida de imediato. Logo, Antônia Adriana foi inscrita na frente de Segurança Alimentar do projeto Impacto de Vida, para receber alimentos, e seus filhos ganharam um tablet e chip com dados móveis para conexão com seus professores.

E não foi só. Seguindo a metodologia da busca ativa, a articuladora fez a ponte para que Antônia Adriana fosse ao Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e assim, finalmente, fizesse o Cadastro Único para famílias em situação de vulnerabilidade econômica e social e começasse a receber o programa de transferência de renda do governo. A partir daí, todos os convites feitos por Nívia eram aceitos pela família. A mãe participou de uma rodada de conversas sobre a Maré e a Redes da Maré em outubro de 2021, na sede da instituição, no CIEP Ministro Gustavo Capanema, na Vila dos Pinheiros, e, meses depois, ela e a filha Camila voltaram ao mesmo local para participar de uma oficina de Gastronomia do Maré de Sabores.

“A gente estava sem nada. Os quatro em casa. Foi uma sensação muito boa saber que tem alguém, uma instituição, que pode ajudar no momento que a gente estava passando necessidade. Receber o vale-gás também fez muita diferença, assim como ter a cesta de alimentos, quando faltou comida, e o tablet, para falar com os professores. A falta de comida faz a pessoa não dormir bem, não estar de bom humor sempre, não conseguir estudar. Alimento é tudo”, diz Antônia Adriana.

De fato, houve uma empatia muito grande com a articuladora Nívia, que passou a se comunicar regularmente com a família, em visitas presenciais, mas também trocando inúmeras mensagens de Whatsapp, e falando ao telefone com a mãe e as meninas.

“A Nívia veio, ajudou com a cesta básica, trouxe máscara, mas, principalmente, deu um suporte muito grande. Vinha em casa, conversava com a gente, ajudava nas questões da escola”, conta Camila, que atualmente está no último ano do Ensino Médio.

A articuladora também auxiliou na matrícula das meninas no Ensino Médio.

“Graças ao tablet que foi dado para a gente, eu consegui terminar o Ensino Fundamental, mesmo com todas as dificuldades da pandemia”, relembra Isabela.

Outra boa lembrança da família foi o dia em que mãe e filha cozinham juntas na Oficina de Gastronomia:

“Eu amei a aula. Tudo ficou muito gostoso e a gente aprendeu a não jogar nada fora. Muita coisa me surpreendeu, como conseguir fazer gelatina natural com a casca do maracujá (ao ser cozida na panela de pressão rapidamente, a casca ganha uma textura gelatinosa que pode ser usada em doces para dar mais consistência). Eu já gosto de inventar na cozinha e passei a inventar muito mais”, recorda a mãe.

Depois que a situação geral da família se estabilizou, as irmãs voltaram a sonhar com o futuro, enquanto a mãe voltou a repetir como um mantra para os filhos que “estudo é tudo na vida”.

“Eu quero acabar a escola este ano para poder me aprofundar no trabalho de decoração de unhas”, diz Camila.

Já Isabela sonha em voar:

“Eu quero ser comissária de bordo. Quero estudar inglês e me preparar. Minha mãe não teve o privilégio de estudar, por isso eu quero fazer de tudo para dar uma vida melhor para ela”, completa a garota.



2 - Atividades Formativas: contribuindo para uma educação antirracista e com foco em questões de gênero e identidade

A Maré é feminina e negra. Dados do Censo Maré confirmam a extrema importância da figura feminina no conjunto de favelas: as mulheres são 51% dos habitantes da Maré. Quanto à cor, 62,1% dos moradores se autodeclararam pretos ou pardos, dado este semelhante ao do Censo do IBGE 2010 (IBGE, 2012). E praticamente metade das mulheres da Maré com mais de 15 anos é responsável pelos domicílios, sendo que 30,3% são únicas ou principais encarregadas do sustento da casa – o restante (19,1%) exerce a responsabilidade compartilhada com outro morador. O Censo do IBGE 2010 mostra que, na cidade como um todo, o número é menor: 38,1% das mulheres são responsáveis pelos domicílios (de forma individual ou compartilhada). O Censo apurou ainda que 62,5% das mulheres entre 25 e 29 anos que vivem na Maré são mães. Entre os homens da mesma idade, o percentual de pais é de 46,9% (Redes da Maré, 2019).

Diante desses números, não há dúvida da importância do **Toda Menina na Escola** incluir em seus objetivos principais a promoção de uma educação antirracista, com foco em questões de gênero e identidade, para que as crianças e adolescentes da Maré tenham mais chances de aprender e liderar. Ao incentivar o debate sobre temas tão presentes no dia a dia de uma menina na favela, naturalmente, é possível contribuir para a ampliação do horizonte das estudantes e sua permanência na escola. Uma maneira de oferecer novos pensamentos e reflexões sobre as discussões atuais do redesenho dos corpos femininos e seus papéis no mundo.

Os temas ligados à raça, gênero e identidade entraram fortemente na pauta do trabalho regular de articulação com as escolas do território, realizado pelo Eixo de Educação da Redes da Maré, desde 2018, e também fazem parte da missão de dois equipamentos da instituição: a Casa das Mulheres e a Casa Preta. No caso das escolas, a articulação prevê cursos teóricos e práticos, palestras, debates, jogos e atividades lúdicas ou artísticas, além de contribuição na construção do projeto político-pedagógico de cada unidade escolar parceira e do incentivo aos grêmios escolares. As atividades de formação se estendem à coordenação e aos professores. Em 2023, os parceiros são o Colégio Estadual Professor João Borges de Moraes, o Ciep 326 Professor César Pernetta, o Espaço de Desenvolvimento Infantil Moacyr de Góes, as escolas municipais Nova Holanda, Josué de Castro, Millôr Fernandes e Olimpíadas Rio 2016; e o Ciep Samora Machel.

O trabalho de articulação dentro das escolas se expandiu a partir da experiência no Colégio Estadual Professor João Borges de Moraes. Como já foi assinalado, a inauguração da quarta escola de Ensino Médio na Maré – a única com turno integral e ênfase em empreendedorismo – em 2018 aconteceu depois de muita mobilização comunitária. A parceria da Redes da Maré foi decisiva para a formação de um corpo de diretores e professores ligados historicamente ao território. E como se trata de uma experiência de gestão fundada no coletivo, as decisões são tomadas desde então em assembleias, com docentes, discentes e comunidade, incluindo uma representante da Redes da Maré. Através da parceria também foi criado o curso de robótica, que tornou o colégio bicampeão do torneio nacional, com destaque para as meninas participantes.

Em 2022, o trabalho de articulação aconteceu em dez escolas, sendo algumas atividades realizadas pelas equipes da Casa das Mulheres ou da Casa Preta. Houve, entre outras, a participação na Semana da Consciência Negra, no Colégio Estadual Bahia, a formação de SLAM de Poesia para estudantes, na Festa Literária das Periferias (Flup), na Maré, e uma série de 13 oficinas sobre sexualidade e saúde reprodutiva, ministradas pelas facilitadoras da Casa das Mulheres, no Ciep 326 Professor César Pernetta.

Entre 2022 e 2023, já aconteceram 72 atividades formativas, com diferentes temas: a) desigualdades de gênero na educação; b) questões étnico-raciais na escola; c) impactos da violência armada no cotidiano escolar; d) bem-estar e saúde mental dos estudantes e profissionais de educação na Maré; e) direitos sexuais e reprodutivos; f) segurança alimentar e alimentação saudável; g) literatura e arte no enfrentamento às desigualdades; e h) memória, identidade individual e coletiva.

De um lado, há estudantes com escassez de informação, e, do outro, diretores em busca de ajuda para o aprofundamento de temas, que muitas vezes os professores não se sentem seguros em abordar, em sala. Nos encontros sobre gênero, raça e identidade, por exemplo, as facilitadoras da Casa das Mulheres usam o jogo de cartas Maréas, ambientado na Maré, que trata de sexualidade e reprodução, e um saco para confissões e perguntas, onde os estudantes podem colocar suas dúvidas ou comentários, anonimamente. Em pauta estão temas como direitos sexuais reprodutivos, marcadores sociais, racismo, machismo e lgbtphobia. As oficinas realizadas nas escolas também estão ligadas ao projeto Maréas: Direitos Sexuais e Reprodutivos, da Casa das Mulheres que, em 2022, teve a participação de 911 mulheres nas atividades do projeto e distribuiu 4.535 absorventes. Há ainda um canal de Whatsapp de mesmo nome, que funciona como uma linha direta para dúvidas sobre direitos sexuais e reprodutivos.

Também em 2022, a Casa das Mulheres ampliou seu foco de atuação e passou a acolher fortemente as adolescentes da favela, criando mais possibilidades de atividades extras para as estudantes cadastradas pelo **Toda Menina na Escola**. A grande estrela da temporada, pensada para mulheres com menos de 21 anos, é a Terça em casa, encontros semanais, realizados às terças-feiras, à tarde, guiados por uma equipe de jovens moradoras da Maré, com jogos, exibição de filmes seguida por debates, passeios dentro e fora da Maré e experiências artísticas. A proposta é de estimular a autonomia das meninas, trabalhar a individualidade de cada uma e o pertencimento junto ao território. As conversas são atravessadas por temáticas raciais e de identidade, além de ter foco na saúde mental.

A Casa Preta da Maré é uma referência no território para a reflexão sobre raça. Os profissionais envolvidos contribuem regularmente em formações e atividades para estudantes das escolas da Maré, em parceria com o **Toda Menina na Escola**. O equipamento, inaugurado em 2019, é um espaço de formação teórica, metodológica e política, de trabalho nas questões étnico-raciais no Conjunto de Favelas da Maré, como forma de enfrentar o racismo estrutural, que está na base da sociedade brasileira. Uma das perspectivas é fomentar a incidência em políticas públicas para a população negra da Maré. E para isso, entre outras atividades, há a Escola de Letramento Racial, uma formação de quatro meses para jovens a partir de 17 anos. Em 2022, a Casa Preta produziu 25 eventos, com um total de 1.105 participantes.

Em 2022, ainda, uma parceria da Redes da Maré com o Festival Agora, realizado no Museu de Arte Moderna, com o tema Mulheres na Independência, promoveu a visita à Maré de um Caminhão Museu com histórias da Independência do Brasil, idealizado pela Universidade Federal de Minas Gerais, que durante três dias recebeu cerca de mil pessoas, entre estudantes das escolas públicas e membros da comunidade. O museu inusitado ficou estacionado na área aberta entre os Cieps Elis Regina e Samora Machel, na divisa da Nova Holanda com o Parque Maré. Itinerários da Independência foi o nome da exposição itinerante, apresentada num caminhão que parece saído de filmes de ação, com diferentes ambientes expositivos: sala de cinema com vídeo curtos e animações sobre temas da Independência, sala de realidade virtual, onde o visitante pode ser fotografado em momentos históricos, uma grande biblioteca, 11 painéis com reproduções de obras de arte, que fazem alusão a acontecimentos relacionados à Independência, em diferentes lugares das Américas, e painéis com as histórias de mulheres que lutaram pela Independência brasileira, mas que nem sempre são reconhecidas por seus feitos.

A parceria com o Festival incluiu ainda a revitalização da quadra poliesportiva dos Cieps Elis Regina e Samora Machel. O amplo espaço voltou a ser usado por estudantes das duas escolas, nas aulas de educação física, e pelos próprios moradores da região, quando não utilizado pelas escolas, com área de lazer. A grande e divertida revitalização foi conduzida pelas artistas Pinky e Rita Wainer, com participação de crianças frequentadoras do local.



Bem vindos!

Exemplos:
Vácuo, átomo de hidrogênio, íon



Andressa Costa Pinto

A Lona da Maré como quintal de casa

Para Andressa Costa Pinto, 13 anos, e muitos dos seus nove irmãos, a Lona Cultural Herbert Vianna, a Lona da Maré, foi e continua sendo uma espécie de quintal de casa, na Nova Maré. É ali que os filhos mais novos de Jocilene Costa Machado passaram ou ainda passam muito do seu tempo livre, participando de atividades, de oficinas, cursos ou simplesmente folheando livros. Por isso, quando Andressa se viu sem escola, naturalmente, pela relação antiga de proximidade da família de Jocilene com a equipe da Redes da Maré, a articuladora Zeneida Duarte entrou em campo para tentar colaborar na busca de uma nova vaga para a menina.

Não foi fácil, Jocilene foi inúmeras vezes à 4ª CRE, Zeneida buscou vagas em escolas próximas, além de ter ajudado na tentativa de matrícula, pela internet, durante o período de pré-matricula, na campanha **Vamos pra escola**, sem sucesso. Mas, em 2023, finalmente, depois que o ano letivo já havia começado, a vaga apareceu e a menina voltou a frequentar a escola, agora o CIEP Operário Vicente Mariano, próximo de sua casa, onde encontrou amigos e vizinhos.

Desde pequena Andressa sempre foi muito ativa, tanto que fez parte do projeto Maré sem fronteiras, também ligado à Lona, na qual, entre outras atividades, a criançada tinha como prática andar de bicicleta por toda a Maré.

Também desde pequena, Andressa descobriu o amor pelo futebol. Gosta e continua gostando tanto que chegou a jogar durante um tempo nas categorias de base do Flamengo, mas teve justamente que sair quando ficou fora da escola. O afastamento da escola, por sinal, diz Jocilene, teria sido motivado pelo jeito esportivo e – às vezes – esquentado da menina.

A mãe acredita que a garota sofreu bullying, não aguentou e acabou brigando com um amigo de turma, motivo pelo qual foi convidada a mudar de escola. Como a opção indicada para a transferência ficava em Bonsucesso, muito longe da casa da família, Jocilene não fez a matrícula. Assim, durante meses, Andressa ficou em casa, sem fazer aula ou ir à escola, por falta de vagas em escolas mais próximas de sua casa. Agora, enfim, voltou à escola, mas nem tudo são flores, porque, na prática, no 7º ano, ela estuda somente das 11h às 15h. Mas, para Jocilene, a volta de Andressa à escola é motivo de muita comemoração:

“Agora ela está calma e encontrou amigos, até mesmo para ir e voltar junto da escola”, diz a mãe.

De poucas palavras, Andressa diz que gosta mesmo é de jogar bola e de frequentar as atividades na Lona da Maré:

“Eu gosto das brincadeiras, dos passeios, das pinturas e das danças lá da Lona. É o quintal da nossa casa, é muito melhor do que qualquer escola porque as professoras sempre são boas, tratam a gente muito bem.”

A antiga relação de Jocilene e seus filhos com a Redes da Maré também os levou a serem cadastrados no projeto Impacto de Vida, durante a pandemia. Assim, além das cesta alimentícia e dos vegetais orgânicos, eles receberam um tablet e chip para a conexão com a escola, na temporada de aulas remotas. Até hoje a família tem recebido o vale-gás de dois em dois meses, o que, segundo Jocilene, ajuda a fechar as contas:

“Eu vivo de bicos e do Bolsa Família, então ter o gás faz muita diferença.”

A casa de Jocilene na Nova Maré fica a poucos passos da Lona Herbert Vianna, daí ela mesma ter perdido as contas de tudo que seus muitos filhos já fizeram de atividade ali:

“Conheci a Redes da Maré por causa da lona e isso já faz muito tempo. A lona é muito legal. Meus filhos sempre gostaram e ainda gostam muito de todos os passeios, além das aulas de dança, de percussão, de bicicleta. Com o pessoal da lona, eles já saíram da Maré para ir ao teatro, ao circo e ao cinema.”

Gabriel, o filho de 15 anos, irmão de pai e mãe da Andressa, se apressa em contar que sempre gostou de algumas oficinas específicas na lona e guarda uma ótima lembrança da biblioteca, um espaço anexo à lona, onde existem mais de cinco mil livros:

“Desde pequeno, adorava ler livros na biblioteca da lona mas, também, especialmente, da oficina de capoeira e dos passeios, porque a gente quase nunca consegue fazer coisas fora da Maré.”

Atualmente, são os três filhos pequenos de Jocilene que frequentam regularmente a lona. Guilherme, 3 anos, e Abraão, de 7 anos, fazem a oficina de incentivo à leitura, e Jamyle, de 8 anos, integra o projeto Nenhum a menos e, recentemente, fez participação num vídeo sobre a vereadora assassinada Marielle Franco, realizado pelo Instituto Marielle Franco, para homenagens aos cinco anos da morte dela.

“A Jamyle gosta de participar de tudo, skate, dança, tudo que tiver na lona ela gosta. Eu falo que ela vai ser atriz, porque não tem o que não goste de fazer, para aprender mais”, finaliza.



3 - Articulações institucionais: criando e fortalecendo redes

A criação de uma rede protetiva, ampla e intersetorial, para benefício de crianças, adolescentes e suas famílias, afastados da escola, é um dos pilares do trabalho de busca ativa de estudantes. Desde o início do **Toda Menina na escola**, as articuladoras também foram às ruas, nas 16 favelas da Maré, para firmar parcerias, formais e informais, com instituições e redes de serviços públicos e privados, além de órgãos municipais, para um alinhamento comum de atendimento à população cadastrada no projeto. Pretendeu-se, assim, evitar o encaminhamento de um serviço para o outro, sem qualquer tipo de conexão, integrando ações de educação, saúde, assistência social, arte, cultura e esportes, num fluxo mais contínuo.

Nestes três anos de trabalho no território, foram articuladas 31 instituições parceiras na Maré, entre associações de moradores, entidades privadas, organizações não-governamentais, órgãos públicos e associações da sociedade civil, além do contato diário e direto com as direções das 50 escolas públicas da Maré. Outro movimento natural das articuladoras foi o de aproximar as crianças, adolescentes e suas famílias das demais iniciativas da Redes da Maré, no território. Neste sentido, um marco para a criação de vínculos com a instituição aconteceu em outubro de 2021, quando, durante o projeto Impacto de Vida, mais de 200 famílias do **Toda Menina na Escola** foram convidadas para encontros presenciais, para conhecer os diferentes equipamentos da Redes da Maré (Centro de Artes da Maré, na Nova Holanda; Galpão Espaço Normal, no Parque Maré; e a sede da Vila dos Pinheiros), e o funcionamento dos projetos e ações.

Cada acompanhamento das meninas cadastradas era uma nova chance de apresentar para elas, seus irmãos e responsáveis os projetos e atividades dos cinco eixos de trabalho da Redes da Maré. No início do ano, por exemplo, as articuladoras informavam sobre a abertura de vagas para os cursos Preparatórios para o 6º ano do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, Pré-Vestibular, além das atividades regulares de equipamentos como a Centro de Artes da Maré, onde funciona a Escola Livre de Dança, com turmas de diferentes linguagens de dança, para crianças, jovens, adultos e idosos, ou ainda toda a extensa programação da Casa das Mulheres. O atendimento sociojurídico, oferecido pelo projeto Maré de Direitos, e o atendimento psicológico, tanto na Casa das Mulheres, como na sede da Vila dos Pinheiros, também foram muito indicados.

Entre as mães, a maior busca foi pelos cursos de gastronomia e beleza, da Casa das Mulheres. Muitas tentaram vagas depois da experiência de terem participado das oficinas de gastronomia, em 2022, com instrutoras do curso Maré de Sabores, também da Casa das Mulheres. O objetivo das aulas era oferecer a cerca de 120 responsáveis do **Toda Menina na Escola** mais opções para o preparo de alimentos numa época de aumento da insegurança alimentar. Em alguns casos, até as próprias meninas do projeto participaram das oficinas.



Ao longo do projeto, parcerias foram fundamentais para o alcance dos objetivos, entre elas:

Conselho Tutelar: Um parceiro importantíssimo na dinâmica para barrar a infrequência ou ausência das meninas nas escolas é o Conselho Tutelar. O órgão municipal tem como dever garantir o cumprimento do Estatuto da Criança e do Adolescente, atuando com um dispositivo de defesa e proteção dos direitos infanto-juvenis definidos por lei, e, portanto, sendo decisivo na mediação de problemas de falta de vagas ou afastamento dos estudantes da escola. Na prática, o Conselho Tutelar pode ser acionado pela escola, quando o estudante está ausente, e pela própria família, numa situação limite de falta de vagas. Em alguns casos, para garantir a vaga na escola, o Conselho pode mobilizar a Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro.

Uma lei municipal de 2023 estabeleceu a obrigatoriedade de as direções das escolas da Rede Municipal de Ensino notificarem o Conselho Tutelar sobre estudantes com mais de 30% de faltas, sem justificativa, durante um mês de aulas. A notificação deve acontecer depois de a direção ter esgotado todas as medidas possíveis junto aos responsáveis.

A equipe do **Toda Menina na Escola** firmou um diálogo produtivo com os cinco conselheiros do Conselho Tutelar de Bonsucesso, responsável pela região da Maré. A parceria incluiu a participação regular de um representante do Conselho nas reuniões do projeto com a 4ª CRE, para tratar especialmente da falta de vagas nas escolas, como será desenvolvido mais à frente, mas também os encaminhamentos relativos a situações mais complexas ou a violações ligadas à guarda, paternidade, documentação e saúde (como falta de laudo para comprovação de casos de estudantes com necessidades especiais). São os conselheiros, muitas vezes, que fazem os encaminhamentos das famílias para os atendimentos na Justiça Itinerante, que acontecem semanalmente, num ônibus estacionado no pátio da Fundação Oswaldo Cruz, com um juiz de plantão.

Clínicas da Família e agentes de saúde: No ir e vir pelo território, as articuladoras criaram uma dinâmica de parceria com as Clínicas da Família e com os agentes de saúde que trabalham na região. Em situações mais graves, que atrapalhavam ou até impediam a frequência escolar, foram feitas reuniões das articuladoras com gerentes das unidades, para dar agilidade ao atendimento. A proximidade e regularidade fizeram com que as articuladoras criassem vínculos com os profissionais de saúde, e, em alguns momentos, chegassem a acompanhar visitas domiciliares. Entre um dos casos, que mobilizaram esforços conjuntos, está o de uma menina que tinha se tornado infrequente por falta de medicamento para tratamento de dermatite atópica, que deixava seu corpo repleto de lesões. Após a articulação da equipe do **Toda Menina na Escola**, houve uma visita domiciliar, a criança conseguiu tratamento, as lesões sumiram, e ela voltou para a escola. Outro caso marcante foi de uma mãe que estava com tuberculose, mas sem acesso à medicação. Mais uma vez, a articulação entrou em campo, e ela recebeu o tratamento necessário.

Centro de Referência e Assistência Social (CRAS): O CRAS Nelson Mandela, em Bonsucesso, é o órgão de assistência social de referência para os moradores da Maré. A parceria com o **Toda Menina na Escola** foi firmada logo no primeiro momento das atividades, para que as questões relativas ao Cadastro Único das famílias participantes fossem agilizadas. É nesse órgão que se pode cadastrar, recadastrar e atualizar a situação das famílias, além de fazer o desbloqueio para o recebimento de uma série de políticas públicas voltadas para as famílias vulnerabilizadas, inclusive o Bolsa Família. No CRAS também são feitos encaminhamentos para a rede socioassistencial.

ONGs e entidades de sociedade civil: As 16 favelas da Maré contam com dezenas de ONGs e entidades da sociedade civil espalhadas por seus territórios. Assim, de forma orgânica, as articuladoras se aproximaram dessas instituições para troca de indicações, sobretudo para sugestão de atividades extras para as meninas cadastradas no projeto, mas também para seus irmãos e responsáveis. São atividades esportivas como lutas marciais e boxe, natação, atletismo, mas também danças variadas, reforço escolar, entre outras.

Articulação com direções das escolas: O trabalho regular do **Toda Menina na Escola** com as direções das escolas aconteceu em duas frentes simultâneas. No dia a dia do campo, as articuladoras se aproximaram pessoalmente das direções e das coordenações pedagógicas das unidades escolares das áreas onde atuavam, facilitando a troca de informações sobre alunas ausentes ou com alguma questão mais séria, mas também agilizando dados sobre vagas. Não raro, a partir do diálogo regular, as articuladoras solucionaram diretamente os problemas e as demandas com as escolas.

Em paralelo, mesmo antes de as articuladoras saírem a campo, por conta da contaminação de covid-19, foi iniciada, em 2020, uma outra articulação com os gestores, com o objetivo de oferecer um espaço aprofundado de reflexão sobre os desafios e os impactos da pandemia na educação da Maré. Os encontros, inicialmente semanais e virtuais, desdobraram-se mais tarde, em 2022, em reuniões presenciais e mensais, com foco nas questões mais gerais que envolviam toda a comunidade escolar mareense, oferecendo mais subsídios para as ações do **Toda Menina na Escola** e, evidentemente, munindo a equipe do projeto de temas para a incidência política junto aos poderes públicos.

Num primeiro momento, a proposta foi debater estratégias para cuidados com a parte física das escolas, que, fechadas por conta da crise sanitária, sofreram muitas depredações.

O espaço se tornou um fórum de acolhimento dos profissionais de educação, com troca de informações práticas, inclusive sobre como minimizar os efeitos, por exemplo, da falta de internet dos estudantes, mas também um lugar para pensar na educação da Maré, a longo prazo.

Em dado momento, por conta do anúncio iminente do retorno presencial, o encontro com os gestores passou para a temática da saúde da população da Maré, e para as possíveis estratégias de proteção da comunidade docente e discente, nas escolas. Para isso, foi importante o trabalho do Eixo de Saúde da Maré, no campo desde o início da pandemia, e a parceria com a Fundação Oswaldo Cruz, na campanha de vacinação #VacinaMaré. Os profissionais envolvidos conversaram com os diretores, tirando dúvidas e aprofundando informações.

Até maio de 2023, foram realizadas 46 reuniões, com uma média de 16 gestores das escolas, em cada uma delas. Entre as ações, discussões e formações, aconteceu a apresentação da pesquisa Covid-19 e educação de meninas no Conjunto de Favelas da Maré, um encontro sobre o trabalho do Conselho Tutelar, que atende a Maré, uma apresentação de dados sobre o **Toda a Menina na Escola**, um curso sobre recursos tecnológicos digitais, para as aulas remotas, um debate sobre o impacto da violência armada nas escolas, e uma discussão sobre a lei que prevê a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas educação básica da rede pública.



Rayssa da Hora

“Meu sonho é virar lutadora. Tenho muitos sonhos”

Foi andando pelas ruas da Nova Holanda, no começo de 2022, em busca de casa em casa por crianças e adolescentes fora da escola, que a articuladora Cláudia Martins se deparou com o caso de Rayssa da Hora, hoje com 13 anos. Naquele momento, já fazia mais de um ano que a adolescente tinha se mudado de Realengo, na Zona Oeste, para morar com o pai, madrasta e irmãos na Maré, mas não frequentava a escola, nem tinha documentos para que a matrícula fosse realizada. Até o ano anterior, Rayssa morava com a mãe e irmãos sem ter qualquer contato com o pai. A grande guinada que a levou à Maré veio depois de muitas brigas violentas e dificuldades com a mãe, falta de comida e o acolhimento de vizinhos e parentes.

“Passei por muitas coisas na casa da minha mãe, dormia no chão. Eu estava na casa do meu padrinho, porque minha mãe tinha desaparecido, quando meu pai apareceu, disse para eu ir morar com ele e meus olhos encheram de água”, lembra Rayssa.

Roberto, o pai, foi quem recebeu a articuladora da busca ativa logo no primeiro contato e pediu ajuda para matricular Rayssa numa escola na Maré. Ele não tinha a mínima ideia de como organizar os documentos da filha, que, até então, sequer tinha seu nome na certidão de nascimento. Quando a menina nasceu, Roberto estava foragido da Justiça e acabou não fazendo o registro dela por medo de ser preso. O reencontro dele com Rayssa viria a acontecer mais de dez anos depois, quando, após cumprir pena, ele foi visitá-la em Realengo e acabou convidando-a para morar com sua família na Nova Holanda.

Desde o primeiro encontro, a articuladora Cláudia Martins passou a acompanhar Rayssa muito de perto, dando todo o suporte para que a menina voltasse à escola, mas também descobrisse outras possibilidades de engajamento no território. O primeiro passo do complexo trabalho de articulação foi levar pai e filha ao Conselho Tutelar, em busca do reconhecimento da paternidade.

Em paralelo, a articuladora conseguiu descobrir que Rayssa ainda tinha matrícula numa escola municipal, em Padre Miguel, próxima de sua antiga moradia, além de fazer contato com duas escolas na região da Maré, em busca de vagas. Foi ela também quem encaminhou a família à 4ª CRE para que o pai conseguisse a vaga para a menina. A própria Rayssa conta que não aguentava mais ficar em casa, sem estudar:

“Fiquei um ano sem estudar, sem amizades, sem poder conversar. Só eu não ia na escola, não aguentava mais, o tempo não passava quando a gente não vai para a escola.”

Ainda no primeiro semestre de 2022, Rayssa conseguiu uma vaga na Escola Municipal Clotilde Guimarães, em Ramos. Na mesma época, ela também começou a fazer aulas de judô no Luta pela Paz, enquanto a articuladora fez inúmeros convites para que Rayssa e a madrastra Eliane conhecessem a Casa das Mulheres, para tentar o atendimento psicológico. Apesar de, no fim de 2022, a garota ter conseguido uma vaga na Escola Municipal Olimpíadas Rio 2016, bem mais próxima de sua casa, o ano não terminou muito bem para a família. O pai, depois de participar de uma tentativa de assalto, foi preso de novo. E Rayssa ficou aos cuidados da madrastra, morando com um irmão menor de parte de pai e as filhas de Eliane.

Em 2023, já na escola nova, onde cursa o 7º ano, Rayssa finalmente aceitou o convite de Cláudia Martins para conhecer a Casa das Mulheres. Ali já passou por atendimento psicológico, conversou sobre seus direitos com a advogada e participou dos encontros com outras meninas, no Terça em Casa, atividade semanal dedicada a adolescentes:

“Eu me senti mais aliviada depois de conversar com a psicóloga, chorei, me emocionei e me senti mais leve. Também gostei muito do encontro com as meninas. No primeiro dia, fizemos pintura, conheci novas amigas, conversamos sobre mulheres. Cada trabalho representava uma mulher importante. Eu fiz sobre a Marta, jogadora de futebol, que lutou para mostrar que futebol não era só para homem. Todo mundo gostou do que eu falei sobre ela.”

Hoje, Rayssa diz que já voltou a sonhar com um futuro:

“Meu sonho é virar lutadora. Tenho muitos sonhos. Outro, é ser da Marinha, porque gosto muito de esportes. Tem muitas coisas na minha mente. Quero ser alguém na vida. A escola me mostra que eu posso ser alguém na vida. Estou fazendo os trabalhos, prestando atenção. Agora tenho um objetivo na minha vida.”





4 - Mobilização comunitária: a força do coletivo

Um dos pilares do trabalho da Redes da Maré, no território, é a sensibilização dos moradores sobre temas que dizem respeito ao cotidiano de suas vidas na favela, para a ampliação de direitos. Por isso, desde que a equipe do **Toda Menina na Escola** foi para as ruas da Maré, um dos objetivos foi engajar e mobilizar a população o máximo possível na busca de crianças e adolescentes distantes das escolas. A estratégia das articuladoras foi de se aproximar dos moradores de diferentes formas, a começar pelo contato diário, andando pelos territórios, conversando de casa em casa, para mostrar que criança alguma poderia ficar longe da escola. Um trabalho de sensibilização que contou com a parceria decisiva das associações de moradores locais, que, pelo histórico nos territórios, ajudaram na aproximação das famílias, criando conexões com mães, pais e responsáveis, ou até indicando endereços mais difíceis de serem encontrados.

Outra estratégia de impacto foram os mutirões nas ruas em busca de crianças fora da escola. De tempos em tempos, a equipe elegia uma região das 16 favelas para, em grupo, durante um dia inteiro, fazer uma varredura nas ruas, becos e vielas à procura de crianças e adolescentes sem estudar e assim encaminhá-los para as escolas próximas, articulando, de diferentes formas, o reencontro com o ambiente escolar. O fato de as profissionais estarem juntas, em bloco, já chamava a atenção por si só. A tropa normalmente falava com quem estivesse passando ou então batia de casa em casa. Não raro, um vizinho ou transeunte indicavam alguma criança ou adolescente que estava em casa, sem estudar.

Na prática, o mutirão era a chance de a equipe criar novas conexões com os moradores, descobrindo casos de estudantes sem matrícula, mas também tirando dúvidas sobre direitos da população nas áreas social, de saúde e educação. Muita gente aproveitava para conversar e perguntar sobre os demais projetos e equipamentos da Redes da Maré.

Eram comuns casos de mães pedindo reforço escolar para seus filhos ou querendo informações sobre emissão de certidão de nascimento, de documentos, como identidade e CPF. Nesta hora, as articuladoras ajudavam nos encaminhamentos para instituições locais ou indicavam o trabalho de atendimento sociojurídico na Casa das Mulheres.

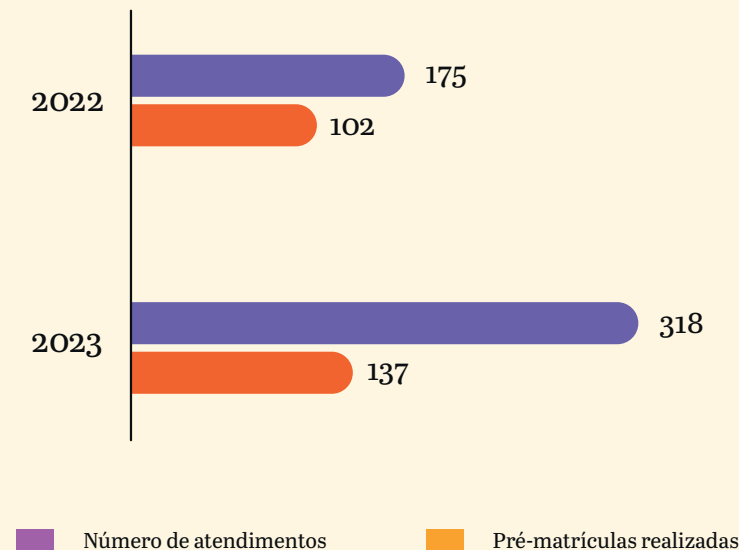
No trabalho diário, em geral, a equipe de articuladoras locais ia para as ruas da Maré com a lista de estudantes ausentes ou infrequentes fornecida pelas próprias escolas da região, ou seja, crianças com algum vínculo com a educação formal. A ideia do mutirão era justamente conseguir atingir um público de estudantes que estavam sem vínculo escolar.

A mobilização comunitária ganhou proporções ainda maiores nas duas edições da campanha **Vamos pra escola**, realizadas em 2022 e 2023. A ação, nas 16 favelas da Maré, teve como objetivo facilitar a pré-matricula de novos estudantes – crianças, adolescentes, jovens e adultos – nas escolas públicas da região. Como a pré-matricula só pode ser feita de forma virtual, foi montada uma grande operação para garantir que nenhuma família perdesse a vaga por falta de acesso à internet.

Se, em 2022, a campanha acabou sendo afetada por um momento de alta dos casos de infectados de covid-19, em 2023, a mobilização se espalhou por toda a Maré de forma impressionante. A ação foi turbinada por uma equipe de cerca de cem pessoas da Redes da Maré, parceria com associações de moradores e muita propaganda nas ruas, com direito a alto-falantes e panfletos convocando moradores. Houve também um grande trabalho de comunicação da campanha nas redes sociais da Redes da Maré (instagram e facebook), além de reportagens no jornal local, o Maré de Notícias, e em outros veículos de imprensa. Foram montados dez polos de atendimento, incluindo as duas sedes da Redes (Nova Holanda e Vila dos Pinheiros) e a Lona Cultural Herbert Vianna. Em todos havia gente com computadores, para fazer a pré-matricula e dar informações sobre todo o processo.

Ao todo, em 2023, foram feitos 318 atendimentos, com 137 pré-matrículas realizadas depois de muito empenho. Na primeira edição do mutirão, em 2022, foram 175 atendimentos e 102 pré-matrículas realizadas.

A campanha **Vamos pra escola** teve inspiração metodológica na campanha #VacinaMaré, realizada em 2021 pela Redes da Maré em parceria com a Fiocruz e Secretaria Municipal de Saúde, quando 93,4% dos moradores da Maré foram vacinados com pelo menos duas doses do imunizante contra a covid-19. A mobilização para a pré-matricula na escola aconteceu pelas ruas e por locais de grande concentração de pessoas das favelas. A equipe da Redes da Maré atraía a atenção dos moradores, enquanto tirava possíveis dúvidas sobre a matrícula, como aconteceu na movimentada feira livre da Rua Teixeira Ribeiro, na Nova Holanda.



Outro ponto positivo da campanha foram as parcerias com as associações de moradores. Em 2023, sete associações em diferentes favelas da Maré uniram forças no mutirão: Conjunto Bento Ribeiro Dantas, Conjunto Esperança, Marcílio Dias, Nova Holanda, Parque União, Roquete Pinto e Rubens Vaz. Na avaliação dos parceiros, a descentralização dos atendimentos e a ajuda na divulgação da ação entre frequentadores das associações fizeram com que mais famílias buscassem vagas.

No entanto, apesar de toda a mobilização, houve dificuldade para se conseguir vagas em escolas da Maré para determinados segmentos de ensino. Repetidamente, o sistema indicava somente opções em bairros mais distantes. Em alguns casos, de tanto insistir, algumas poucas vagas surgiram. Muitos responsáveis foram mais de uma vez aos polos de atendimento na esperança de conseguirem vagas em escolas na região onde moram, evitando o deslocamento de crianças que nem sempre podem andar sozinhas. Mas muitos não conseguiram: foram 100 casos de pré-inscrição não realizados por falta de vaga em escola próxima à residência. Neste cenário, apenas 17 responsáveis acabaram aceitando matrícula em locais mais distantes.

O objetivo era, também, influenciar a abertura de novas vagas para que todos pudessem ser inseridos ainda no início do ano letivo porque: a) entrar depois do início das aulas atrapalha o rendimento escolar; b) não há garantia de que haja vagas; c) caso haja vagas por desistência, esses estudantes passam a fazer parte de outra lista-gem de evadidos e, automaticamente, se transformam no público atendido pela equipe de busca ativa. Ou seja, substitui-se um estudante por outro.

Ao longo dos seis dias de campanha em 2023, a equipe da Redes da Maré se deparou com muitas questões práticas que dificultaram a pré-matrícula de crianças, adolescentes e adultos, a começar pela obrigatoriedade da pré-inscrição pela internet, para uma população que nem sempre tem celular ou computador.

Outro problema é a divisão das escolas no sistema de inscrição por bairros: escolas da Maré às vezes apareciam como localizadas em bairros vizinhos. Outra dificuldade recorrente, depois da pré-matrícula realizada e a obrigatoriedade de confirmação da inscrição nas escolas indicadas pelo sistema, foi da apresentação de documentos. Apesar de uma deliberação de 2019, da Secretaria Municipal de Educação garantir que em hipótese alguma a matrícula poderá ser negada por falta de documentos, na prática, muitos responsáveis perderam a vaga por não terem cópias da documentação exigida.

Um dos principais gargalos que se repetiu foi a falta de vagas para os segmentos escolares iniciais, na região que inclui o Conjunto Esperança, a Vila do João, Salsa e Merengue, Vila dos Pinheiros e Conjunto Pinheiros. Há cinco escolas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) e duas dos Anos Finais (6º ao 9º ano) do Ensino Fundamental, que é insuficiente para atender à demanda da região, sobretudo em relação às vagas para os três primeiros anos escolares.

Todos os casos de crianças e adolescentes que não conseguiram vagas em escolas, nos mutirões ou nas edições da campanha **Vamos pra escola**, foram cadastrados para serem acompanhados pela equipe do projeto, no fluxo regular das atividades, com seus nomes encaminhados para os representantes da 4ª CRE, em mais uma etapa do trabalho de articulação política com a Secretaria Municipal de Educação. Os dados consolidados comprovaram a necessidade de abertura de mais vagas em determinadas áreas e as dificuldades no processo de pré-matrícula, oferecendo um diagnóstico do processo de matrículas novas na Maré.

As ações nas ruas da Maré foram fundamentais para a ampliação da abrangência do **Toda Menina na Escola**. Crianças e adolescentes cujos nomes não estavam nas listas oficiais das escolas ou não foram indicadas por instituições parceiras tiveram a oportunidade de serem reconduzidas às escolas ou de serem matriculadas pela primeira vez.



Rozana ao lado das filhas Maria Luiza (à esquerda) e Rayssa

“Fui descobrindo oportunidades”

Até 2021, a história de vida de Rozana Rodrigues Sabino se assemelhava a de muitas mães solo das favelas da Maré. Nascida na Nova Holanda, num tempo em que as casas ainda eram de madeira e volta e meia as águas inundavam as moradias, mãe de três e sem qualquer apoio dos pais de seus filhos, a situação precária de sua família entrou numa fase ainda mais dramática quando a pandemia de covid-19 foi decretada. De repente, todos estavam dentro de casa de quatro ambientes, os filhos sem qualquer contato com a escola e Rozana administrando o momento com os benefícios do programa social do Governo federal.

O desespero chegou a bater forte, até que, um dia, nas vizinhanças da Nova Holanda, ela encontrou com a dupla de articuladoras da busca ativa, Cláudia Martins e Vanessa Garcia, e, sem exageros, um novo mundo se descortinou à sua frente. Para ela, mas também para as filhas Rayssa, 19 anos, e Maria Luiza, 13 anos, além do filho Marcelo, 11 anos:

“Até aquele momento, eu não sabia que havia tantas possibilidades para mim e para os meus filhos aqui na Maré, pertinho da gente.”

Primeiro, a família foi incluída no projeto Impacto de Vida, da Redes da Maré. Rozana e os filhos passaram a receber regularmente a cesta alimentícia e produtos orgânicos, enquanto também ganharam um tablet com conexão com a internet, para que as duas meninas e o menino finalmente voltassem a participar das aulas remotas das escolas e fizessem os deveres de casa. Em ato contínuo, a própria Rozana sentiu a necessidade de voltar a estudar.

Ela havia deixado a escola aos 14 anos, na 5ª série, ao engravidar de Rayssa. No primeiro momento, as articuladoras conseguiram uma vaga no Centro de Estudos de Jovens e Adultos (CEJA) na Maré, mas, encabulada, Rozana preferiu participar do projeto Escreva seu futuro, no prédio central da Redes, na Nova Holanda, para alfabetização de mulheres que nunca frequentaram as escolas ou estavam há muito tempo distantes dos bancos escolares. E não ficou só nessa experiência. Simultaneamente, Rozana se inscreveu e foi aceita no curso de Gastronomia Maré de Sabores, na Casa das Mulheres.

“Fui descobrindo oportunidades, como o curso de gastronomia e a alfabetização, que para mim funcionou como uma forma de relembrar as aulas do passado. A professora dizia que eu era muito avançada porque o projeto é para quem não sabe nada, mas para mim ajudou a melhorar a minha autoestima. Eu já acordava animada e contagiava a casa toda. Eu falava para os três filhos: bora para a escola para ser alguém na vida. A relação mudou, porque eles passaram a se espelhar em mim e a querer estudar mais”, relembra.

Para além de aprender receitas de salgados e doces, o curso de Gastronomia na Casa das Mulheres fez Rozana pensar no futuro das filhas:

“Aprendi a fazer temperos caseiros para evitar comprar aqueles prontos, mas também aprendi nas aulas de gênero a importância de ter opinião, de saber ter argumentos para debater, e assim me senti muito mais empoderada como mulher, inclusive para mostrar para as minhas filhas a importância de serem independentes. Quero muito que elas sejam alguém na vida”, diz Rozana.

Por ora, a mais velha, Rayssa, faz Ensino Médio no CIEP professor César Pernetta, sonha em ser jogadora de futebol, enquanto a mais nova, Maria Luiza, aluna da Escola Municipal Olimpíadas Rio 2016, passa suas tardes lendo e participando das atividades da Biblioteca Popular Escritor Lima Barreto, outro equipamento da Redes da Maré. Ali ela já leu histórias de mulheres inspiradoras como a da vereadora, assassinada em 2018, Marielle Franco, que nasceu e morou na Maré, e até o livro *Malala: a menina que queria ir para a escola*. Nos últimos tempos, Maria Luiza, que tem muito orgulho de estar no 8º ano da escola, também descobriu o projeto Terça em Casa, para jovens, na Casa das Mulheres, depois de um convite da articuladora Vanessa Garcia.

“Faz muitos anos que eu vou à biblioteca à tarde porque gosto de ouvir histórias e minha atividade preferida é o dia de inventar brincadeiras ao ar livre. Nas terças, eu estou indo na Casa das Mulheres com uma amiga. A gente se diverte e conhece outras meninas. Já vi filme, brinquei de jogos de tabuleiro, de corda, bola, dominó. Tem sido muito bom”, finaliza Maria Luiza.



5 - Incidência política: sensibilizando gestores públicos

(...) os Movimentos Populares teriam de continuar, de melhorar, de enfatizar sua luta política para pressionar o Estado no sentido de cumprir o seu dever. Jamais deixá-lo em sossego, jamais eximi-lo de sua tarefa pedagógica, jamais permitir que suas classes dominantes durmam em paz. Sua bandeira de luta, dos Movimentos Populares, deve ser alçada noite e dia, dia e noite, em favor da escola, que sendo pública, deve ser democrática, à altura da demanda social que dela se fará e buscar sempre da melhoria de sua qualidade. (...) (Freire, 2001)

Ações voltadas para incidir politicamente nas favelas e periferias exigem, antes de mais nada, que muitos estigmas em relação a esses espaços e a sua população sejam quebrados. Há uma tendência de responsabilização das famílias pela falta de acesso aos direitos sociais, muitas vezes, pelo desconhecimento ou não entendimento das dinâmicas familiares e do território. A falta de compreensão, por parte dos gestores públicos, das dificuldades de algumas famílias, por exemplo, para levar crianças menores nas escolas que ficam distantes de suas residências faz com que os próprios responsáveis sejam culpabilizados, muitas vezes, pela não garantia do direito à educação.



Esse distanciamento da realidade local impossibilita ou envia a elaboração de ações que, efetivamente, atendam às demandas da população. Gestores públicos e a população em geral costumam usar a violência ou a presença de grupos armados que dominam o território para justificar o mau funcionamento dos equipamentos públicos de saúde, cultura, educação e saneamento urbano. De fato, existe uma complexidade nesses espaços, como já foi fortemente elencado, mas isso não pode ser justificativa para a negligência do poder público com a população favelada e periférica, inclusive, porque a segurança pública dos cidadãos como um todo é dever do Estado.

Um dos grandes desafios de instituições locais, como a Redes da Maré, no diálogo com órgãos públicos é justamente a sensibilização para as demandas reais da população, que só podem ser de fato conhecidas e efetivadas através da vivência no território, escuta ativa e construção coletiva. Em todas as conversas da equipe do **Toda Menina na Escola**, com cada uma das instâncias do poder público envolvidas no processo de reinserção de estudantes na escola, foram apresentados dados concretos, de crianças e adolescentes já cadastrados no projeto, que estavam com dificuldades de seguir sua trajetória escolar. A expectativa foi sempre de engajar cada interlocutor do Estado para a necessidade de um olhar mais sensível sobre as questões que envolvem a educação na Maré e, consequentemente, se repetem em outras áreas da cidade, cuja população enfrenta problemas ou dilemas similares.

A falta desse cuidado atento às realidades da população favelada e periférica pode gerar, no cotidiano, uma política pública que não funciona, na prática, para quem precisa dela. Um exemplo óbvio foi a implementação, na pandemia de covid-19, de ensino remoto através de aplicativos, para estudantes da Maré e muitas partes do país, que não tinham acesso à internet. Foi uma política contraproducente porque gerou ainda mais desigualdades, transferindo o problema para uma população que já tinha vários de seus direitos negligenciados cotidianamente.

Diante da realidade local, para o bom funcionamento das 50 escolas públicas do Conjunto de Favelas da Maré, é fundamental considerar que:

1. como o bairro Maré é formado por 16 favelas diversas e múltiplas, é necessário olhar para a particularidade de cada comunidade e/ou região, para pensar as políticas públicas de educação;

2. o território da Maré é ocupado por grupos criminosos armados que impõem uma forma de sociabilidade aos moradores, entre outras coisas, dificultando e até mesmo impedindo o livre trânsito entre comunidades;

3. a defasagem série-idade é uma realidade aguda no território da Maré;

4. não há transporte público no interior da Maré, apenas transporte privado (moto-táxi e similares), portanto, a política de oferta de cartão para pagamento da tarifa do transporte público não funciona para moradores da região que precisam estudar em favela diferente da que residem;

5. a condição de pobreza da maioria dos moradores da Maré faz com que haja uma demanda por escola de tempo integral ou, no mínimo, de turno único estendido;

6. as famílias com mais de dois filhos escolarizados que precisam de companhia de adultos para ir e voltar da escola têm que ter prioridade para que as crianças estudem na mesma unidade escolar ou, pelo menos, na mesma favela, garantindo o bom deslocamento entre casa e escola;

7. o empobrecimento das famílias na Maré, acirrado no período da pandemia, exige que crianças e adolescentes se insiram no mercado de trabalho, mesmo que de forma precária e informal, cada vez mais cedo.

Todos esses pontos devem ser considerados não apenas na abertura de novas vagas mas na prática pedagógica dos educadores em ação na Maré, na relação da escola com as famílias e com outros atores do entorno para que o processo de ensino-aprendizagem tenha êxito, estimulando os estudantes a desejarem estar, todos os dias, na escola. A evasão é impulsionada por fatores externos à escola, mas também por fatores intraescolares, que devem ser observados e considerados em momentos de avaliação do trabalho pedagógico.

Neste sentido, para contribuir com uma visão mais territorial da situação da educação na Maré junto ao poder público municipal, a partir de 2022, a equipe do projeto se uniu com o Conselho Tutelar da região na realização de reuniões mensais com membros da Gerência de Supervisão e Matrículas, setor da 4ª Coordenadoria Regional de Educação (órgão intermediário da gestão educacional). Os encontros, que se estenderam até 2023, tinham como objetivo a discussão dos casos de crianças ainda fora da escola, buscando soluções conjuntas.

Simultaneamente, outra estratégia foi a apresentação, em setembro de 2022, ao então Secretário Municipal de Educação, Antoine Lousao, e à sua equipe de dados de atendimento das escolas municipais da Maré, que indicavam uma diferença bastante acentuada de matrículas entre os Anos Iniciais e os Anos Finais do Ensino Fundamental, destoando da tendência geral da rede municipal²³. Após a apresentação desses números, foi feita uma articulação para a identificação das demandas de cada uma das crianças fora da escola, isso a partir do trabalho da equipe do **Toda Menina na Escola**, em busca de soluções práticas. Foram realizadas, assim, três reuniões de representantes da Redes da Maré com a equipe da SME, até que decidiu-se pela continuidade dos trabalhos diretamente com a 4ª CRE e a Gerência de Supervisão e Matrículas.

²³ Naquela ocasião, segundo dados da 4ª CRE, havia 1.626 alunos matriculados no 1º ano do Ensino Fundamental, 1.655 no 5º e 612 no 9º.

Até o mês de abril de 2023, foram realizadas 11 reuniões, sempre com a pauta de criar estratégias para a ampliação de ofertas de vagas. Questões mais delicadas do cotidiano da educação na Maré observadas pela equipe do **Toda Menina na Escola**, como a falta de professores obrigando a redução da carga horária das aulas, entraram na pauta. Nessa tentativa de diálogo com os órgãos públicos, percebe-se que havia uma grande dificuldade em discutir assuntos mais subjetivos, que exigiam uma atenção diferenciada e, muitas vezes, não podiam ser mensurados de imediato. Durante os encontros na 4ª CRE, as dinâmicas e os limites de deslocamentos das famílias e dos estudantes de uma favela para a outra na Maré foram apresentados minuciosamente, levando em conta o trabalho diário das articuladoras do **Toda Menina na Escola**. A proposta foi contribuir para um diálogo mais efetivo das famílias em busca de vagas com a equipe de servidores públicos, facilitando a compreensão das questões que envolvem o território, e influenciando na escolha das escolas, por parte dos moradores da Maré.



Yasmin Vitória

“Yasmin tem que continuar estudando”

Quem vê a menina de corpo franzino carregando o bebê rechonchudo nos braços, de um lado para o outro da Nova Holanda, não imagina quanta história Yasmin Vitória da Silva tem para contar, com apenas 14 anos de idade. Mãe solo aos 13 anos, ela perdeu a própria mãe para um câncer, quando o pequeno Rychard tinha apenas três meses, após um doloroso tratamento que obrigou a adolescente, muitas vezes, a ter que cuidar sozinha de quatro irmãos mais novos.

Depois da morte da mãe, mudou-se de casa junto com o irmão mais novo e seu bebê, para viver com a avó. Mas, em meio a tantos percalços, conseguiu chegar ao 9º ano na Escola Municipal Olimpíadas Rio 2016. Desde julho de 2021, quando a família ainda morava na Favela da Galinha, Yasmin tem sido acompanhada de perto pela articuladora da Busca Ativa Vanessa Garcia. Naquele momento de pandemia, a família enfrentava uma situação crítica, com a mãe Rosilane desempregada e o então companheiro dela fazendo biscoitos de reciclagem.

Foram inscritos no projeto Impacto de Vida para ganhar cesta alimentícia e produtos orgânicos e, em seguida, as crianças passaram a ser atendidas pela frente de Conectividade, porque, àquela altura, nenhum dos quatro filhos em idade escolar tinha qualquer tipo de conexão com a escola, por falta de celular e de internet. Ganharam um tablet e chip com dados e conseguiram retomar as atividades.

No fim de 2021, duas notícias mudaram os rumos da família. Primeiro, Rosilane, então com 29 anos, foi diagnosticada com câncer no colo do útero. Depois, Yasmin soube da gravidez não planejada. Enquanto a barriga da menina ia crescendo, a mãe enfrentava um tratamento quimioterápico muito severo. Já muito enfraquecida, Rosilane chegou a participar da oficina de Gastronomia do Maré de Sabores, oferecida às mães da frente de Conectividade, na Casa das Mulheres, mas nem conseguiu terminá-la, porque no meio da aula se sentiu mal. Rychard nasceu em julho e em outubro Rosilane faleceu.

“A gente morava tudo junto, a casa era muito pequena, só um cômodo, mas minha mãe tinha muita alegria. Ela só mudou depois da doença, ficou mais fechada,” conta Yasmin.

Mesmo depois do nascimento de Rychard e da morte da mãe, no segundo semestre de 2022, Yasmin não deixou a escola de lado. Fez as atividades à distância e chegou a pedir para levar o bebê para a aula para assistir às matérias presencialmente, o que não foi permitido, já que ela estava de licença maternidade. Fez as provas e concluiu o ano. Em fevereiro de 2023, voltou à escola, a cerca de 15 minutos de sua casa, a pé, e passou a ter uma rotina diária de amamentação do filho: na hora do almoço dos alunos corria em casa para alimentar Rychard, que ficava com uma tia para que ela estudasse. Como a avó trabalha o dia inteiro, Yasmin ainda é quem busca o irmão Khayan, 9 anos, e a prima Sofia, 8 anos, da Escola Municipal Nova Holanda.

Em abril, chegou a faltar alguns dias de escola porque não tinha quem cuidasse de Rychard, mas, com a ajuda de uma ação da Defensoria Pública do Rio de Janeiro, articulada pela Redes da Maré, conseguiu uma vaga para o filho no Espaço de Desenvolvimento Infantil Professora Kelita Faria de Paula, na Maré.

Seu sonho agora é acabar a escola:

“Me sinto dividida, porque quero estar com o Rychard, mas também não quero estar para poder estudar. Nessas horas minha mãe faz muita falta. Apesar da doença, ela tentou participar de tudo. Comprou banheira para ele, me explicou como se dava o banho, comprou roupinhas, fraldas. No futuro, quero ir para a faculdade, fazer curso de maquiagem. Gosto de língua portuguesa e de ciências, mas acho matemática difícil”, diz Yasmin.

Outro desejo, Yasmin confessa, é não ter outro filho, nem tão cedo.

“Não quero, já estou tomando injeção para evitar”.

Nessa nova fase da vida, por sinal, por convite da articuladora Vanessa Garcia, ela acabou se aproximando da Casa das Mulheres, onde tem tentado participar das atividades semanais do Terça em Casa, para interagir com outras meninas de sua idade, conversar sobre sexualidade, questões de gênero e raça e, claro, espalhar e se divertir.

Avó de Yasmin, a auxiliar de serviços gerais Debora Luiza Ramos da Silva, 47 anos, vai equilibrando os afazeres entre a casa e o trabalho de limpeza em Botafogo, Zona Sul da cidade, esperando que o apoio que tem dado à adolescente, depois da morte de sua filha, Rosilane, possa ajudá-la a não desistir dos estudos. Sua vida é uma maratona para deixar comida pronta para a família antes de sair para o trabalho.

“A gente não espera perder uma filha, mas aconteceu e agora minha luta é que fique tudo bem com os meus netos e com meu bisneto. Yasmin tem que continuar estudando, seguir, sem perder oportunidades”, completa Débora.



6 - Produção de dados: produzindo conhecimento

Uma das estratégias do projeto **Toda Menina na Escola** foi a produção e a sistematização de dados sobre crianças e adolescentes infrequentes ou fora da escola na Maré. As informações ordenadas ajudaram a compreender não só a realidade de cada indivíduo cadastrado mas, também, ofereceram um panorama da realidade educacional da Maré, destacando os fatores que levaram uma criança ou adolescente a não frequentar regularmente a educação formal ou mesmo a abandonar a escola.

Os dados aqui apresentados foram coletados durante o trabalho da equipe nas ruas da Maré, interagindo com famílias, instituições locais, equipamentos públicos e associações de moradores. Um trabalho que pode servir de subsídio para reflexões e, ao mesmo tempo, influenciar políticas públicas mais atentas às questões objetivas dos moradores em relação ao acesso e à permanência na escola.

O sistema de monitoramento do **Toda Menina na Escola** envolveu três frentes de trabalho: produção de banco de dados sobre crianças e adolescentes fora da escola; monitoramento das crianças e adolescentes identificadas; e produção de informações especializadas. Essas frentes são complementares e, ao longo do projeto, foram sendo aprimoradas.

a) Produção de um banco de dados sobre crianças e adolescentes fora da escola

Para cada menina fora da escola e/ou infrequente identificada pelo projeto, foi feita uma ficha de cadastro, preenchida pelas articuladoras ao lado do responsável ou familiar da estudante, com informações básicas sobre a família, perfil e histórico escolar, questões de saúde, situação socioeconômica da família. As fichas passaram a compor o banco de dados sobre as meninas identificadas.

Após o momento de identificação, todo e qualquer contato e atendimento realizado com as famílias era registrado em outro formulário, chamado de Registro de Acompanhamento.

A Ficha de Cadastro assim como o Registro de Acompanhamento eram formulários do aplicativo ODK Collect, instalado nos smartphones das articuladoras de campo. O aplicativo permitia a coleta de dados em locais sem acesso à internet e sem rede móvel de telefone, realidade de muitas regiões das 16 favelas da Maré. Além disso, a ferramenta facilitou o trabalho da articuladora de campo por garantir o acesso a todas as informações do projeto de forma rápida e organizada. Os formulários respondidos eram enviados – neste momento era preciso de internet – para uma plataforma online ONA e de lá inseridos no banco de dados.

A plataforma permite acessar os dados a qualquer momento e tem funcionalidades importantes para o monitoramento dos casos e gestão do projeto:

- **Revisão das informações coletadas em campo;**
- **Consulta às informações cadastrais e de acompanhamento do público atendido;**
- **Georreferenciamento do local de moradia das crianças e adolescentes;**
- **Extração de arquivos com os dados das fichas de cadastro e de acompanhamento.**
- **Atualização do cadastro das crianças e adolescentes nos casos de mudança de endereço e formas de contato:**
- **Construção do perfil das crianças e adolescentes identificadas, com informações socioeconômicas, educacionais, de saúde e de configuração familiar.**

b) Monitoramento das crianças e adolescentes identificadas

Para o monitoramento da inserção, frequência e desempenho escolar das crianças e adolescentes acompanhadas, o projeto fez uso de três estratégias:

- **Coleta da informação diretamente com as famílias atendidas;**
- **Coleta da informação com a unidade escolar;**
- **Coleta da informação do Sistema de Gestão Acadêmica (SGA), da Gerência de Supervisão e Matrícula da 4ª Coordenadoria Regional de Educação, Secretaria Municipal de Educação.**

c) Levantamento de informações qualificadas

A coleta e a consolidação do banco de dados permitiu, ao longo do projeto, o levantamento de informações específicas sobre o público atendido e andamento do trabalho, fornecendo continuamente insumos para a equipe de campo.

As principais informações produzidas foram:

- **Perfil das crianças, adolescentes e famílias cadastradas: sexo, cor, idade, composição familiar, renda, benefícios sociais, escolaridade dos responsáveis, profissão dos responsáveis, demandas de saúde, dentre outras.**
- **Motivos da evasão escolar ou baixa frequência: o conhecimento das razões pelas quais a criança ou a adolescente identificada está fora da escola ou em risco de evasão é determinante para a promoção de estratégias mais eficazes para a solução imediata de cada caso.**



Quem são as meninas cadastradas?

As 860 meninas cadastradas e acompanhadas pelo **Toda Menina na Escola** estão dentro da faixa etária de 5 a 20 anos, com 55,5% delas com 13 a 15 anos. A grande maioria (94,1%) é nascida no Rio de Janeiro e todas são moradoras de uma das 16 favelas da Maré, sendo que a maior parte delas (22,6%) vive em Nova Holanda, seguida de Vila do João (14,9%), Vila dos Pinheiros (14,5%), Parque Maré (11%) e Salsa e Merengue (10,9%). Na divisão por cor da pele, há 60,2% que se autodeclararam pardas, 19,8% pretas e 20% brancas. No momento do cadastro, 80% (688) não frequentavam a escola com regularidade e 20% (172) estavam totalmente ausentes.

Entre as meninas infrequentes, o maior número se concentra na faixa etária de 11 a 17 anos, correspondendo a 56,40% dos cadastros, seguido de meninas de 5 a 10 anos (38,72%) e de 18 a 20 anos (4,88%). Nesse grupo, 87,6% estão no Ensino Fundamental, 11% no Ensino Médio e 1,3% na creche. Ao fechar mais o foco nos Anos Iniciais do Fundamental (1º ao 5º ano), há 42,44%, das meninas, sendo o 5º ano com maior índice (9,3%). Já nos Anos Finais (6º ao 9º ano) têm 42,4% dos registros, sendo o 7º ano com mais alta taxa (12,6%).

Entre as meninas fora da escola no momento do cadastro, a maioria (51,16%) também faz parte da faixa etária de 11 a 17 anos, seguida do grupo de 5 a 10 anos (37,21%) e de 18 a 20 anos (11,63%). Ainda no recorte dos 20% sem estudar, 43,6% interromperam nos Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), 32,6% nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º Ano), 9,3% no Ensino Médio, 8,72% na pré-escola e 5,81% não têm escolaridade. A grande maioria parou de estudar há menos de 1 ano (90%), o que confirma a influência do período pandêmico, que provocou afastamento de muitas crianças e adolescentes da escola por diversos motivos, não só sanitários, mas também sociais e econômicos.

Entre os motivos para o abandono da escola citados no cadastramento, destacam-se: ²⁴

²⁴ Era possível indicar mais de uma razão.

Falta ou dificuldade de acesso à internet: **40,5%**

Falta de dispositivo eletrônico
(computador, celular e tablet): **37,6%**

Dificuldade de acessar e/ou realizar as atividades remotamente: **24,7%**

Família em situação de pobreza
(falta de renda e recursos): **12,6%**

Falta de vaga em escola próxima: **11%**

Falta de vaga na escola de interesse: **8,7%**

Falta de oferta de vagas: **7,6%**

Entre os responsáveis pelas meninas, a lógica das mães à frente da criação dos filhos, confirmada pelo Censo Maré, se repete. De acordo com os registros, 84,1% dos responsáveis são as mães e 4,9% são as avós. O número de moradores dividindo a casa com as meninas varia entre quatro e cinco, com as porcentagens mais significantes, 27,3% e 23,8%, respectivamente. A escolaridade dos responsáveis evidencia a interrupção dos estudos para grande parte dos respondentes: 71% disseram que a situação da escolaridade é incompleta - 58% interromperam no Ensino Fundamental e 13% no Ensino Médio.

Quanto à ocupação do responsável, 43,3% disseram estar desempregados no momento do levantamento. As outras opções mais citadas foram: do lar (20,8%) e trabalha sem carteira assinada (19,9%), evidenciando a situação de vulnerabilidade social das famílias. A renda mensal familiar reafirmou as dificuldades: 29,1% declararam ganhar R \$1.000,00; 25,3%, R\$500,00; e 15,6%, R\$1.500,00.



Resultados: Toda Menina na Escola em números

Cadastrou **860** meninas, com **4.131** acompanhamentos

688 (80%)
infrequentes*

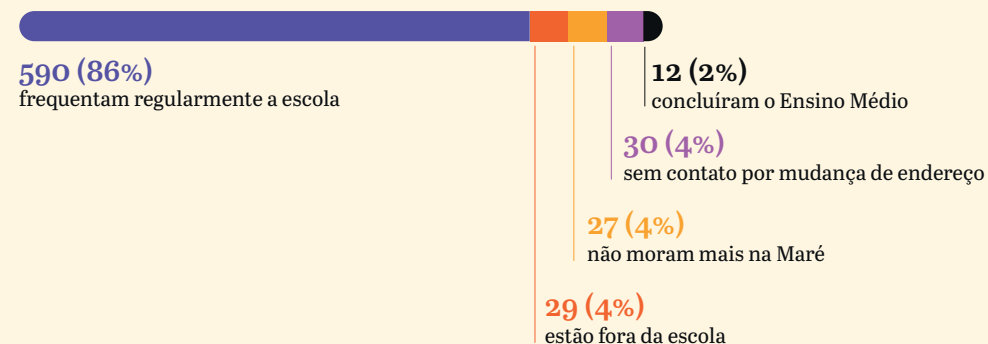
172 (20%)
fora da escola*



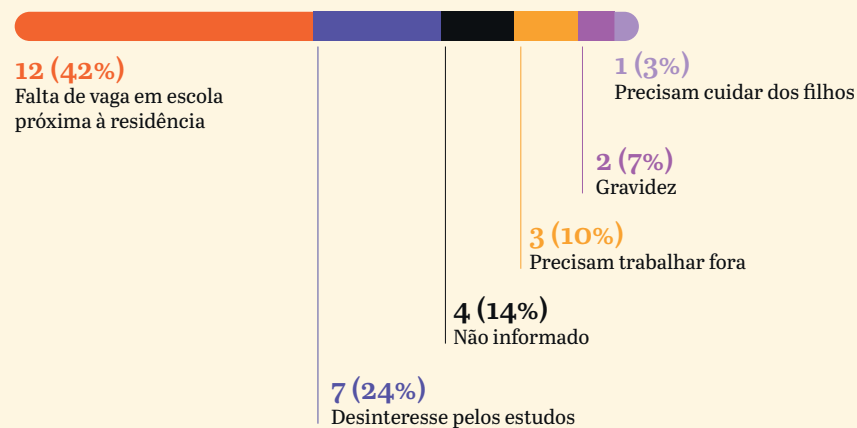
* quando identificadas

Ao final do projeto, em maio de 2023:

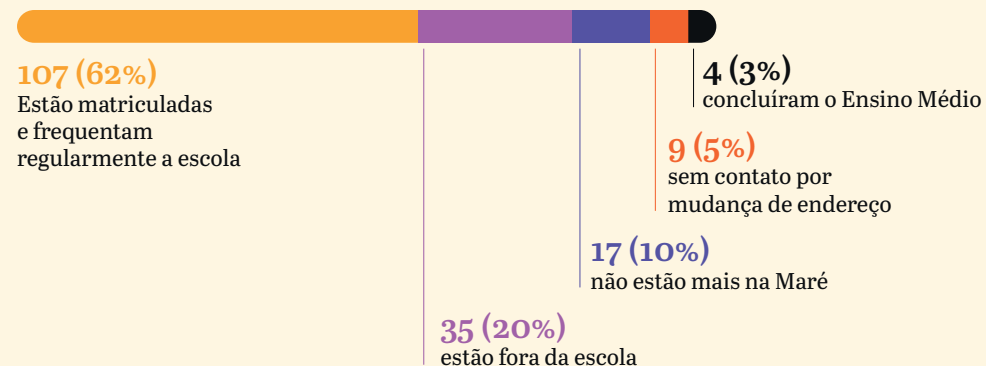
Das 688 inicialmente infrequentes:



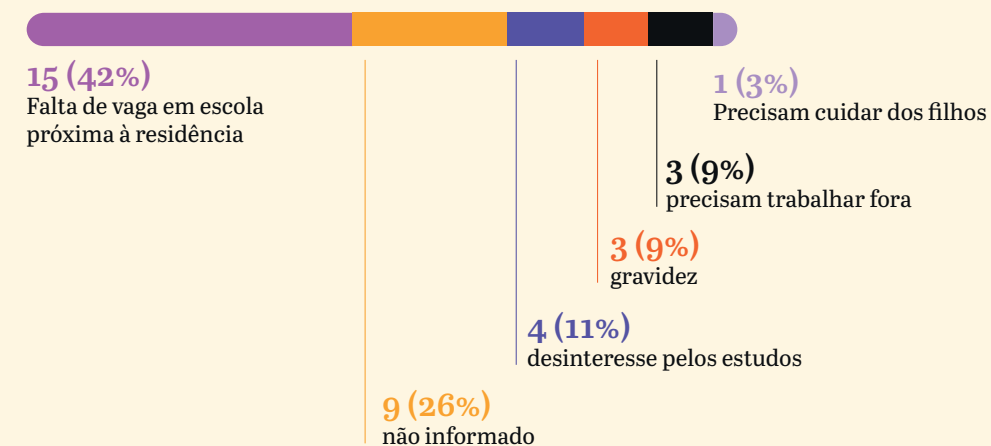
Razões das 29 (4%) meninas estarem fora da escola:



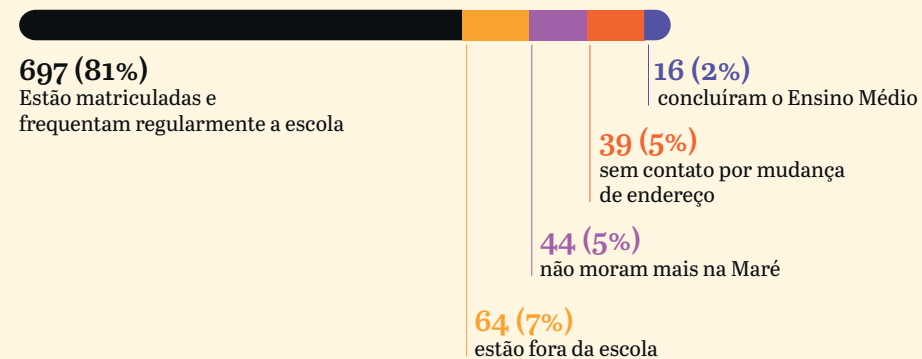
Das 172 inicialmente fora da escola:



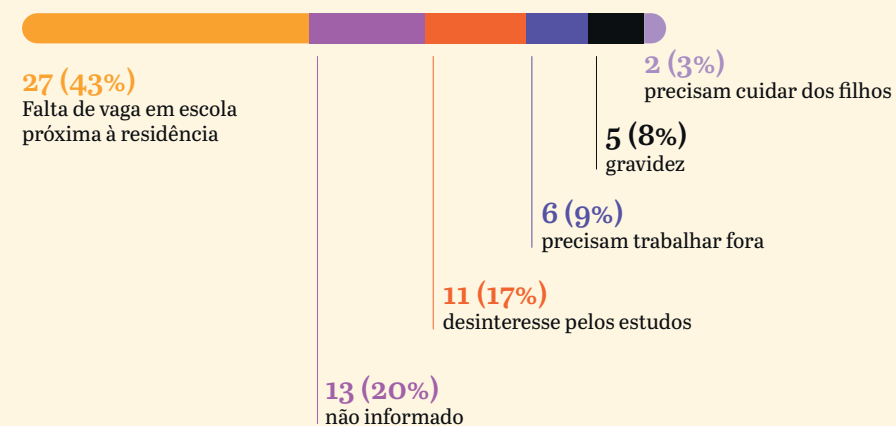
Razões das 35 (20%) meninas estarem fora da escola:



Do total geral de 860 meninas identificadas:



Razões das 64 (7%) meninas estarem fora da escola:



Reuniões nas escolas

175 Reuniões das articuladoras com as direções, nas 50 escolas da Maré.

Mutirão

8 Mutirões para busca ativa de crianças e adolescentes nas ruas das Maré.

Checagem de dados na 4ª CRE

20 Dias de trabalho das articuladoras na sede da CRE.

Parcerias no território

31 Instituições parceiras, entre associações de moradores, entidades privadas, organizações não-governamentais, órgãos públicos e associações da sociedade civil, além do contato diário e direto com as direções das 50 escolas públicas da Maré.

Reuniões de incidência

7 Reuniões da Redes da Maré com Secretaria Municipal de Educação;
11 Reuniões da Redes da Maré e Conselho Tutelar na 4ª CRE para estratégias de ampliação de vagas;
4 Encontros com a Secretaria Estadual de Educação.

Reuniões de formação e discussão com gestores das escolas

Foram realizadas 46 reuniões, com uma média de participação de 16 gestores das escolas. Entre as ações, discussões e formações, estavam:

- apresentação da pesquisa *Covid-19 e educação de meninas no Conjunto de Favelas da Maré*;
- encontro sobre o trabalho do Conselho Tutelar
- apresentação de dados sobre o **Toda a Menina na Escola**
- curso sobre recursos tecnológicos digitais
- debate sobre o impacto da violência armada nas escolas

Campanha de pré-matrícula Vamos pra escola

Em 2023, 318 atendimentos, com 137 pré-matrículas realizadas. Em 2022, 175 atendimentos e 102 pré-matrículas realizadas.

Em 2023, 7 Associações de Moradores participaram ativamente: Conjunto Bento Ribeiro Dantas, Conjunto Esperança, Marcílio Dias, Nova Holanda, Parque União, Roquete Pinto e Rubens Vaz.

Em 2023, 100 pessoas na equipe

Atendimentos em 10 pontos das 16 favelas, incluindo as sedes da Redes da Maré na Nova Holanda e Vila dos Pinheiros, além da Lona Cultural Herbert Vianna

Formação sobre questões de gênero, raça e identidade nas escolas

Entre 2022 e 2023, 72 atividades formativas em parceria com a Casa das Mulheres e Casa Preta, sobre os temas

- desigualdades de gênero na educação;
- questões étnico-raciais na escola;
- impactos da violência armada no cotidiano escolar;
- bem-estar e saúde mental dos estudantes e profissionais de educação na Maré;
- direitos sexuais e reprodutivos;
- segurança alimentar e alimentação saudável;
- literatura e arte no enfrentamento às desigualdades;
- memória, identidade individual e coletiva.

Encontros com as famílias

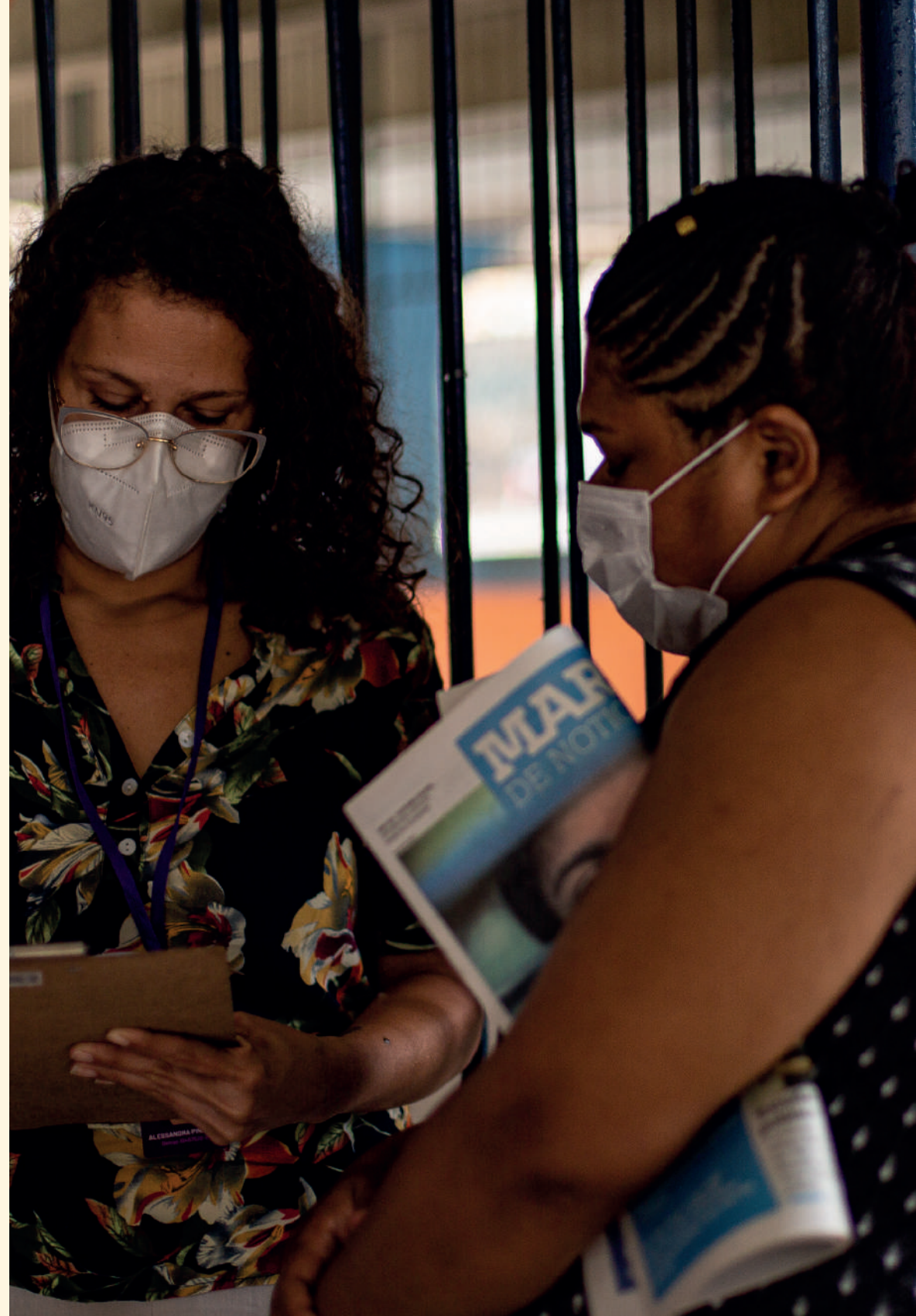
Em 2021, 200 famílias participaram de encontros presenciais, para conhecer equipamentos da Redes da Maré (Centro de Artes da Maré, na Nova Holanda; Galpão Espaço Normal, no Parque Maré; e a sede da Vila dos Pinheiros), e o funcionamento dos projetos e ações.

Conexão na pandemia e segurança alimentar

264 famílias tiveram suporte para a conectividade de seus filhos com a escola e os professores, com chip para acesso à internet e tablet, e também receberam cestas alimentícias regularmente, entre 2021 e 2022;

Oficina de gastronomia

Em 2022, 120 responsáveis participaram de oficinas de gastronomia, com instrutoras do curso Maré de Sabores da Casa das Mulheres.





Um passeio pelas favelas da Maré guiado pelas articuladoras locais

- 📍 **Conjunto Esperança, Vila do João, Salsa e Merengue,**
por Nivia Melo
- 📍 **Vila dos Pinheiros, Conjunto Pinheiros e Salsa e Merengue,**
por Tereza Òna
- 📍 **Morro do Timbau, Nova Maré, Conjunto Bento Ribeiro Dantas, Parque Maré, Baixa do Sapateiro,**
por Zeneida Duarte
- 📍 **Nova Holanda e Parque Rubens Vaz,**
por Cláudia Martins
- 📍 **Nova Holanda,**
por Vanessa Garcia
- 📍 **Parque União, Roquete Pinto, Piscinão de Ramos e Conjunto Marcílio Dias,**
por Débora Garcia

Ao promover uma multiplicidade de vozes o que se quer, acima de tudo, é quebrar com o discurso autorizado e único, que se pretende universal.
(Ribeiro, 2017)

Foram centenas e centenas de dias caminhando por becos, vielas, travessas e ruas da Maré. Teve sol forte, chuva, alagamento, medo da covid-19, aventuras na garupa de moto táxi, susto com operações policiais, temor de bala perdida, mas também cafezinho com bolo no meio do trabalho, bate papo com as mães, conselhos amigos para meninas, choro, riso, abraço e, sobretudo, muita escuta. O trabalho das articuladoras do **Toda Menina na Escola** aconteceu no chão das 16 favelas da Maré. Das muitas Marés que formam este bairro tão diverso, mas, ao mesmo tempo, tão parecido em suas potências e desafios. Durante mais de dois anos, as seis articuladoras descobriram e desvendaram, incessantemente, as nuances desse território.

A seguir, os relatos de quem souu e se emocionou para quebrar as barreiras que afastam meninas mareenses das escolas. Donas de um merecido lugar de fala, as seis articuladoras do projeto e suas vozes múltiplas são as guias deste passeio pelas 16 favelas da Maré.





Conjunto Esperança, Vila do João, Salsa e Merengue,

por Nivia Melo

Estava pensando em como toda atividade que realizamos atravessa nossas vidas de maneiras tão distintas, deixando marcas e, também, nos movendo. Vejo os territórios, inicialmente, como mapas. Mapas estes que, ao longo da caminhada, se transformam em ruas, becos, rotatórias, casas, poças, chuvas torrenciais, sol de rachar, transeuntes, moradores, choros, risos, alento. E nesse mapa simples, que se torna denso e complexo, lhes convido a caminhar comigo.

O início é por um dos limites da Maré, na altura da Passarela Seis da Avenida Brasil, o lado mais próximo à região Central do Rio. Trata-se do Conjunto Esperança. Antes de eu conhecê-lo, ouvi: “lá não tem muita demanda de crianças que estão fora ou infrequentes na escola”. Mas não é bem assim. Seu desenho assemelha-se a um “A”, no qual, num dos extremos das pernas, fica o prédio da Fiotec, um dos anexos da Fiocruz. Nas cartas endereçadas aos moradores, o bairro é Manguinhos, muito provavelmente pela vizinhança com a Fiocruz. Na inscrição para vagas na escola, do site da Secretaria Municipal de Educação, também é Manguinhos. Nem Maré, nem Conjunto Esperança.

Seguindo nosso caminho, as pernas desse “A” são as ruas onde ficam as casas, uma escola dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) da Rede Pública, a Escola Municipal Teotônio Vilela, a Associação de Moradores e condomínios em blocos. É importante destacar o trabalho diferenciado realizado pela Associação de Moradores, que é muito atuante e sempre aberta a parcerias. É nessa parte da favela onde tenho mais famílias acompanhadas. Famílias com as mais diversas necessidades.

Moradores que ajudam uns aos outros. Lá tenho duas parceiras, mães que entram em contato comigo quando uma nova família chega na localidade, seja porque precisam de vagas em escolas ou mesmo porque passam por situações de alta vulnerabilidade, necessitando, por exemplo, de ajuda em questões jurídicas. Percebo assim um fio invisível, mas palpável e sensível, que vai passando e crescendo por ali. Uma boa parceria. Há um campo de futebol e lá no final uma outra pequena área, à beira do valão, com poucos brinquedos de ferro. No calor, algumas poucas piscinas de plástico para amenizar o sol escaldante. Essas piscinas são mais frequentes na Vila do João.

O Conjunto Esperança é separado da Vila do João por um valão. São pequenas pontes que unem as duas favelas. E, curiosamente, essas pontes não existem nos mapas oficiais. Quando os moradores do Conjunto Esperança precisam de serviços médicos, eles atravessam as pontes para chegar até a Clínica da Família da Vila do João. Chegamos num território grande (no mapa, trata-se de um quadrado enorme composto por vários outros quadradinhos). Há dois acessos pela Avenida Brasil, uma entrada pela Linha Amarela, as ruas são largas, há travessas, rotatórias com micro praças onde galeras de diversas gerações se encontram, dando personalidades diferentes a cada uma delas. Existe uma Clínica da Família (Centro Municipal de Saúde Vila do João), uma UPA 24 Horas (Unidade de Pronto Atendimento Maré), a Associação de Moradores, algumas poucas Ongs, como, por exemplo, a Rio Solidário, que conta com Espaço de Educação Infantil Vila do João, a Ong Nacodes, que também atua com educação infantil (creche) e uma creche pública (Creche Municipal Tio Mario), além de uma escola dos Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), da Rede Pública de Ensino, a Escola Municipal Professor Josué de Castro.

Numerosos comércios, uma feira livre semanal, a perder de vista de tão extensa. Muitos casos de crianças e adolescentes fora da escola ou infrequentes, diversas demandas.

É comum ouvir que trata-se de um lugar com uma melhor estrutura geral, em comparação com outras favelas da Maré, mas muitas famílias que eu acompanho moram em casas tão precárias que foram condenadas pela Defesa Civil e pela Secretaria Municipal de Habitação (SMH). Sem outro lugar para ir, as famílias continuam ali. Em 2022, porém, através de um projeto ligado à SMH, conseguiram que suas casas fossem reformadas. Foi um alívio, pois o medo, a cada visita, era de que uma parede ou teto desabasse. Em uma visita recente, uma senhora idosa, avó de duas crianças, permaneceu na casa enquanto os pedreiros trabalhavam. As netas ficaram com parentes, mas ela, dona Vera, ficou sentada no sofá, junto de sacos de cimento e vergalhões, ao mesmo tempo que os pedreiros reerguiam sua cozinha. Eles vão assim, de cômodo em cômodo, ela me disse. Me preocupou sua saúde, que não é das melhores, e ela disse que não havia outro jeito, já que não tinha com quem deixar seus pertences, enquanto a obra acontecia. A Vila do João tem de tudo. E isso aparece nos atendimentos e acompanhamentos das famílias. Conforme adentramos mais pela favela, as casas vão ficando menores, mais simples, e ainda mais precárias, assim como a situação das famílias.

Nos afastando um pouco mais da Avenida Brasil, depois de um outro valão, este coberto, chegamos ao Salsa e Merengue. Ali as ruas e travessas (essas sem saída) são organizadas em quadras e lotes. Há uma creche pública (Creche Municipal Vila Pinheiro), uma escola dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (Escola Municipal Vereadora Marielle Franco), que por cerca de dois anos recebeu estudantes de um CIEP da Vila dos Pinheiros (CIEP Ministro Gustavo Capanema), há tempos em obra, o que levou os estudantes a terem um horário de estudo reduzido em comparação com outras escolas, interferindo grandemente na qualidade das aulas, assim como na dinâmica familiar. A região conta também com a Escola Municipal Medalhista Olímpico Lucas Saatkamp.

Não há Clínica da Família, os moradores precisam ir à Vila dos Pinheiros para ter atendimento médico na Clínica da Família Adib Jatene. Dali é possível ver a Linha Vermelha, aquela que tem painéis / muros que escondem a favela de quem passa de carro pela via. Esta é uma favela que conta com mais problemas estruturais do que com pontos positivos. Se faz calor, é de derreter. Não é arborizada. Se chove, acaba a luz, as ruas ou vielas inundam, seja de água ou de esgoto. Não tem rede de esgoto tratado. As chuvas castigam o Salsa, tanto que fica impraticável andar pela localidade, onde, inclusive, falta luz, que só costuma voltar um dia depois da chuva. Perdas. A população é extremamente pobre. As casas são pequenas, amontoadas, muitas sem ventilação e, com isso, há muitos casos de tuberculose e moradores com diferentes questões respiratórias. Os moradores têm origem das mais diversas, com grande número de nordestinos e congoleses.

Durante as andanças nos territórios, sob sol e chuva, vejo que as demandas são muitas, porque sete escolas, sendo cinco dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) e duas dos Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), para atender a essas três favelas, além da Vila dos Pinheiros e Conjunto Pinheiros, não são suficientes. Assim, a quantidade de casos de crianças e adolescentes fora da escola é grande. As famílias que conseguem dispor de tempo e/ou dinheiro matriculam seus filhos em escolas de outros bairros, do outro lado da Avenida Brasil, enquanto aguardam a nova temporada anual de matrículas. É uma região onde há muitas escolas próximas à linha ferroviária. São cerca de 3,7 quilômetros de distância da Maré até lá, tendo que atravessar uma passarela da Avenida Brasil, depois caminhando por ruas, que muitas vezes são muito vazias e com risco de assalto, porque são lugares onde ficam empresas de transporte e cargas. São crianças de 5, 6 anos, e adolescentes de 12, 13 anos. Não há condição de irem sozinhos para lugares tão distantes para estudar, seja a pé ou de ônibus, porque neste caso precisam atravessar a Avenida Brasil até chegar ao ponto. Só os estudantes recebem o Riocard, para o transporte gratuito. Em muitos casos, os responsáveis não têm condições de custear passagens diárias para acompanhar seus filhos na escola.

A situação é ainda mais dramática no Ensino Médio: simplesmente não há escolas em toda essa região. Esses estudantes precisam desbravar novos territórios. Há casos de alunos que só conseguem vagas na Ilha do Governador, Zona Norte, que é bem contramão para chegar, ou mesmo em áreas mais distantes, como o Catete, na Zona Sul. Em se tratando de vagas para o período diurno, é ainda mais difícil. A escola mais próxima, o Colégio Estadual Olga Benário, fica a quatro quilômetros e é muito disputada, por atender gente das favelas da Maré e também de Bonsucesso. Não há opções: é isso ou ficar fora da escola e, desse modo, também perder oportunidades, como a chance de se tornar Jovem Aprendiz ou de conseguir estágios, com os quais muitos jovens sonham.

Como assistente social e articuladora local, vejo e vivencio numerosos entraves, muitos burocráticos e também territoriais. As incursões policiais contra o tráfico local, que afetam a vida dos moradores, a dinâmica local, saúde, educação, escolas sem aula, estudantes retidos nas escolas, pois muitas das vezes se dão em horário escolar, de entrada, saída das turmas, trabalhadores sem poder chegar em casa, outros sem poder sair de onde estavam trabalhando. Isso acontece conosco também, que assim como todos, somos pegos de surpresa. Se estamos em campo, nas visitas às estudantes, como quase sempre, precisamos procurar um local minimamente seguro ou até mesmo aceitar o oferecimento dos moradores de nos abrigar em suas casas até tudo se acalmar. Falta de vagas nas escolas locais, isso se materializa gravemente nos anos iniciais (1º a 3º anos). Falta de escolas.

A não-realização de matrícula escolar por falta de documentos. Existe a lei para que isso não ocorra, para que o direito e acesso sejam respeitados, porém, o que vivenciamos na prática é diferente. São obstáculos que muitas famílias passam e que fazem com que muitas pensem em desistir por falta de força para seguirem lutando. Mas há aquelas que seguem acreditando.

Nosso trabalho vai para além da Educação: saúde, assistência social, questões de insegurança alimentar, são as mais gritantes. Buscamos inserir, reinserir crianças, adolescentes, jovens e adultos. Famílias. São direitos básicos. Não se trata de favores. Sem falar no direito à habitação. As políticas e seus equipamentos precisam de fato se comunicar, se integrar, para que caminhem, se efetivem. A realidade é que cada vaga conquistada em escola, cada inserção em programas assistenciais, é uma vitória para cada uma de nós. E isso precisa ser regra, e não exceção, afinal estamos falando de direitos, direitos básicos.



Vila dos Pinheiros, Conjunto Pinheiros e Salsa e Merengue,

por Tereza Òna

A nossa escrivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.

(Evaristo, 2007)

Estamos prestes a fazer nossa caminhada geopolítica-afetiva pelas ruas da Vila dos Pinheiros, Conjunto Pinheiros e de Salsa e Merengue. Juntas vamos ver minhas impressões, as condições, as delicadezas e as potências dessas duas comunidades, que têm sido meus dias. E, por que não dizer, as minhas noites?

Desde 2009, com o Programa Criança Petrobras na Maré, me iniciei no mundo que sempre foi a Redes da Maré. Esse programa tinha como objetivo melhorar o desempenho escolar dos estudantes por meio de oficinas pedagógicas e culturais, aumentar o tempo de permanência deles nas escolas por intermédio de atividades que extrapolavam o tempo da grade curricular e contribuir para o desenvolvimento de sua capacidade crítica. Esse programa se encerrou em 2014.

Foi um começo bastante feliz na educação, através da arte e da cultura, realizada em parceria com as escolas do território. Aliás, foi quando percebi o conceito que traz essa palavra que, muitas vezes, é usada como adjetivo por muitos. Naquela época, o meu trabalho e a minha relação com as escolas (a Quarto Centenário, a Hélio Smidt, a Armando de Sales, a Leonel Brizola) me deram uma outra perspectiva sobre o Piscinão de Ramos, a Nova Holanda e o Morro do Timbau, onde ficam essas unidades escolares. Ali, sempre trabalhei com recorte racial e equipes de arte-educadores com atividades integradas: contação de histórias, dança, percussão, circo, violão, coral, grafite.



Eu sou Tereza Òna, mulherista africana, termo cunhado por Clenora Hudson-Weems. Trata-se de uma ideologia afrocentrada, baseada nas experiências e nas lutas de mulheres africanas e afrodescendentes em diáspora no mundo; diferentemente do feminismo, do mulherismo e do feminismo negro, propõe uma agenda de empoderamento racial centrada na família (Hudson-Weems, 2021). Sou também insurgente e insubmissa, mãe e avó que enxerga o mundo sob a perspectiva racial e de gênero. É através dessas ferramentas que podemos mudar o mundo. Devo isso aos meus ancestrais.

A fronteira da Vila

Estamos na passarela 6 da Avenida Brasil. Rua 14, Vila do João. Muito quente, quando faz calor. A fronteira é demarcada pela Avenida Canal 2, que cruza a Rua 14, por onde chegamos. Olhando à direita, vemos uma construção moderna e suntuosa de lazer e entretenimento chamada Fronteira da Vila. Se for de manhã, o sol está a pino. Seguimos.

Essa área é denominada genericamente como Pinheiros, fruto de um aterro promovido na época do Projeto Rio, na década de 1980, que ligou a antiga Ilha do Pinheiro ao continente. Esse aterro destinava-se a assentar os antigos moradores das palafitas removidas da Baixa do Sapateiro e do Parque Maré. Hoje mora ali uma comunidade de congoleses e angolanos. Costumamos nos encontrar todos no Bar da Lika, na Via Seletiva, onde encontramos comida angolana de primeira e costumamos promover intercâmbios culturais, com filmes e jantares étnicos. Meu prato preferido é o mufete, peixe com legumes e angu. No bar, pertinho da sede da Redes da Vila dos Pinheiros, tem periodicamente o baile angolano. Show demais!

A Vila dos Pinheiros e o Conjunto Pinheiros ou ainda Pinheiros, como a região era chamada outrora, é uma área imensa. Tem até uma “mata”, como é popularmente conhecida, mas que tem por nome oficial: Parque Municipal Ecológico Cadu Barcellos. Daremos uma volta no parque, terminando essa memória na comunidade Salsa e Merengue.

Segundo dados coletados pelo Censo Populacional da Maré, realizado pela Redes da Maré em 2013 e lançado em 2019, existem mais de 5.000 domicílios e mais de 15.000 habitantes na região. Condizente com o perfil demográfico da cidade, o sexo masculino predomina na faixa etária de 10 a 14 anos, sendo na adolescência superado pelo contingente feminino, o que tem muito a ver com a chamada “política de segurança pública” ou na atuação da Polícia Militar desde a ditadura até hoje, no chamado “combate às drogas”.

A Clínica da Família Adib Jatene, que cobre a região, segundo dados do censo Maré, atende a 47% da população da área, em um território onde 87,7% não têm plano de saúde e 66,2% têm acesso a serviços de saúde por terem vínculo empregatício.

Outro assunto que merece ser mencionado em relação à grande região dos Pinheiros é a carência de saneamento básico, uma vez que a relação com a educação está além do ir e vir em condições insalubres. O esgoto geralmente fica a céu aberto, tornando difícil a locomoção. A falta de saneamento não é condizente com o fato de que moram pessoas ali, o que diz muito sobre direitos e a atuação do poder público na região.

A Maré está localizada entre as três principais vias da cidade e possui poucas áreas verdes, o que contribui para formação de ‘ilhas de calor’, que se caracterizam por altas temperaturas e poluição do ar.
(Redes da Maré, 2023) ²⁵

Partiu, Salsa e Merengue

Mesmo com histórias e características próprias, ainda não há na comunidade do Salsa e Merengue uma associação de moradores. O nome popular da região é uma alusão à novela de TV Salsa e Merengue, exibida pela TV Globo entre 1996 e 1997.

²⁵ Para saber mais, acesse <<https://www.redesdamare.org.br/br/info/33/mare-verde>>.

Salsa e Merengue, considero ser uma região de ondas de calor. Andando pelas ruas, becos e vielas dessa comunidade, observa-se a falta de árvores. O calor pode se tornar desestimulante, muitas vezes, subindo do chão misturado com os gases emitidos pelos veículos que rodam nas rodovias próximas.

bell hooks, em seu livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*, afirma que o ensino, em suas especificidades, é moldado pela política patriarcal imperialista, capitalista e supremacista branca (hooks, 2014). Além disso, a educação, desde a década de 1980, tem sido marcada pelo neoliberalismo em sua prática social cotidiana. bell nos apresenta o conceito da pedagogia engajada, que, segundo a autora, é mais exigente que a pedagogia crítica ou a feminista convencional porque, ao contrário das duas, a pedagogia engajada dá ênfase ao bem-estar, significando que o educador deve ter o compromisso ativo de autoavaliação para promoção de seu bem-estar, proporcionando um ensino que fortaleça e capacite os estudantes. Essas ideias de hooks me movem como articuladora no campo.

A educação na região da Vila dos Pinheiros e do Conjunto Pinheiros tem recortes ímpares em termos de acesso e permanência dos estudantes. São três escolas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano): Escola Municipal Paulo Freire, Escola Municipal Medalhista Olímpico Lucas Saatkamp, CIEP Ministro Gustavo Capanema. Mas apenas uma unidade para os Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano): Escola Municipal Ginásio Escritor Millôr Fernandes. Vamos pensar juntas: temos três escolas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) e uma única escola dos Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano). Como uma única unidade escolar poderia dar vazão ao contingente dessas três unidades de Anos Iniciais?

Quanto ao Ensino Médio, também não há melhora. Temos apenas uma unidade estadual para atender toda a região, recebendo os alunos das escolas acima, o Colégio Estadual Bahia, que nem é tão perto assim, na Avenida Brasil.

Já para os menores, em termos de creches, temos nessa região: Creche Municipal Pescador Albano Rosa, Espaço de Desenvolvimento Infantil Medalhista Olímpico Éder Francis Carbonera, Espaço de Desenvolvimento Infantil William Peixoto Arjona, Espaço de Desenvolvimento Infantil Medalhista Olímpico Luiz Felipe Marques Fonteles e a Creche Municipal Vila Pinheiro. O número de unidades também não dá conta da procura.

É importante ainda ressaltar a importância da presença da sede da Redes da Maré na região dos Pinheiros. O espaço no CIEP Ministro Gustavo Capanema oferece atendimentos jurídico, psicológico e de assistência social, que impactam positivamente os moradores das favelas do entorno, em busca de efetivação de direitos. Ali acontecem ainda aulas do projeto *Escreva seu futuro* (alfabetização de mulheres), dos cursos Preparatórios para o 6º ano e para o Ensino Médio e do Curso Pré-Vestibular (CPV).

No Salsa, há uma unidade escolar: a Escola Municipal Marielle Franco, nome dado em homenagem à antiga moradora e vereadora morta por lutar pelos direitos e pela Justiça fundamentais aos moradores de favelas. São os chamados favelados, que têm, em maioria esmagadora, seus direitos diariamente violados pelo Estado ou são alvos de políticas públicas que se fazem presentes de forma desigual e truculenta se comparadas ao serviço prestado a quem mora no chamado asfalto.

Tecnicamente, atuo na área 1 da educação na Maré, segundo o Mapa da Educação da 4ª CRE. A educação na região vive em desalinhamento em relação à oferta de vagas para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) e para os Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), o que obriga as famílias a fazerem verdadeiras viagens, ou leva à evasão de crianças e adolescentes da escola, o que pode ser considerado extremamente problemático. E o problema se agrava com a incompreensão sobre educação e as fronteiras e subjetividades construídas ao longo dos tempos, que acompanham os moradores de favelas dessa região, da cidade e do país.

Sobre educação, fronteira e a região I, precisamos discutir por que, nas inscrições e nas matrículas, o sistema da Prefeitura insiste em desconsiderar a Maré como um bairro, já que a região foi classificada assim em 1994. Outra questão é como resolver o grande e velho problema de gênero, relativo às meninas, que, para cuidar dos irmãos mais jovens, ficam impossibilitadas de ir para a escola, fato visto e revisto em nossas andanças de articulação? Não seria o momento de a educação na Maré reconhecer as especificidades do território? Talvez seja preciso considerar uma conciliação entre os horários de entrada e saída das escolas de Ensino Fundamental e estaduais, evitando a evasão escolar que já é promovida pela escassez de oferta de vagas para os Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano). Junte-se a isso a violência de dias sem aulas, provocados, ora pelo grupo militar armado, ora pelo grupo civil armado do comércio varejista de drogas ilícitas.

É vital para o entendimento da situação dizer que a presença da Polícia Militar em territórios de favelas não é sinônimo de segurança pública e tal fato não se faz diferente nas regiões onde circulamos na Maré. A Polícia Militar foi criada no século XIX, em 13 de maio de 1809, com a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil, sob a denominação de Divisão Militar da Guarda Real de Polícia. Hoje, a Polícia Militar continua a operar baseada em conceitos coloniais, mantendo até mesmo a coroa do extinto Império Brasileiro em seu emblema. Em sua gênese, foi e continua a ser um braço armado para proteção de propriedades e poderes instituídos.

Entre as especificidades do território, destaco ainda a questão ambiental. O Estado brasileiro não reconhece o termo racismo ambiental e isso dificulta a apresentação de propostas, por exemplo, para a comunidade de Salsa e Merengue, que é muito quente. Assim como toda a Maré, é margeada por três vias que fazem as principais ligações entre os bairros em toda a cidade: Linhas Vermelha e Amarela e a Avenida Brasil. A falta de árvores é responsável por um clima de deserto quando o sol está a pino, transformando a região em uma ilha de calor.

A potência da região

O encanto da região são os moradores, que em sua maioria continuam nos corres da sobrevivência, do lazer, da educação, almejando um novo hoje. Sujeitos que recebem com carinho as abordagens e os acompanhamentos do projeto, ansiosos por mais vez e voz.

São predominantemente mulheres que criam seus filhos sozinhas e que, na maioria das vezes, não deixam a peteca cair. São mulheres nas quais me vejo e me reencontro. São mães, tias, avós, filhas. Tem homens também, mas sabemos que a favela é feminina na palavra e na força demonstrada pelo gênero (e pela raça) muito por conta da chamada necropolítica, para usar o termo criado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe (Mbembe, 2018).

A necropolítica é a política da morte adotada pelo Estado, quando matar deixa de ser uma exceção e transforma-se em regra. É o Estado transformado numa máquina de guerra, como mostram os dados colhidos pela Redes da Maré em seus Boletins Direito à Segurança Pública na Maré.

O grande barato é que, mesmo com o grande volume de violações dos direitos e de nossos corpos, continuamos na região elaborando formas de construir um mundo de equidade onde caibam todas e todos com cidadania e dignidade.



Nova Holanda e Parque Rubens Vaz,

por Cláudia Martins

Como articuladora local da busca ativa desde 2021, já atuei em todos os territórios das 16 favelas da Maré. Cada um com suas características e necessidades, mas em todos encontramos moradores com a mesma angústia: não conseguir vaga para matricular os filhos em escolas públicas próximas às suas residências. No começo, meu maior desafio foi o de conhecer a Maré e entender suas peculiaridades. Depois do treinamento inicial do projeto, passei a trabalhar na Nova Holanda, onde, mais tarde, ganhei a parceria da articuladora Vanessa Garcia. Se na chegada dela, em julho de 2022, coube a mim apresentar-lhe a favela, depois, nosso modo de trabalho em dupla reforçou o combate à evasão escolar, através do fortalecimento da rede de apoio no território. O trabalho em conjunto possibilita a troca de experiências e mais chances de ação diante de tantos desafios.

A Nova Holanda é um lugar que me desperta emoções variadas. É um território cheio de vida, nas suas esquinas os moradores batem papo, tem a algazarra das crianças brincando na rua, o colorido das lojas e das mais variadas barracas de ambulantes, a pressa dos que estão indo para o corre, o trânsito frenético.

As famílias lutam por uma melhor qualidade de vida. Pessoas que capricham na beleza das fachadas de suas casas, pintando tudo com esmero ou as enfeitando com ladrilhos. Ali encontramos pais e mães preocupados em manter seus filhos na escola, acreditando que a educação é o caminho para quebrar o ciclo de pobreza, com mais possibilidade de trilhar novos caminhos, contrastando com o enfrentamento diário de várias violações.

Mas também mexe comigo ver pessoas em total estado de abandono, as muitas meninas que, ainda adolescentes, carregam seus filhos nos braços e as famílias que vivem em casas insalubres, sem ventilação. Tem ruas sem saneamento básico, onde é possível sentir o odor desagradável do esgoto e onde, em dias de chuvas, é preciso escolher onde pisar para não se contaminar com a água misturada ao esgoto.

Infelizmente, não é raro conhecer adolescentes que necessitam iniciar sua vida profissional precocemente, para suprir necessidades básicas de sobrevivência: contribuir no sustento da família, ajudar a pagar o aluguel ou tomar conta dos irmãos menores para o responsável trabalhar. Nosso trabalho de articulação tem como objetivo justamente ajudar a mudar essas histórias.

Ao identificarmos crianças e adolescentes que estão fora do ambiente escolar ou em risco de evasão, realizamos visitas domiciliares e nos apropriamos da situação, para direcionar a demanda de forma mais assertiva. Nos contatos com as famílias, nos deparamos com diversos motivos para baixa frequência ou evasão: crianças sem documentação, problemas de saúde, falta de oferta de vaga em escola próxima à residência, desinformação sobre o direito de efetivar a matrícula em qualquer período do ano, gravidez na adolescência. Daí a importância de termos parcerias com as instituições locais para a resolução dos problemas. A articulação local requer atenção, cuidado e compromisso, para não perder os casos de vista e dar continuidade aos atendimentos. Buscar parcerias e, em alguns casos, fazer repetidas visitas à família para sensibilização da importância de manter os filhos na escola, são estratégias fundamentais para alcançar nosso objetivo.

Apesar de a Nova Holanda abrigar o maior número de escolas em comparação com as demais favelas da Maré, nem assim o direito dos estudantes estudarem próximo a suas casas está garantido a todos. Há um grande gargalo a partir do 7º ano do Ensino Fundamental. Na região temos: a Escola Municipal Osmar Paiva Camelo (1º ao 5º ano), o Ciep Elis Regina, o Ciep Presidente Samora Machel, a Escola Municipal Nova Holanda, a Escola Municipal Lino Martins da Silva, a Escola Municipal Genival Pereira de Albuquerque e a Escola Municipal Erpídio Cabral de Souza (todas do 1º ao 6º ano). A única unidade a oferecer vagas do 7º ao 9º ano do Ensino Fundamental é a Escola Municipal Olimpíadas Rio 2016, que tenta absorver – sem conseguir – todo o contingente de estudantes concluintes do 6º ano das sete unidades escolares próximas e ainda de escolas de comunidades vizinhas, como Parque Rubens Vaz e Parque União. Assim, muitos adolescentes ficam pelo caminho por falta de vaga para dar continuidade aos estudos.

Vale ressaltar que as unidades escolares que oferecem o 6º ano do Ensino Fundamental, na sua grande maioria, só recebem estudantes com 12 anos completos ou que irão completar a idade dentro do ano letivo, dificultando ainda mais a inserção e a possibilidade de continuidade dos estudos daqueles que estão fora desta faixa etária. Além de receber estudantes do 1º ao 6º ano regular, a Escola Municipal Erpídio Cabral dos Souza é a única da Nova Holanda a ter turmas de alfabetização ao 9º na modalidade PEJA (Programa de Apoio aos Sistemas de Ensino para Atendimento à Educação de Jovens e Adultos), que na teoria é destinado a pessoas com 15 anos ou mais que não completaram o Ensino Fundamental ou Médio. Ali, no entanto, só são aceitos jovens a partir de 17 anos. Sendo assim, muitos adolescentes em defasagem escolar com menos de 17 anos ficam de fora, precisando buscar vagas distantes da Nova Holanda.

Para os adolescentes que conseguem driblar os obstáculos e, finalmente, chegam ao Ensino Médio, a opção é o Colégio Estadual Professor João Borges, que funciona em turno integral.

Apesar de ter um enfoque profissionalizante, muitos jovens optam em procurar escolas fora da comunidade em turno único (manhã, tarde ou noite), para conciliar estudo outras atividades como Jovem aprendiz, curso de línguas e informática, prática esportiva ou trabalho informal para complementar a renda mensal da família.

No dia a dia, percebo ainda outros problemas nas escolas da Nova Holanda, como a falta de professores regentes de turma durante longos períodos, obrigando algumas turmas a ter aulas em dias alternados ou tendo o horário diário reduzido. Vejo também a falta de atendimento especializado para estudantes incluídos, sem mediadores para quem precisa de acompanhamento nas aulas regulares, ou mesmo professores especializados. Outro problema grave é a falta de oferta de vagas para correção de fluxo aos estudantes que estão em distorção idade/série.

Para as crianças pequenas, há seis Espaços de Desenvolvimento Infantil na região: Azoilda Trindade, João Crisóstomo, Maria Amélia Castro e Silva Belfort, Professor Moacyr de Góes, Cleia Santos de Oliveira e a Creche Municipal Nova Holanda. Na prática, uma oferta muito menor de vagas do que a demanda.

Na área da saúde, a comunidade conta apenas com a Clínica da Família Jeremias Moraes da Silva. É pouco porque, em sua grande maioria, os moradores reclamam da falta de atendimento adequado. Contam que são atendidos por enfermeiros ou agentes de saúde e que dificilmente conseguem uma consulta com clínico geral ou pediatra. As equipes da clínica da família não dão conta das demandas da comunidade, tanto para cuidados com a saúde, acesso à consulta e para prevenção de doenças.

Por outro lado, há uma grande oferta de equipamentos não-governamentais na Nova Holanda. Além do prédio central da Redes da Maré, onde acontecem várias atividades e cursos regulares como o Preparatório para o Ensino Médio e o Curso Pré-Vestibular, há toda uma variedade de aulas e cursos em instituições como o Instituto Vida Real, o Luta pela Paz e a Vila Olímpica. Outra importante instituição é a Associação de Moradores de Nova Holanda, que oferece cursos variados, além de promover ações sociais.

A favela Parque Rubens Vaz está localizada entre a Nova Holanda e o Parque União. Formada por quatro ruas paralelas, Rua do Canal, Rua João Araújo, Rua Massaranduba e Rua Nova, cortadas pela Rua Principal, numa pequena extensão de dois quarteirões (onde está concentrado o comércio local), em uma extremidade fica a Avenida Brasil e na outra fica a Travessa Getúlio Vargas, com duas travessas e cinco becos. Lugar geralmente tranquilo, com poucas pessoas circulando, o que muitas vezes dificulta o nosso trabalho de busca ativa, pois quando não encontramos a família procurada, dificilmente conseguimos informação com os vizinhos. Por isso, somos obrigadas a retornar ao mesmo endereço várias vezes para encontrar alguém.

Apesar de a favela ser pequena e das casas terem uma boa identificação, eventualmente, encontramos dificuldade ao entrarmos nos becos, que ainda não têm nome e nem seguem a numeração sequencial da rua. E as casas dentro dos becos, muitas vezes, têm números aleatórios, com acesso difícil para a entrada, com portões fechados, falta de campainha, janelas fechadas ou inexistentes.

Certa vez, por exemplo, ao fazer visita domiciliar indicada por uma instituição local, entramos em um dos becos da Rua Massaranduba, ficamos surpresas com o que vimos: na primeira curva chamamos e ninguém atendeu, observamos e quase desistimos ao perceber a insalubridade do local, mas seguimos pelo beco que mais parecia um labirinto, o cheiro de mofo e esgoto, a altura das construções e a proximidade entre elas, deixando pouco espaço para circulação de ar. A cada curva a vontade de voltar, caminhos que afunilavam e a visibilidade ficava cada vez pior.

Finalmente, encontramos a família procurada, e, com a ajuda da lanterna do celular para iluminar o ambiente, conseguimos realizar o cadastro das três crianças sorridentes e a mãe aparentemente muito amorosa. Saímos do beco nos perguntando como é possível famílias inteiras viverem num local tão inóspito? Infelizmente, na Rua Massaranduba existem outros becos com características bem parecidas.

A Rubens Vaz não possui equipamento de saúde e o território foi dividido em duas áreas, onde os moradores são atendidos em clínicas distintas. Parte na Clínica da Família Jeremias Moraes da Silva, na Nova Holanda, e outra parte dos moradores na Clínica da Família Diniz Batista dos Santos, no Parque União. O atendimento de saúde é precário, os moradores reclamam da falta de médicos especialistas. Dizem que quando conseguem um agendamento com um médico mais específico são encaminhados para bairros distantes, o que impossibilita o comparecimento para consulta.

O CIEP Hélio Smidt é a única escola pública da comunidade, atendendo apenas os Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), sem conseguir absorver todas as crianças que necessitam de vagas e, com isso, obrigando os responsáveis a matricularem seus filhos em escolas distantes da residência da família, o que ocorre também com os estudantes das séries dos Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano). Segundo relato dos moradores, em dia de operação policial, ou de trocas de tiros, os familiares optam por não levar as crianças para escola, com receio de não conseguirem buscar os filhos, o que prejudica o rendimento escolar.

A Associação de Moradores da Rubens Vaz oferece projetos na área do esporte, em parceria com o governo estadual: futebol e futsal para crianças entre 5 e 12 anos de idade, ginástica funcional, voltada para a terceira idade. A Associação também fornece declarações e documentos para moradores e faz a mediação de problemas entre vizinhos. Ali também acontecem aulas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em parceria com a Redes da Maré.

Termo esse texto tratando de um assunto que mexe diretamente com o nosso trabalho de articuladoras na Maré. Os moradores das favelas da Maré vivem em estado de alerta, atentos a qualquer barulho que possa indicar o início de um tiroteio. Aprendi que esses tiros podem ser de um confronto na divisa, um tiro acidental, mas também a entrada do caveirão na favela ou mesmo o início de uma operação policial.

A chegada de policiais assombra a comunidade pela incerteza do que está por vir. Preocupação ainda maior para os responsáveis que deixaram suas crianças na escola. Devem ir buscar os filhos? Devem aguardar a operação terminar? Quanto tempo dura uma operação policial? Não dá para mensurar a angústia de uma mãe ou de um pai em não poder dar ou ser a segurança que o filho necessita. O que passa pela cabeça dessas crianças que saem de suas casas para estudar, compartilhar histórias, saberes e brincadeiras ao ouvirem o barulho angustiante dos tiros?

Num dia de visita a uma escola do Campus Maré, eu e Vanessa Garcia soubemos da incursão do caveirão na rua Teixeira Ribeiro. Imediatamente, tomamos a decisão de voltar para o prédio central da Redes da Maré. No caminho, presenciamos algo que nunca tínhamos visto ali: responsáveis chegando aos portões das unidades escolares, de todos os lados, de moto ou a passos largos, sobressaltados, ansiosos para levarem os filhos para casa, alguns com relatos de que ainda teriam que passar em outras escolas para pegar outros filhos, sobrinhos ou vizinhos. Um entra e sai de responsáveis segurando várias crianças pelas mãos ao mesmo tempo, gestos de amor, afeto e cuidado.

O trabalho na favela nos proporciona acionar todos os nossos sentidos, ficarmos mais atentos e sensíveis aos sinais dado por cada olhar, a intensidade do barulho, pela movimentação dos moradores, pelo clima no comércio, sinais muitas vezes inexplicáveis, mas que dão pistas de que tem alguma coisa no ar. Existe uma cumplicidade sem palavras, que nos acompanha do momento em que entramos ao que saímos da comunidade.

Existem também os afetos manifestados, de pessoas que nos reconhecem pelo nome, nos respeitam como profissionais e como pessoas, se preocupam com a nossa segurança, falam com os olhos e, nos têm, tecedores e tecedoras da Redes da Maré, como referência para tirar dúvidas, acessar as instituições públicas e garantir o acesso a alguns direitos previstos em lei.



Nova Holanda, *por Vanessa Garcia*

Cheguei à Maré em junho de 2021, estava e permaneço me recuperando do luto da abrupta perda do meu esposo em julho de 2020, então, tudo era novo para mim, uma vez que não conhecia a região. Minha sensação ao caminhar pelas ruas e vielas da Nova Holanda, onde atuo como articuladora local, é ver guerreiros e guerreiras que vencem todos os dias múltiplos desafios: a desigualdade de classe; questões ligadas a gênero e raça; falta de vagas nas escolas para seus filhos e filhas; gravidez precoce, infelizmente tão comum entre as meninas e adolescentes; violência da polícia, mas também dos grupos civis armados – o que faz com que muitos não consigam sair para trabalhar ou ir a escola.

Uma população que não pode se dar ao luxo de ficar deprimida, porque precisa colocar a comida na mesa, cuidar de seus filhos, prover, mesmo diante de dificuldades e medos. Para mim, o que define a população mareense é a garra e a determinação com que lutam no dia a dia.

O trabalho de articulação junto às famílias, com estudantes fora da escola ou infrequentes, é justamente identificar essas questões e problemas a serem mediados, tentando dirimir tantas mazelas. Para isso, além de toda a parceria com as instituições públicas de assistência social, educação e saúde, contamos com a experiência e os equipamentos da própria Redes da Maré. Todo o trabalho da Redes da Maré tem como objetivo prover formas de os moradores das favelas exercerem sua cidadania, como sujeitos de direitos.

Nossa tentativa é que pais, mães, responsáveis e os próprios estudantes se qualifiquem frequentando cursos e atividades oferecidas pela Redes da Maré e, assim, tenham mais autonomia e oportunidades. Neste sentido, poder apresentar às famílias tudo que acontece na Casa das Mulheres faz muita diferença. Ali, as mães acompanhadas pela busca ativa têm a chance de se especializarem nas áreas de beleza (manicure e cabelo) e gastronomia, através dos cursos regulares do Maré de Belezas e do Maré de Sabores.

Ali, em grupo, elas também se fortalecem tendo noções sobre gênero e raça. E ainda podem contar com assistência psicológica e também com informações sobre seus direitos, nos plantões de advogados. Já as meninas, que enfrentaram ou enfrentam problemas de frequência nas escolas, também podem se apoiar em outras adolescentes da mesma idade, nos encontros das Terça em Casa, cujas facilitadoras também são jovens da Maré, com as quais podem se identificar. Tudo isso são formas das mulheres da Maré se motivarem, ultrapassando limitações ou dificuldades, explorando suas potencialidades e, assim, tendo a chance de voltar a sonhar.

Percebo ainda que nosso trabalho é muito importante para uma camada de moradores recém-chegados à Nova Holanda, gente de outros estados, principalmente do Nordeste, e até da Baixada Fluminense, que muitas vezes desconhecem seus direitos completamente. Muitas dessas pessoas vão morar na Favela da Galinha, próxima à Rua Tancredo Neves, um lugar de transição, ao lado do centro de reciclagem de lixo. As moradias são muito precárias e, volta e meia, há conflitos de facções. Mas, por isso mesmo, os aluguéis são mais baratos do que a média no resto da Maré. É a favela dentro da favela, onde frequentemente encontramos crianças fora da escola, por falta de informação ou documentação. São pessoas que muitas vezes não têm o mínimo, nada. Nosso trabalho lá costuma fazer muita diferença para essas famílias.

São famílias assim que fazem nosso trabalho parecer indispensável no território. A cada retorno das direções das escolas confirmando que os estudantes acompanhados por nós nas nossas visitas às residências retornaram às aulas, sentimos que nossos esforços estão valendo a pena.

Há dias que, depois de caminhar por becos e vielas, estamos exaustas mas, mesmo assim, continuamos à procura de quem ainda não está matriculado na escola, porque sabemos que podemos promover mudanças a partir das nossas ações. Nem sempre é fácil, porque muitas vezes esbarramos com dependência de álcool ou de outras drogas, jovens em cumprimento de medidas socioeducativas, ausência de vagas nas escolas da proximidade, muito desemprego, mas, mesmo assim, não desistimos, porque nosso trabalho é de paciência e insistência.

Eu mesmo me sinto transformada depois desses quase dois anos de trabalho. Minhas feridas já estão menores. Na pandemia, por exemplo, a cada família que conseguimos ajudar com cesta básica ou empréstimo de tablet, para a conexão das crianças ou adolescentes, que assim podiam realizar as atividades escolares, sentia uma transformação em mim. Uma sensação de satisfação, conforto e de gratidão por fazer parte deste projeto. Meu desejo é que sigamos ajudando a construir caminhos e formas mais rápidas da população da Maré ocupar cada vez mais espaço na sociedade, deixando para trás tantas desigualdades.



Morro do Timbau, Nova Maré, Conjunto Bento Ribeiro Dantas, Parque Maré, Baixa do Sapateiro,

por Zeneida Duarte

Sou nascida e criada na Maré e, nos últimos 12 anos, trabalhando na Redes da Maré, tive a chance de conhecer outras Marés que nunca tinha imaginado e, muito menos, circulado. Esse conhecimento ganhou ainda mais camadas ao me integrar na equipe do **Toda Menina na Escola**. Nos últimos dois anos, rodei cinco favelas quase diariamente em busca de estudantes fora da escola, descobrindo e redescobrando cada trecho por onde passei, percebendo as diferenças e os encantos de cada um desses lugares, que agora vou apresentar a vocês.

Começo pelo Parque Maré, e sua porta de entrada é uma das ruas mais movimentadas e badaladas de toda a Maré, a Rua Teixeira Ribeiro. É o coração dessa comunidade, fazendo divisa com a Nova Holanda. Tem de tudo na Teixeira: lojas de roupas, farmácias, restaurantes, Clínica da Família Jeremias Moraes da Silva, mercados e algumas instituições que fazem muita diferença para o nosso território, como o galpão RITMA (da Redes da Maré), o Luta pela Paz, o Instituto Vida Real e o Observatório de Favelas. E tem a feira livre de sábado, que atrai gente de todos os lugares, porque é uma feira que vende de tudo. Alguns comerciantes dessa área são antigos, há lojas com mais de 20, 30 anos, são negócios de família, que passaram de geração em geração.

No Parque Maré, temos muitas crianças ainda fora da escola ou com risco de evasão escolar. Os moradores dessa região costumam ser atendidos nos Cieps Elis Regina e Samora Machel, ambos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), e também nas unidades escolares do Campus Maré da Nova Holanda.

Para o Ensino Médio, as opções são Colégio Estadual João Borges e Ciep Professor Cesar Pernetta. Apesar de as escolas da Baixa do Sapateiro não serem distantes, há, naquela região, uma divisa imaginária que nos atravessa, que traz medo e insegurança à população, prejudicando o ir e vir dos moradores – e dos estudantes. Isso já foi muito pior no passado, hoje em dia as coisas estão melhorando, aos poucos. Porém ainda existem conflitos entre os grupos civis armados, que trazem uma certa insegurança aos moradores em colocar seus filhos nas escolas mais distantes de suas residências. Algumas famílias também optam por matricular seus filhos em escolas fora da Maré (do outro lado da Avenida Brasil).

As ruas no Parque Maré são todas asfaltadas. No entanto, algumas costumam alagar, por conta do lixo que fica espalhado ou acumulado, já que a Comlurb não passa para recolher os detritos todos os dias. A Clínica da Família Jeremias Moraes da Silva é referência para várias comunidades do entorno, por isso está sempre cheia, com muitas demandas.

Meu trabalho no Parque Maré tem bastante resultado, pois os moradores são de fácil acesso, o que me possibilita fazer contato com as famílias, tanto em visitas domiciliares quanto por telefone. E se, por acaso, uma família se muda para outro endereço, são os próprios moradores que me ajudam na localização, porque ali todos se conhecem. As famílias que atendo, em sua grande maioria, são vulnerabilizadas, com renda de um salário mínimo ou até menos do que isso, então é uma população que ainda precisa muito de ajuda.

Em seguida, atravessando a Rua Ivanildo Alves, chegamos à Baixa do Sapateiro, favela com a qual, confesso, tenho um carinho especial, pois seus moradores são sempre muito receptivos e estão sempre com um sorriso no rosto, mesmo com tantas dificuldades. Logo na entrada, tem a Praça do 18, onde as crianças costumam se divertir, com duas quadras para jogos de futebol. De tempos em tempos, aparece um parque de diversões com ingressos baratinhos para as crianças brincarem.

Nessa região, há uma associação de moradores bem ativa, com um trabalho de articulação com instituições do entorno, oferecendo cursos de informática e alfabetização para adultos. As ruas são estreitas, em algumas nem carro passa, somente moto ou bicicletas. A comunidade conta com três creches e duas escolas: Creche Municipal Monteiro Lobato, Creche Municipal Paulo Freire, Creche Municipal Pescador Albano Reis, Escola Municipal Bartolomeu de Queiroz (Anos Iniciais do Ensino Fundamental) e Ciep Vicente Mariano (Anos Finais do Ensino Fundamental), que acabam atendendo estudantes de outras comunidades próximas também.

Ao lado da Baixa do Sapateiro fica o Morro do Timbau, a comunidade mais antiga da Maré, tendo como limites a Avenida Guilherme Maxwell, a Rua João Magalhães, a Rua Jerusalém e a Avenida Bento Ribeiro Dantas. Dentre as atuais 16 comunidades que compõem a Maré, o Morro do Timbau faz fronteira com a Baixa do Sapateiro, a Nova Maré (um pequeno trecho), a Vila dos Pinheiros, o Conjunto Pinheiros (um pequeno trecho) e o Conjunto Bento Ribeiro Dantas.

Uma comunidade diferenciada que, na minha opinião, é uma das favelas mais organizadas. Temos algumas demandas de crianças fora da escola, mas nessa comunidade a maioria estuda e os pais trabalham. A Escola Municipal IV Centenário, dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), é uma escola bem disputada pelos moradores, por ser muito organizada e contar com uma comunicação muito eficiente com os responsáveis. As vagas nessa escola, geralmente, acabam rápido. A maioria dos estudantes que estuda lá vive na Baixa do Sapateiro ou no Morro do Timbau. Na descida da favela, mais próximo da Avenida Brasil, fica a Escola Bahia, a mais antiga da Maré, que durante o dia é uma unidade escolar do município, atendendo, sobretudo, a quem vive na Baixa, no Timbau e no Conjunto Bento Ribeiro Dantas e que, à noite, é do estado, tendo um público mais variado.

Descendo o Morro do Timbau, ao lado da Linha Amarela, encontramos o Conjunto Bento Ribeiro Dantas. É uma comunidade de estrutura organizada, as ruas são planas, limpas, asfaltadas e, por incrível que pareça, as ruas têm calçadas, algo bem raro nas demais favelas da Maré, onde normalmente o transeunte tem que disputar espaço com carros e motos. Aqui, as ruas não têm muito movimento, por se tratar de uma região com pouco comércio, onde os moradores são mais reservados.

A favela também conta com uma creche, Espaço de Desenvolvimento Infantil Professora Kelita Faria de Paula, com a Escola Municipal Escrivão Ledo Ivo (Anos Iniciais do Ensino Fundamental) e com o CEJA Maré, que atende dos Anos Iniciais aos Finais do Ensino Fundamental, além de jovens e adultos. Também há o Museu da Maré, onde acontecem diferentes atividades para os moradores. Ainda existe uma Clínica da Família, a Augusto Boal, que tem fama de atender os moradores da região e do Morro do Timbau com qualidade. Meu trabalho para a busca ativa nessa região é satisfatório. Geralmente, consigo falar com as famílias e, caso apareça alguma dificuldade, sempre posso contar com a ajuda da associação dos moradores, que é muito ativa localmente. Isso facilita muito.

Finalmente, chegamos à Nova Maré, um local que mexe muito comigo, por ser uma favela onde as vulnerabilidades estão à mostra, por falta da presença do poder público. Faltam muitos serviços e o principal deles é o saneamento básico. A estrutura das casas é precária, porque foram construídas há muitos anos. O esgoto passa na frente delas, atraindo bichos peçonhentos, o que provoca doenças de pele nas crianças e nos animais de estimação. Não é raro ver gatos e cachorros com sarna. Na Nova Maré, fica a Lona Cultural Herbert Vianna, administrada pela Redes da Maré, que faz muita diferença na vida dos moradores da região, oferecendo projetos como o Nenhum a menos e a alfabetização para mulheres, além de ter uma programação regular de eventos culturais.

A comunidade conta ainda com instituições que, de certa forma, ajudam a diminuir tantas dificuldades encontradas ali. Tem o projeto Uerê, que oferece complementação pedagógica aos estudantes das escolas públicas, e a Vila Olímpica da Maré, que é voltada para o esporte, atendendo tanto crianças e adolescentes, como também oferecendo muitas atividades para mulheres.

A população da Nova Maré é muito receptiva, um povo que mesmo sofrendo pela ausência do poder público, está sempre com o sorriso nos rostos, me recebendo muito bem. As crianças e adolescentes dali, normalmente, estudam nas escolas do Campus Maré, na Nova Holanda. E a clínica de saúde de referência é a Jeremias, que, como já falamos, não dá conta de tanta procura de gente de todas as favelas do entorno.

Quando estou em campo, minha responsabilidade de cidadã parece aumentar. A responsabilidade de lutar pelos direitos de quem é meu vizinho, de quem, por falta de informação e de acesso, não sabe que é merecedor de atenção por parte do poder público. Eu aprendo todos os dias e luto todos os dias para mudar a realidade que vejo à minha volta. Tenho consciência da minha responsabilidade e essa é a minha luta.



Parque União, Roquete Pinto, Piscinão de Ramos e Conjunto Marcílio Dias,

por Débora Garcia

Trabalhar, desde 2015, na busca ativa escolar me mostrou, na prática, que mais do que conseguir uma vaga na escola mais próxima das casas de crianças e adolescentes, é preciso pensar em políticas que tratem da permanência e do bom aprendizado nas unidades de ensino, que devem atender de forma equânime a todos os estudantes. É sobre isso o nosso trabalho diário de articulação nas favelas da Maré. Nos últimos anos, o número de unidades escolares na Maré aumentou bastante, mas os mareenses seguem precisando de mais atenção do poder público. Um território tão diverso, onde cada comunidade apresenta características próprias, é tratado pelo estado e pelo município de maneira indiscriminada, sem que sejam levadas em conta essas particularidades.

Apresentar os territórios da Maré pelos quais me responsabilizo não é um passeio linear. Roquete Pinto, Piscinão de Ramos e Conjunto Marcílio Dias estão mais distantes do que o senso comum conhece como bairro Maré. E são de fato regiões bem diversas entre si. Já o Parque União é um dos lugares que podem ser chamados de cartão postal da Maré. O PU faz divisa com o Parque Rubens Vaz, sendo delimitado também por três grandes vias urbanas: Avenida Brasil, Avenida Brigadeiro Trompowski e Linha Vermelha. Ali a vida pulsa, embalada pelo famoso polo gastronômico que atrai gente de toda a Zona Norte, principalmente nos fins de semana. A praça do PU é um lugar de encontros, perfeito para beliscar e conversar, enquanto as crianças brincam. Andar pelo Parque União é ter a sensação de passear pelo subúrbio de outros tempos: casas com portões de ferro, praças e ruas arborizadas. Minha identificação é imediata.

A contradição ali é que, apesar de ser uma favela mais desenvolvida, com uma população com poder aquisitivo mais alto em comparação com outras, os obstáculos de acesso à educação não deixam de se fazer presentes.

De novo, há muitas questões para que crianças e adolescentes consigam persistir nos estudos e, na minha opinião, muitas vezes os problemas são naturalizados pelos próprios moradores. Primeiro, as vagas para o Ensino Fundamental na única escola mais próxima, a Escola Municipal General Napion, são disputadíssimas, e vão somente até o 5º ano regular, além de oferecer uma turma apenas de 6º ano, do programa Acelera Carioca, para estudantes com defasagem escolar. Além de ser procurada pelas famílias do PU, é uma opção para quem vive na Roquete Pinto.

E, obviamente, é impossível acomodar tanta procura, obrigando a grande parte dos moradores da Parque União a procurar vagas em escolas mais distantes, localizadas do outro lado da Avenida Brasil, em Bonsucesso e Ramos, porque preferem não deixar seus filhos nas unidades escolares do Campus Maré, pelo temor de briga de facções ou de operação policial. O medo é não conseguirem acessar as escolas em momentos de confronto, para que retornem com seus filhos, em segurança, para casa. Não existe nenhuma escola do 6º ao 9º ano próxima.

Para o Ensino Médio, a região conta com duas das quatro escolas estaduais da Maré: a própria General Napion, que à noite é um colégio estadual, e o CIEP 326 Professor César Pernetta. Normalmente não sobram vagas para o Napion, apesar de estar localizado num local que à noite é mais ermo. Uma demanda constante para esse colégio não atendida é a Educação para Jovens e Adultos para o Ensino Médio.

Já o César Pernetta tem turmas em três turnos, sendo que o horário da manhã é muito disputado, atraindo moradores do PU, da Nova Holanda e do Parque Maré. São de quatro a seis turmas de cada um dos três anos letivos, em cada turno. Ou seja, há muita oferta e o gargalo maior são as vagas para o primeiro ano do Ensino Médio, pela manhã.

Na área de saúde, a referência é a Clínica da Família Diniz Batista dos Santos, que aparentemente, passa pelas mesmas questões dos outros equipamentos da Maré: o atendimento médico é demorado, as equipes dificilmente fazem visitas às casas dos moradores e, apesar de oferecer atendimento psicológico, as demandas atuais para tratamento da saúde mental são tantas que é impossível dar conta.

É no Parque União que fica, também, a Casa das Mulheres, equipamento da Redes da Maré que pode fazer muita diferença na vida das moradoras que buscam acessá-lo. Há qualificação profissional para mulheres e adolescentes, atendimento sociojurídico e psicológico, além de atividades regulares de arte e cultura para as meninas – discussões sobre sexualidade, gênero e raça.

Atravessando a Avenida Brigadeiro Trompowski, chegamos a dois territórios vizinhos: Roquete Pinto e Piscinão de Ramos. São comunidades de grandes silêncios, onde meu trabalho de articulação é muito pontual, pois, aparentemente, os moradores dali têm poucas demandas de ajuda. Os casos de crianças e adolescentes fora da escola costumam se concentrar na região da ocupação da Roquete, próxima ao Parque União, que recebe muita gente vinda de outros estados. Pessoas que normalmente precisam de orientações, tanto para a parte escolar de seus filhos, como sobre todos os demais serviços ofertados na região.

Conhecido na cidade como uma área de lazer e divertimento, o Piscinão de Ramos é um lugar bem cuidado, com ruas residenciais, onde não há muito movimento de gente indo e vindo. A área de lazer colada ao Piscinão, propriamente dito, conta com uma variedade de barracas de serviços para quem vai se divertir ali. Também nessa região fica a única escola local, o CIEP Leonel de Moura Brizola, que durante o dia tem turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) e dos Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e, à noite, oferece aulas de Educação de Jovens e Adultos, do 1º ao 6º ano. Sempre que procuro a escola, recebo a informação de que ali não há crianças ou adolescentes infrequentes.

Na região do Piscinão de Ramos, há ainda uma unidade da Fundação Leão XIII, que oferece serviço de documentação, além de orientação para vale social e carteira de trabalho, entre outros assuntos. Na parte da saúde, a referência é a Clínica da Família Américo Velloso, que é muito procurada por ter uma variedade de atendimentos médicos e que parece dar conta das demandas. Fica também ali o Centro de Atendimento Psicossocial Visconde de Sabugosa, referência para toda a Maré para casos de crianças e adolescentes com transtornos mentais. Trata-se de uma unidade muito requisitada, que atende casos de emergência.

O problema maior no Piscinão de Ramos é quando chove. Para quem está andando nas ruas, é necessário enfrentar a água que costuma ir até a altura dos joelhos, o que não é nada agradável.

Indo ainda mais longe, pois passamos por uma longa área militar, finalmente chegamos ao Conjunto Marcílio Dias, que também é conhecido como Kelson, por conta da fábrica com esse nome que funciona ali. Pensar nessa comunidade é pensar num lugar onde me senti e me sinto acolhida, apesar dos muitos problemas e questões que rondam a região. À primeira vista, Marcílio parece uma cidadezinha de interior, muito pobre, com ruas largas, casas muito antigas. É muito diferente de todas as demais comunidades da Maré, o que interfere na identificação dos moradores com o bairro, junto com a distância das demais favelas mareenses.

Desde que cheguei ali, percebi que minha presença se fazia muito necessária. Fui acolhida imediatamente porque, em Marcílio, falta tudo. A distância de equipamentos públicos atrapalha e deixa uma população extremamente vulnerabilizada isolada. Muitas famílias vivem num galpão, uma grande ocupação. Pessoas com trabalhos precários, temporários, sem carteira assinada. Muitas delas vivem da reciclagem de ferro velho. Por isso, durante os primeiros anos da pandemia de covid-19, a entrega de cestas básicas organizada pela Redes da Maré fazia muita diferença ali, e ainda faz, quando acontece.

Temos mais de 40 famílias cadastradas pelo projeto naquela região. É comum chegar na casa dos moradores de Marcílio e encontrá-los sem gás ou qualquer comida. Há problemas de saneamento básico e falta de água.

Como se não bastasse tudo isso, em 2022, Marcílio foi a favela da Maré que passou por mais operações policiais, trazendo muita tensão para toda a comunidade. Há um posto militar e dois blindados permanentemente estacionados em frente à Associação de Moradores. Por outro lado, há apenas uma escola, a Escola Municipal Escritor e Compositor Gonzaguinha, com turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, uma creche, a Associação Centro Educacional Rebral, e um posto de saúde, onde é muito comum não ter os medicamentos necessários aos moradores. Quando têm necessidade de qualquer tipo de documento ou serviços, precisam ir ao Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Bonsucesso. Por isso mesmo, o projeto Maré de Direitos, da Redes da Maré, costuma fazer um dia de plantão por mês na associação de moradores, tirando dúvidas e encaminhando os moradores para atendimentos dos mais variados. Com isso, diante de tantas questões, eu passei a ser uma intermediária numa favela que pouco tinha suas demandas acolhidas e ouvidas.

Vivo, em conjunto com os moradores, uma realidade composta por uma sensação de insegurança que nos acompanha a todo momento. É nítido que ruas onde antes havia movimento de crianças brincando e adultos conversando despreocupadamente, hoje se esvaziaram. Poucas pessoas passam e permanecem nesses espaços, por conta da presença dos policiais.

Ao circular, você tem incertezas, não sabe se vai encontrar um representante do varejo de drogas ou um agente de segurança do estado. Essa instabilidade afeta a todos por igual. E isso tudo também afeta os estudantes que precisam sair da comunidade para estudar. Estudar em Marcílio é resistir, visto que a única escola é insuficiente para atender todas as crianças do local.

A realidade das vagas nas escolas e a falta de acesso a informações podem ser desoladoras, mas precisamos seguir andando pelos becos e vielas, incansavelmente, por toda menina na escola.

Foram muitos os desafios e aprendizados nestes três anos do projeto **Toda Menina na Escola**. Se a crise sanitária planetária nos atropelou em março de 2020, logo no momento previsto para o início da busca de crianças e adolescentes fora da escola, nas 16 favelas da Maré, a erradicação e a prevenção da infrequência e da evasão escolar nunca foram tão necessárias.

E a comprovada experiência da Redes da Maré no desenvolvimento de ações coletivas para impactar positivamente a vida dos marenenses nunca foi tão bem-vinda. Quebramos a cabeça para dar conta dos objetivos do projeto e contribuir para o rompimento das barreiras que afastam as meninas da escola.

As ações e resultados apresentados nesta publicação nos inspiram para continuarmos, porque a garantia do direito à escola das crianças e adolescentes vulnerabilizados é um trabalho longo e contínuo de integração intersetorial e transformação de políticas públicas. Um compromisso coletivo. Ainda mais depois do período da pandemia, com o acirramento das desigualdades já tão presentes no nosso país, além da temporada de muitas incertezas políticas.

Não podemos nos esquecer de todos os percalços enfrentados desde 2020, a começar pelo momento político delicado no Rio de Janeiro, com o impeachment do então governador Wilson José Witzel, em abril de 2021; e a polarização acentuada durante a disputa ao cargo de presidente, nos últimos meses de 2022. Outro ponto marcante foi a falta de articulação política entre estados, municípios e o governo federal durante a pandemia, enquanto o Ministério da Educação centrou suas (poucas) ações na divulgação de guias de proteção contra a covid-19, sem medidas mais efetivas para aplacar as dificuldades do ensino remoto durante o isolamento.



**Próximos
passos**

Os prejuízos na educação foram e continuam sendo imensuráveis, ainda mais para estudantes das escolas públicas, como os moradores da Maré.

Neste cenário tão complexo, corremos contra o tempo para dar conta dos objetivos do **Toda Menina na Escola**. Os aprendizados foram muitos e seguem orientando os nossos próximos passos para uma melhor compreensão do contexto educacional da Maré. Seguimos na busca de soluções dos problemas estruturantes, que ainda permitem que crianças e adolescentes em idade de educação obrigatória estejam fora da escola.

A experiência no campo mostrou que a evasão escolar pode estar relacionada com fatores extraescolares, mas que características intraescolares também são fundamentais para a retenção do estudante na escola. Não se trata apenas de acesso e permanência. Mas acesso, permanência e oferta de um processo de ensino e aprendizagem que faça o estudante se sentir instigado e com vontade de voltar para a escola no dia seguinte.

Sabemos que todo esse conhecimento produzido e os dados coletados já ampliaram e vão continuar ampliando o trabalho de incidência política da Redes da Maré junto às secretarias de Educação do município e do estado e com as escolas locais. Seguimos lutando por políticas públicas de educação de qualidade, mais alinhadas às especificidades do nosso território. Lutando para que nossas crianças, adolescentes e suas famílias sejam vistos como cidadãos de fato, com todos os seus direitos respeitados.

Nesse sentido, nossos próximos passos abrangem:

1. Acompanhamento das crianças e adolescentes cadastrados no banco de dados do projeto: através da mobilização e articulação local e intersetorial, para atendimento às múltiplas demandas das famílias, na perspectiva da garantia e manutenção das condições de acesso de qualidade à escola.

2. Continuidade do processo de incidência política para a melhor distribuição das vagas, principalmente, nas 46 escolas municipais, e para a ampliação do número de escolas de Ensino Médio: através da manutenção do grupo de trabalho formado pela Redes da Maré, Conselho Tutelar, 4ª Coordenadoria Regional de Educação (órgão local) e Secretaria Municipal de Educação (órgão central); e da continuidade de participação no Conselho Gestor do Colégio Estadual Professor João Borges, além da parceria com as outras três escolas da Rede Estadual de Educação;

3. Contribuição para melhoria da qualidade do ensino oferecido, principalmente, nas escolas do segundo segmento do Ensino Fundamental: através de participação em reuniões pedagógicas; estabelecimento de parcerias com universidades públicas para oferta de cursos de formação para professores e equipe pedagógica, dentro da perspectiva da educação pautada nas questões de gênero, raça e identidade; oferta de atividades pedagógicas para estudantes, através de parceria com o Preparatório para Ensino Médio da Redes da Maré; realização de atividades com os grêmios escolares das escolas que atendem aos Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano).

4. Contribuição para maior participação das famílias no cotidiano das escolas dos Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano): criação de grupo de mães, pais e responsáveis, buscando trazer as famílias para o diálogo com as escolas, para a compreensão das questões que interferem negativamente no cotidiano escolar. O foco é promover o trabalho coletivo para o fortalecimento das cinco escolas que atendem a esse segmento de ensino na Maré.

5. Incentivo à discussão sobre a reposição das aulas suspensas nos dias de conflitos armados e do debate sobre a carga horária diária oferecida pela rede municipal: ações que serão fomentadas, inicialmente, nos grupos de mães e pais, subsidiadas por informações de horários de funcionamento de escolas fora da Maré, assim como por dados do Boletim de Segurança Pública da Maré, lançados anualmente desde 2016.

Por fim, esperamos que a experiência do **Toda Menina na Escola** possa ser replicada em outras partes do Rio de Janeiro, considerando as especificidades de cada região e levando em conta que $\frac{1}{3}$ da população carioca vive em favelas. Solucionar ou ao menos sensibilizar os gestores públicos para a grave situação de falta de vagas nas escolas da Maré e contribuir para garantir o acesso e permanência de meninas mareenses na escola podem ser experiências inspiradoras para as outras áreas da cidade. Esperamos que, assim, o alcance do nosso projeto seja muito maior, porque o futuro é hoje.



Referências

BELFORD, Marcelo Castro; NÓBREGA, Edson Diniz. Educação Pública, Democrática, Humanista e de Qualidade nas Periferias e Favelas: Utopia ou Realidade? Um breve relato da experiência do C.E. Professor João Borges de Moraes. *In*: Farage, Eblin e Santo, Andréia Martins de Oliveira (org.) **Educação pública no conjunto de favelas da Maré: desafios e potencialidades**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2023.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In*: Alexandre, Marcos Antonio (org.). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

FARAGE, Eblin e SANTO, Andréia Martins de Oliveira. Os desafios da educação para favelas e periferias: analisando o conjunto de favelas da Maré. *In*: **Educação pública no conjunto de favelas da Maré: desafios e potencialidades**. Rio de Janeiro: Mórula, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação: ensaios**. São Paulo: Cortez, 2001.

G1/GLOBO. **Município do Rio contabiliza 25 mil alunos que abandonaram a escola**; evasão na rede estadual pode chegar a 80 mil estudantes. Rio de Janeiro: G1/Globo, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/10/18/municipio-do-rio-contabiliza-25-mil-alunos-que-abandonaram-a-escola-evasao-na-rede-estadual-pode-chegar-a-80-mil-estudantes.ghtml>>.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

HUDSON-WEEMS, Cleonora. **Mulherismo africana recuperando a nós mesmos**. São Paulo: Ananse Editora, 2021.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

REDES DA MARÉ. **Boletim Direito à Segurança Pública na Maré**. Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2023. Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/RdM_Boletim_direito_SegPubli23.pdf>.

REDES DA MARÉ. **Censo Populacional da Maré**. Rio de Janeiro: Redes da Maré., 2019. Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/CensoMare_WEB_04MAI.pdf>.

REDES DA MARÉ. **Covid-19 e o acesso à educação nas 16 favelas da Maré**: impactos nos Anos Finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2022. Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/Educacao_Pesquisa_Mare.pdf>.

REDES DA MARÉ. **Educação de Meninas e covid-19 no Conjunto de Favelas da Maré**. Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2021. Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/pesq_covid_mare_PORT_web60369a328ca93.pdf>.

REDES DA MARÉ. **Nenhum a Menos... e muitos esforços a mais!** Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2008. Disponível em: <<https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/-Nenhum-a-menos5dc62d17076c3.pdf>>.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SILVA, Eliana Sousa; AROUCA, Luna (org.). **Maré diz NÃO ao Coronavírus**: A jornada da Redes da Maré por saúde e direitos durante a pandemia. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2021.

SILVA, Eliana Sousa. **Testemunhos da Maré**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2012.



Equipe do Toda Menina na Escola

Acompanhamento institucional:

Andréia Martins

Coordenação do Eixo Educação:

Alessandra Pinheiro

Daniel Remilik

Coordenação Geral:

Alessandra Pinheiro

Supervisora de campo:

Elza Aleixo

Articuladoras locais:

Claudia Martins

Débora Garcia

Nivia Melo

Tereza Onã

Vanessa Garcia

Zeneida Duarte

Monitoramento e Avaliação:

Alessandra Prado

Bianca Cambiaghi

Juliana Leite

Comunicação:

Adriana Pavlova

Expediente:

Coordenação editorial:

Adriana Pavlova

Alessandra Pinheiro

Andréia Martins

Textos:

Adriana Pavlova

Alessandra Pinheiro

Andreia Martins

Cláudia Martins

Débora Garcia

Elza Aleixo

Nívia Melo

Tereza Onã

Vanessa Garcia

Zeneida Duarte

Revisão:

Fernando Mendes

Coordenação do Setor Comunicação

Institucional:

Geisa Lino

Projeto gráfico:

Juliana Barbosa

Diagramação:

Juliana Barbosa e Adriana Reis


Fotos:

Douglas Lopes e Patrick Marinho

Produção:

Bia Policicchio

WWW.REESDAMARE.ORG.BR

 21 99924-6462

   REESDAMARE

APOIO: **MALALA.**
FUND

REALIZAÇÃO: **rede^{da}mqré**

Toda m
na Esce
menina
scola

Toda m
na Esce